REVISTA DA SEMANA

7 13-2-54 Cr$ 5,00



JÁ COMEÇOU O CARNAVAL

gôsto

H-88.244

★MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES★ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES★ESTATÍSTICAS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ EX-LIBRIS ★ AVENTURAS★HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLÍTICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA★

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO





★ ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES ★ ...ICAS ★

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 7 — 13-2-54

SUMÁRIO

a noite para o dia 8/13
s poetisas do Brasil 14/17
dro Bloch 20/21
ntasias 30/33
ai começar o Festival de Cinema 40/43
Revista da Semana» homenageia em São Paulo 44/47
á começou o carnaval 48/51
fonso Arinos 52/53

verso 3
Conferência de Berlim 4/5
or êsse mundo de Deus 6/7
pêlo 19
emana Literária 24/25
volta da primeira noitada 26/27
eek-ende na cozinha 34
onversa de mulher 38
m pouco de beleza 39
emana em Revista 54/55
emana Política 56/57
ltimo flash 58

apa:
PALHAÇO (Foto de A. Schultze)

Redator-Chefe: **Joel Silveira**
Assistente: **Hélio Abreu**
Paginação: **Victor Tapajós**
Desenhos: **Alberto Lima**
Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

decana das revistas nacionais. Preiada com medalha de ouro na Expoição de Turim de 1911 e os Grandes rêmios nas Exposições de Sevilha e ntuérpia, em 1939, e na Feira Internaonal de São Paulo em 1933. — Propriede da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

Diretor: **Gratuliano Brito**
Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
edação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

a Africa Oriental Portuguêsa: D. Spaos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marues. Em Portugal: Helena A. Lima, aveida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º disrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na rgentina: Interprensa, Florida 299, teleone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. em agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

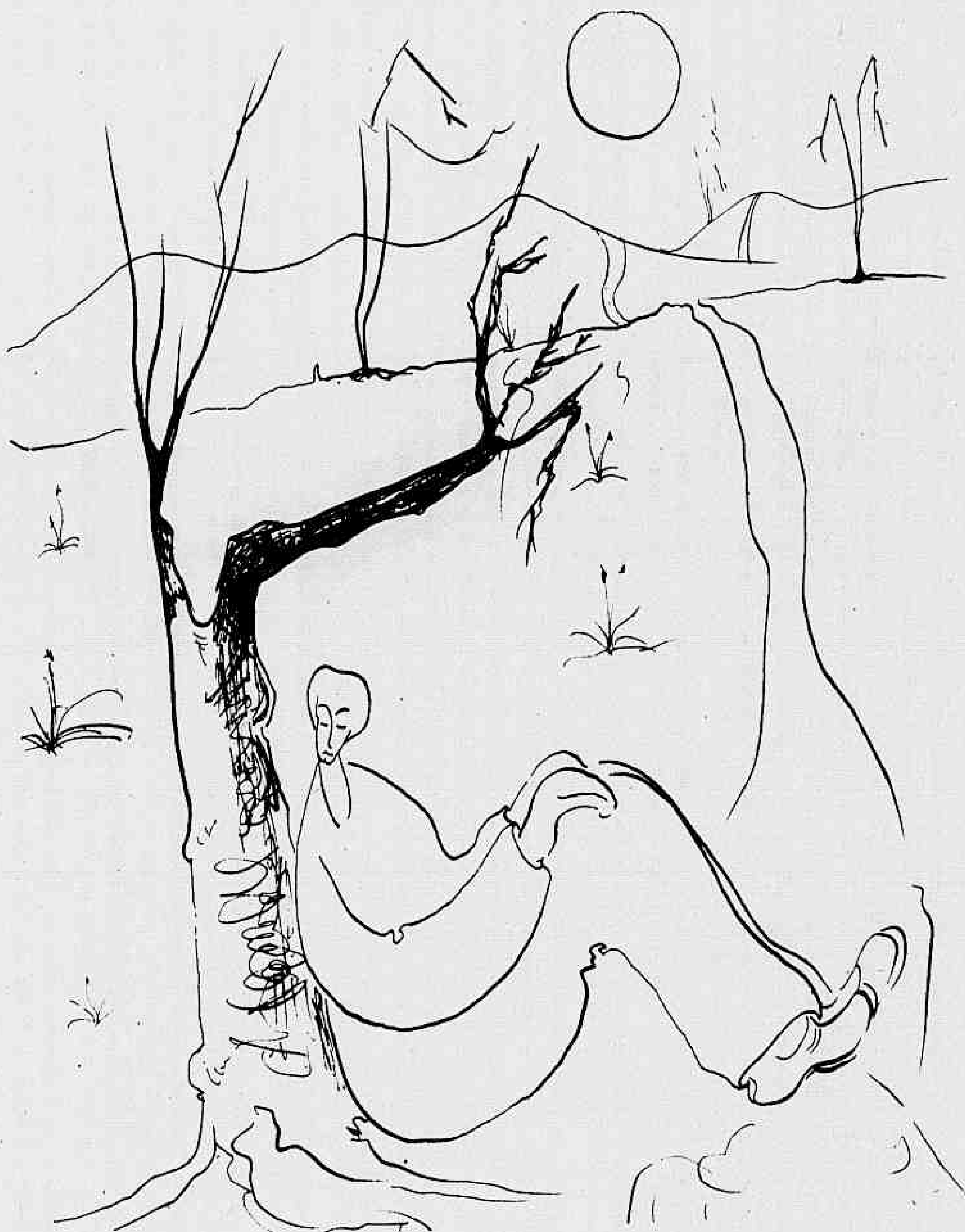
Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

O Verso

JOEL SILVEIRA



(Ilustração de **MARIA TEREZA**)

UM verso — sòmente um, estendido como uma estrada sem desvios ou como uma vaga perene, levando e devolvendo as emoções. Não apenas os momentos ainda vivos, mas tôdas as horas, mesmo as mais distantes.

Não teriam os olhos que voltar atrás e se ferir na busca do que já não se mostra, diluído pelo tempo; e ao coração necessitado estariam sempre presentes os minutos que deixaram marcas profundas.

•

UM verso sòmente, apenas um, removendo a pátina e se estirando do princípio ao fim, na sua música uniforme. Como nos caminhos longos, o corpo e os sentidos poderiam descansar à sombra do que fôsse revivido ou sonhado, sem que as angústias tivessem que perseguir bálsamos impossíveis ou o peito inquieto cansasse na procura de cantos novos. Que tudo há de viver no Verso, escondido ou apenas disfarçando no seu estranho tecido composto de mil apelos, mil gritos, mil respostas e mil raízes.

•

ESCREVA o cantor êsse Verso em letras definitivas; escreva-o com lágrimas e sangue, com tôdas as inquietações, com as alegrias tôdas, o mêdo e a dúvida. Que Êle seja escrito quando estiverem despertos todos os sentidos ou quando mais doam as chagas.

•

QUE Êle seja escrito sem tremor na mão, sob um sol a pino.

A PAZ NÃO LUCROU MUITO COM

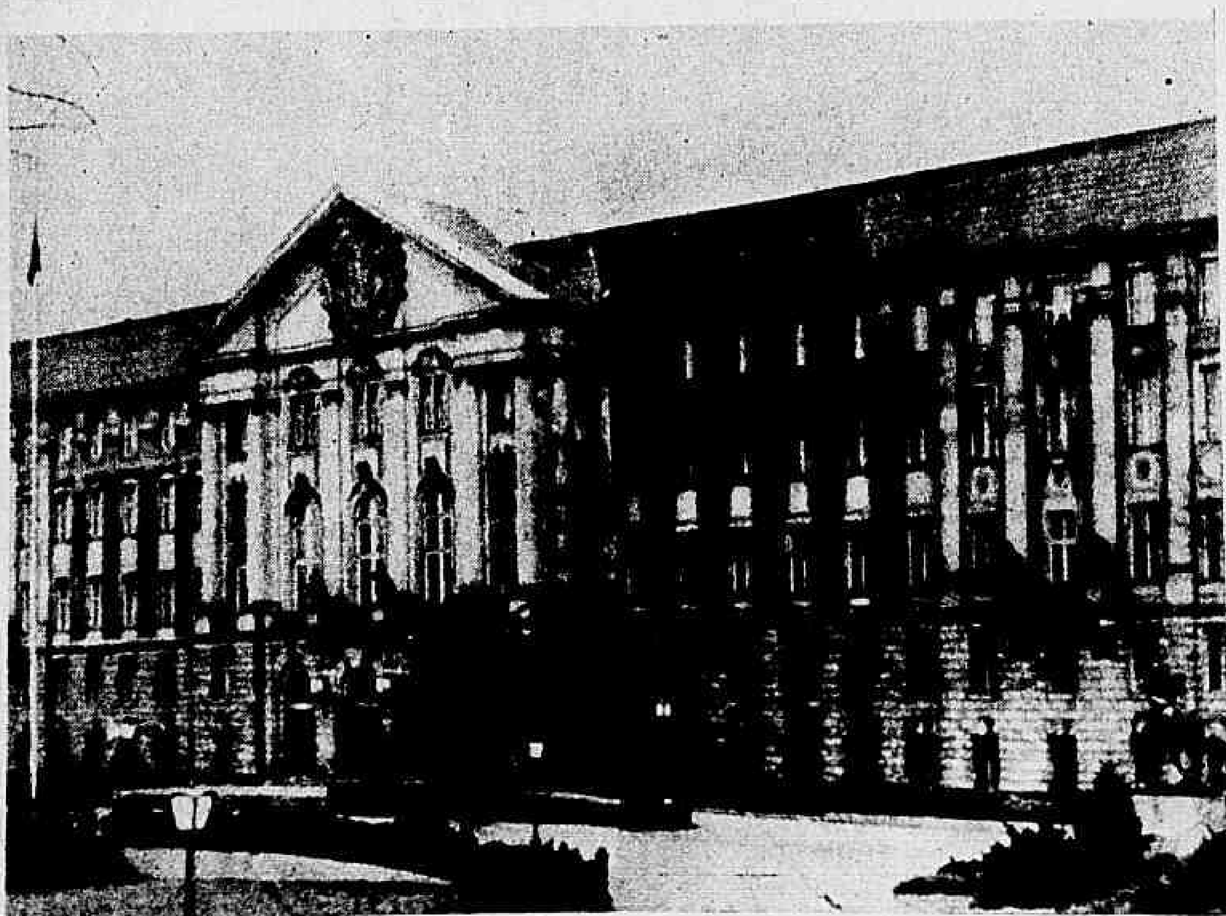


Vista da sala da Conferência de Berlim, a 25 de janeiro.

A CONFERÊNCIA DE BERLIM

DURANTE DIAS SEGUIDOS (E EM LOCAIS DIVERSOS) OS «QUATRO GRANDES» ENTENDERAM-SE E DESENTENDERAM-SE ★ E TUDO, NO ÂMBITO DA POLÍTICA INTERNACIONAL, FICOU COMO ESTÁ PARA VER COMO FICA.

(Fotos KEYSTONE)





A fotografia mostra os dois edifícios onde, alternadamente, funciona a Conferência. O prédio à esquerda é o da Embaixada Soviética, em «Unter den Linden». O outro, aqui estampado, é o «Kontrollrats-Building», situado na Berlim Ocidental.



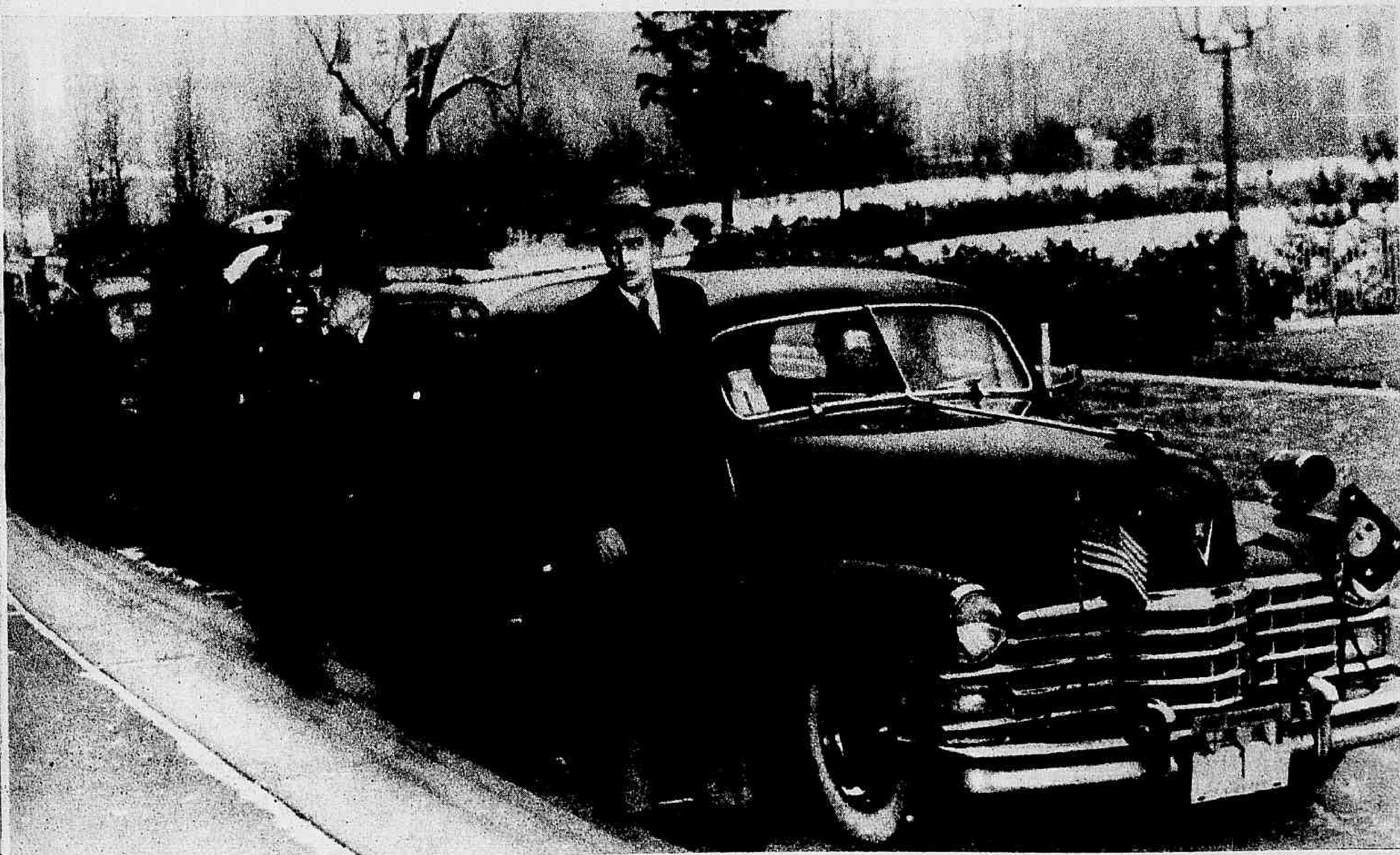




À esquerda: Anthony Eden, da Grã-Bretanha, chegando à Conferência. Ao centro: Molotov palestra com Bidault, enquanto Eden apenas ri. À direita: Delegação soviética: Molotov, Gromyko e Malik chegando ao local da Conferência, a 25 de janeiro.

A última semana de janeiro dêste ano foi assinalada por um dos mais importantes acontecimentos internacionais — a Conferência dos Quatro Grandes em Berlim. Embora se trate de um encontro de chanceleres ou embaixadores e não dos próprios chefes de govêrno dos respectivos países, não se pode ocultar a relevância do caso, que traz ao mundo, estonteado pela tensão internacional, um raio de esperança na consolidação da paz. A Inglaterra, os Estados Unidos e a França, de um lado, enfrentam os delegados da URSS, que, sòzinhos, encarnam o mundo oriental.

Até agora parece que nada de positivo foi realizado, permanecendo os países ocidentais dentro de seus pontos de vista, liderados pela política de Washington, e, por sua vez, os representantes soviéticos, a fazer fincapé em prol de seu programa político: obter a inclusão da China de Mau-Tse-Tung numa próxima Conferência dos Cinco Grandes. Como era de esperar, os Estados Unidos, pela voz do sr. Foster Dulles, repeliram a sugestão, declarando firmemente que a nenhuma conferência compareceriam se a China estivesse também presente. A URSS, porém, insiste em favor da China, apresentando suas razões de vizinho e aliado. A divergência não parece aproximar-se de uma conclusão favorável ao entendimento das potências separadas pelos interêsses em conflito no Oriente, razão por que os observadores estão a julgar que dêsse conclave não vai sair nada de bom e prático. As dissensões persistem e o desentendimento entre Oriente e Ocidente avulta na própria troca de ataques recíprocos na esperançosa Conferência de Berlim dêste começo de ano novo, já com letra minúscula.



Foster Dulles, Secretário de Estado norte-americano, chegando ao edifício da Conferência, no dia da inauguração.

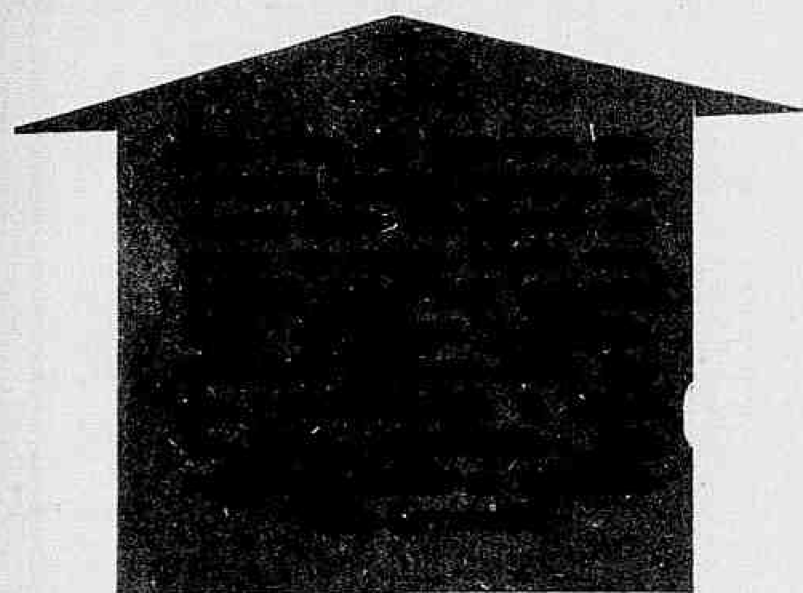
Por êss
Mundo
de Deu

● **Como se ganha ou se perde a vida** — vinte um anos, em Atlantic City, a jovem Lore Carver realizava o perigoso número de pre pitar-se no mar, montada em um cavalo, s tando de um trampolim metálico de doze met de altura. A proeza chegou a ser celebra por um dramaturgo americano. Passaram-se anos e Lorena Carver, parece que desiludi de tentar ganhar a vida de outra mane menos violenta, voltou agora a executar s antigo número, ao preço de cinqüenta dóla por semana. A tresloucada senhora tem ag mais de quarenta anos. O flagrante é atu

● **O gangster** — Lucky Marciano aceitou, cem milhões de liras, filmar em Roma, sob direção de Eduardo de Filipo, a história de s vida, fita de que êle será o assunto e o a desde que possa censurar as cenas que pareçam nocivas à sua... brilhante carrei

● **As Bermudas** — Em «A Tempestade», S kespeare se refere às Bermudas, pela bôca Ariel: «As Bermudas, de constantes temp tades...» De fato, quando os Três aí encontraram uma tempestade séria os receb

● **Edouard Hérriot** — O homem que se recus a ser presidente da França, por cumprir palavra anteriormente dada de que não se candidato, vai retirar-se da vida política voltar à vida literária: pretende terminar s história de Lyon e escrever poemas.





[illegible] (Foto APLA)

● IGOR STRAVISNSKY conta 71 anos de idade, nasceu na Rússia, filho de um baixo, que o desejava ver formado em direito. Magro, calvo, bigodes, cara de roedor. A maior influência musical depois de Wagner, segundo muitos críticos. Baseado na politonia, introduziu na música harmonias dissonantes. Estudou direito e música em São Peterburgo, tendo sido aluno de Rimsky-Korsakov. Êste, muito severo, não o encorajou na carreira de compositor. O primeiro sucesso de Stravinsky, no entanto, foi justamente uma sinfonia que escreveu para o casamento da filha de seu professor. Aos vinte e sete anos, Diaghilev pediu-lhe para escrever um «ballet», tendo êle composto «O Pássaro de Fogo». Montado o «ballet», em 1910, alcançou grande sucesso, tendo Claude Debussy cumprimentado pessoalmentente o autor da partitura. Em 1911, escreveu «Petrouchka, a Sagração da Primavera», estreada em Paris em 1913, foi recebida com vaias e ôvo podre.

● A música de Stravinsky foi de grande importância para o desenvolvimento artístico de Prokofieff, Shostakovitch e Aaron Copland. Mestre consumado da orquestração. Deixando de ser um revolucionário, passou a criar composições neo-clássicas, torneadas, confessando ignorar êle próprio essa reviravolta. Alguns críticos consideram banais suas composições mais recentes. Viveu em Paris até 1930, quando foi para a Califórnia. Sua primeira mulher morreu tuberculosa. Casou-se de novo em 1940, vivendo em Hollywood, em uma pequena casa. É menos rico do que poderia ser. Recusa-se terminantemente a compor, sob encomenda, para o cinema. É bastante teimoso no que respeita às suas convicções sôbre a arte e a vida.



◀ AS GRANDES FIGURAS MODERNAS

CHARLIE CHAPLIN: A HORA MAIS EXTRAORDINÁRIA DE MINHA VIDA



«Quando filmava «Em Busca de Ouro», não imaginava que eu viveria um dia uma das cenas mais dramáticas do filme. O companheiro louco? A cabana em cima do abismo? Não é isso. E' do urso que eu quero falar.

Há meses que eu trabalhava em Hollywood. Essa existência enervante tinha pôsto meus nervos em um estado deplorável, e achava eu que já era tempo de descansar um pouco.

— Venha para nossa casa, disseram-me alguns amigos.

Possuíam êles um pôsto de caça nas montanhas Rochosas, e não hesitei.

Em um instante, enchi minha valise, pus meu saco de viagem no ombro, peguei meu fuzil, e parti para o Grande Norte. Mal cheguei, meus amigos me advertiram:

— Você nunca deve sair desarmado aqui. Ainda que se encontram ursos nessas paragens, e êsses animais solitários são os mais perigosos.

Não acreditava de modo algum nessas histórias mas, de qualquer forma, prestei-lhes atenção.

U'a manhã, saí muito cedo, muitos antes do nascer do sol. Diante de mim, um caminho que eu ainda não palmilhara. A floresta selvagem se estendia na penumbra, e, bordejando um rochedo íngreme, comecei uma longa caminhada. Ao longe, até onde o olhar podia ir, o espetáculo era grandioso. Os primeiros raios de sol iluminavam os contrafortes das Rochosas. Acima dos cumes, as brumas se dissipavam. Apenas os **canyons** guardavam ainda um pouco de sombra.

Êsse admirável espetáculo me maravilhava de tal modo que perdi a noção de tudo que me rodeava. Qualquer coisa se pôs a mexer às minhas costas, mas não dei atenção a isso. Ramos e fôlhas estalaram. Foi então, de repente, que percebi um passo de fêltro que se aproximava de mim. Voltei-me, apoderando-me instintivamente de minha arma... Tarde demais: como um círculo de ferro, as duas patas do urso se apertaram contra mim. Eu não via o animal mas, muito perto de sua cara, sentia seu hálito ardente. No chão, a alguns passos de mim, jazia meu fuzil, inútil. Eu ia morrer asfixiado sem poder atingi-lo.

Não me restava senão que recomendar a alma a Deus, mas, recuando ainda diante dêsse ato de desespêro, pensei no facão de caça que levava à cintura. Com um safanão, eu o agarrei com minha mão esquerda e, cegamente, sem saber bem o que fazia, golpeei para trás, ao acaso. Transido de pânico, era incapaz de pensar que quer que fôsse, e esperava simplesmente escapar ao amplexo do animal, depois apanhar meu fuzil. Ainda hoje, não sei o que aconteceu. Feri mortalmente a fera ou, assustada, ela teria desistido? Em todo caso, ela afastou as patas e, sem cuidar de meu fuzil, sem dar uma só olhada para trás, pus-me a correr tão depressa quanto minhas pernas permitiam para o pôsto de caça».

DISSERAM — A cantora Virginia Zeani, que faz grande sucesso na Inglaterra: "O uisque é a única bebida que me ajeita a voz quando tenho de interpretar um papel fatigante. Chego a gargarejar com essa boa bebida escocesa..."

O FAMOSO maestro William Furtwaengler: "Nunca admiti mulheres na orquestra, porque das duas uma: ou ela é bonita e perturba os músicos, ou é feia e me perturba."

A CARICATURA DA SEMANA



— Pensar que eu tenho de esperar 20.000 anos para que descubram meu talento!...

Muita coisa pode acontecer



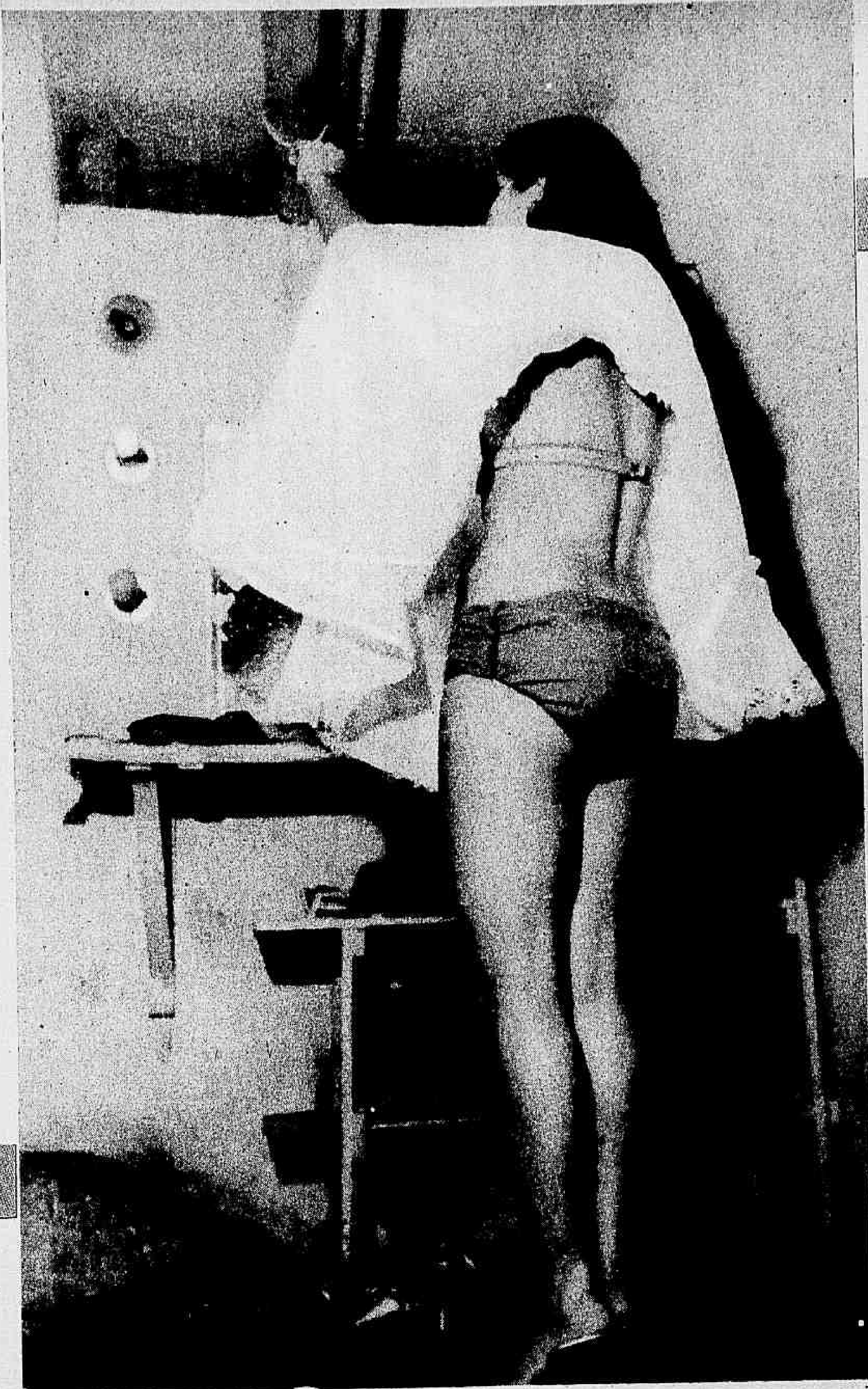
DA NOITE PARA O DIA

ANTES DO SOL NASCER, HOMENS TOMAM UÍSQUE, LIMPAM A CIDADE, PERMANECEM EM VIGÍLIA ★ MULHERES GANHAM O DIA COM A NOITE ★ UM CRIME NO APARTAMENTO, UMA CRIANÇA NASCENDO, GENTE VIVENDO A VÉSPERA ★ E EXISTE O VÍCIO, A MISÉRIA, A SOLIDÃO E O DESESPÊRO ★ MAS NADA IMPORTA: AMANHÃ SERÁ OUTRO DIA.

Reportagem de LEON ELIACHAR

A CORISTA

põe seu último traje. E veste a sua própria personalidade. Mais uma noite vencida diante dos refletores (quase sempre quentes) e diante do público (quase sempre frio). No restaurante mais próximo, uma refeição à espera; na porta dos fundos, um homem. O cansaço domina o seu corpo, a ambição domina a sua alma. Bebericar um pouco não faz mal a ninguém. Entra-se no copo e na madrugada. Depois, dormir. Levantar tarde, ensaiar, enfrentar novamente a noite. Sem ver o sol.





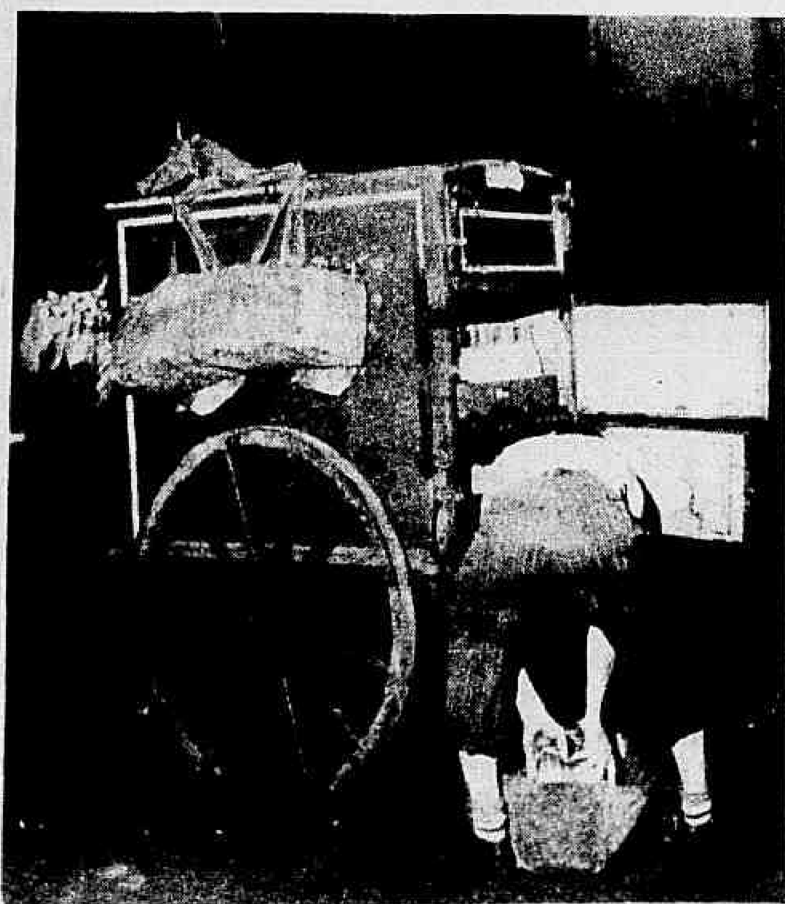
O BOMBEIRO

é um herói anônimo. Está sempre alerta e pronto a atender a qualquer chamado. Seu dia de trabalho se prolonga pela noite a dentro. Nunca tem muitas ilusões. E o fogo nunca tem paz de espírito. Enfrenta a morte para ganhar a vida. Salva famílias inteiras para garantir a sua. Não dorme muito, não sonha, não tem tranqüilidade nos olhos, é a sua eterna rotina.



ELAS BAIXAM A "BANDEIRINHA" DA NOITE

As "taxi-girls" começam a trabalhar às 21 horas e saem às 2 da madrugada. Ganham o dia com a noite. Permanecem sentadas à espera de um "passageiro". Um minuto rodopiando no salão lhes rende 1,50 centavos. Saem sempre cansadas. De dançar ou de esperar. Para elas o "sinal" é sempre verde. Quase tôdas têm um problema sentimental que a vida lhes deu. E o destino lhes cobra agora.



O LEITEIRO

acorda cedo e já enfrenta o batente. Faz a entrega do leite, de porta em porta, arrastando a carrocinha pelas ruas. Tudo parece calmo, tranqüilo. Mas em sua cabeça fervilham problemas estranhos que o seu salário não resolve. Êle leva o alimento do povo até à sua bôca, mas nem sempre tem o que comer.





AURORA NO MEIO DA NOITE

A morte não tem hora certa nem data marcada. E a vida também. E dentro da noite silenciosa, um chôro quase apagado: uma criança nasce. Inocente, completamente cega, vem para um mundo de surprêsas e decepções. Nem sempre tem amparo, nem sempre encontra proteção. E, o que é pior, nem sempre tem pai. E é o próprio mundo quem lhe ensinará a viver.

O GARI

é uma vítima da própria sujeira da cidade. Noite escura, êle caminha, a passos lentos, arrastado pela vassoura. E **vai** colhendo o lixo em sua carrocinha. Pacientemente. Quase sempre velhinho, vai enfrentando o tempo dentro da escuridão. Vive à margem da vida e da calçada. Limpa tudo à noite, para que os outros possam sujar durante o dia.



NA GAFIEIRA

há música, alegria, bebida. A noite entra pela madrugada, saltitante. São improvisados passos grotescos. Homens abraçam mulheres, rodopiam, deixam escapar o ritmo pelos pés. Gritam, pulam, trazem conflitos dentro do corpo escuro: amam, divertem-se, sofrem. Por fora, a côr é outra; por dentro, tudo é rotina.

Da noite para o dia





O CRIME

encontra refúgio na escuridão da noite. Gente estranha e misteriosa fumando maconha, encontrando na entorpecência uma fuga de si mesmos. Homens desajustados perseguindo homens outro tanto. Por quê? Ninguém sabe. Todos correm. A sociedade exige que o homem fuja. E êle sai pela porta da noite e se perde na sua imensidão. E comete seus crimes. E foge. A vida é uma fuga. Mas é aí onde êle encontra novamente a sociedade de braços abertos. Para puni-lo.

"O LEÃO DE CHACARA"

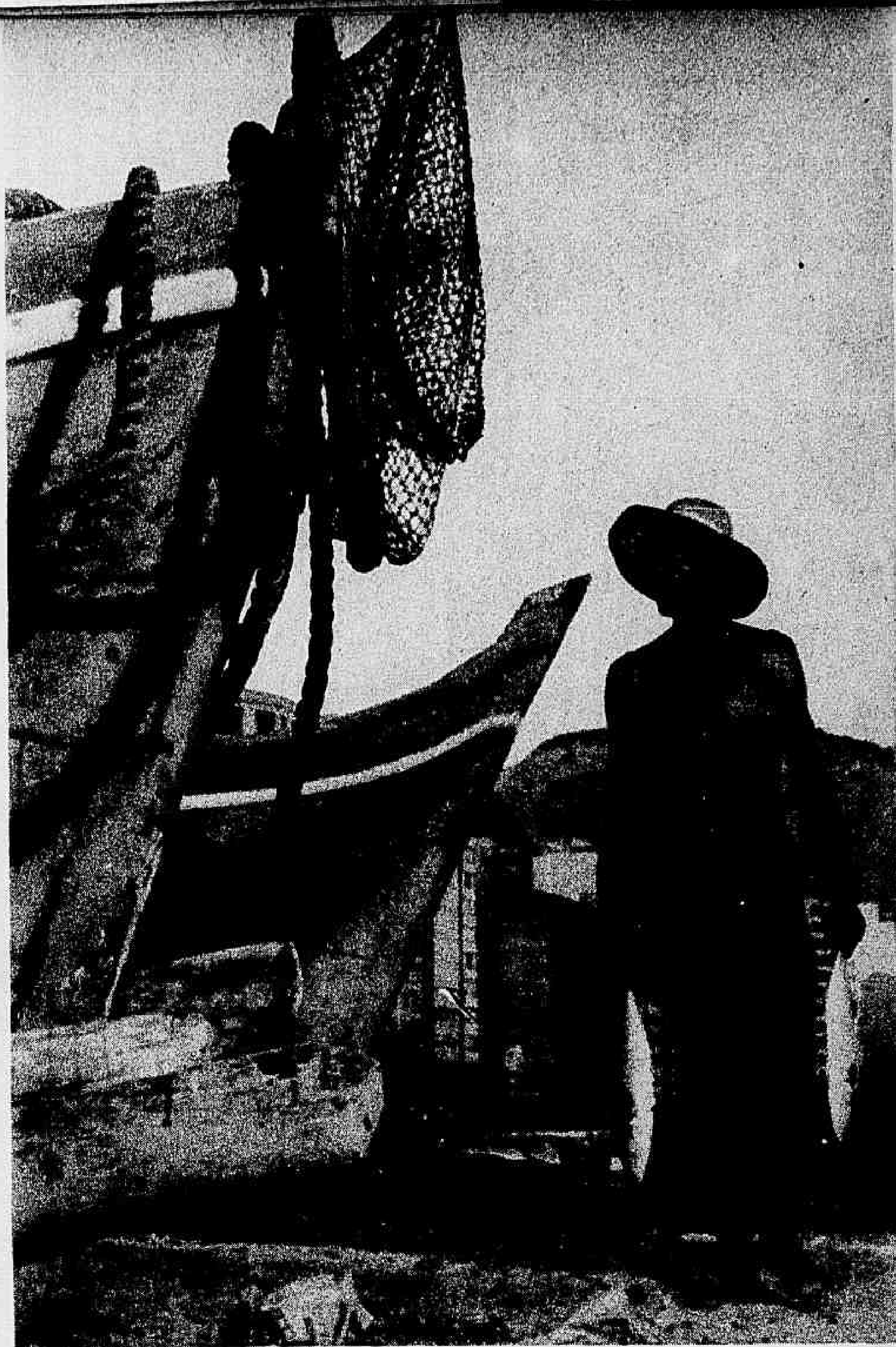
é geralmente uma figura bem nutrida e mal encarada. Sobra-lhe nos braços o que lhe falta na cabeça. Está sempre (contratado) nas portas dos clubes noturnos para manter a segurança dos freqüentadores. Porque no Rio até o divertimento tem de ser garantido pela fôrça bruta. O "leão de chácara" barra pessoas na entrada e põe outras tantas para fora. Sua vida é um eterno risco. Um risco mal pago. E a morte, traiçoeira, pode expulsá-lo dêste mundo. A qualquer momento.



O VÍCIO

se alastra pela noite e domina o homem. Que se torna seu escravo. Não existe mais a vontade nem o raciocínio sensato. As garras do jôgo o controlam e a fôrça do álcool o aniquila. É um suicídio lento, que o consome noite após noite. E êle se perde dentro da sua embriaguês de ambições e se deixa abater na luta contra si mesmo. Pensa em reagir, mas sucumbe diante da realidade, sempre mais forte do que êle. A noite vai cobrindo de luto o seu cadáver ainda vivo e palpitante.





A RONDA

é feita durante horas seguidas pela polícia. Carros da Rádio-Patrulha deslizam, silenciosos, pelas ruas escuras da cidade. São como caçadores em busca da caça. Param aqui e ali e vão arrebanhando mulheres de vida livre, amigas da noite e do pecado. Vítimas também da sociedade. Sem lar, sem pais, sem profissão. Sem passado e sem futuro. Jogadas cruelmente na sarjeta e colhidas para o cárcere. Espancadas e atiradas novamente na rua. Mas elas levam consigo uma lição: aprendem a odiar o mundo. Um disfarçado e alegre.

O PESCADOR

sai da madrugada e volta antes do sol nascer. Lança-se ao mar em seu barco e leva apenas duas armas: a rêde e a esperança. Para êle não pode haver hesitações: as noites frias e o mar revôlto são enfrentados com a mesma resolução. Porque é no mar que êle vai buscar o seu sustento. Há em seus olhos um brilho de orgulho quando vê o fruto do seu trabalho. E um pouco de tristeza, também, porque amanhã correrá os mesmos riscos. E um dia um menino o esperará na praia, soluçando. E sairá num barco à procura do pai.

A MISÉRIA

faz sua cama no asfalto. Êste é o outro lado da noite, que ninguém vê. Porque a velocidade do cadilaque que conduz o milionário embriagado é grande demais. E ninguém gosta de olhar para trás. E o pedestre retardatário que caminha vagaroso, já leva para casa o pêso dos seus problemas. E quer ignorar a dor alheia para só pensar na sua. E os pobres continuam fazendo das calçadas úmidas o seu próprio lar. Daí mudam-se para o túmulo. O definitivo.



Líricas ardentes, angustiadas ou ingênuas, são

AS POETISAS DO BRASIL

GILKA MACHADO CANTA O PECADO, ADALGISA O DESESPÊRO, HENRIQUETA LISBOA NÃO SAI DE CASA E EDUARDA JÁ COMPLETOU SETE ANOS DE IDADE ★ E ATRAVÉS A POESIA DE QUASE TÔDAS PERPASSA UMA INSPIRAÇÃO AUTÊNTICA E CAPAZ DE GRANDES ARREBATAMENTOS.

Reportagem de PAULO CARVALHO

Desenhos de MARIA TEREZA

A primeira poetisa é Safo, **Décima Musa, Flor das Graças,** *famosa pela beleza física, pelos seus versos, pelos seus estranhos costumes amorosos, nascida 600 anos A. C. na ilha de Lesbos. E o mundo sempre deu grandes poetas de saia: Louise Labé, no século XVI, em França, manejando o grego, o latim, o espanhol, o italiano, a espada e o arcabuz, mulher bela e arrebatada, promovida a capitão no exército do delfim.*

E vieram mais tarde Marceline-Debordès-Valmore, a lânguida condêssa de Noailles, a ardente e casta Elisabeth Barret Browning, a doce Christina Rossetti, sem esquecer duas poetisas de gênio em castelhano, Juana Inés de la Cruz, mexicana, e Rosalia Castro, espanhola da infeliz Galicia.

Hoje, a pátria das mulheres poetas é os Estados Unidos, não tanto pela qualidade como pela quantidade, realçando-se a figura de uma velhinha de setenta anos — Mariane Moore — uma das inovadoras da poesia de nosso tempo. No Brasil, nossa primeira poetisa importante é Francisca Júlia (1871-1920), parnasiana cem por cento, impassível, marmórea, mas que se suicidou apaixonadamente debruçada sôbre o caixão do marido. Houve Auta de Sousa, morta tuberculosa aos vinte e quatro anos de idade, e, depois dela, milhares de mulheres que andaram escrevendo do Amazonas ao Chuí os piores versos da língua portuguêsa, bobocas e sentimentalonas. com raras e honrosas exceções...

Gentilmente, as biografias não indicam a idade de Cecília Meireles, possivelmente a maior poetisa de todos os tempos em língua portuguêsa. Já não é uma jovem mas todos ainda admiram a elegância de seu perfil, a claridade dos olhos e da pele. Casada em primeiras núpcias com um pintor português (morto tràgicamente), casou-se mais tarde com o sr. Heitor Grilo, o mesmo que viveu com o ex-prefeito Mendes de Morais a fábula da girafa. Cecília Meireles é carioca, já foi professôra na Universidade do Distrito Federal, tem vários livros publicados, é mãe, entre outras filhas, da atriz Maria Fernanda. Tem viajado o mundo, a convite de diversos países. Pessoalmente, é bastante aristocrática e distante, "serena, isenta, fiel" — como disse em verso.



A TERNURA DE ANA AMÉLIA

● Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça — o «de» atrapalha o alexandrino do nome sonoro de uma poetisa que estreou aos 15 anos, com o livro «Esperanças». Era figura obrigatória em tôdas as revistas do Brasil aí por volta de 1920-1930. Duplicou a sua popularidade com suas atividades no meio estudantil. Eleita em 1928, aos 32 anos de idade, «Rainha dos Estudantes», fundou no ano seguinte a «Casa do Estudante do Brasil», que contou também com a vibração juvenil de Pascoal Carlos Magno. Nasceu no Rio, terra natal de tantas poetisas: Cecília Meireles, Adagilsa Neri, Gilka Machado, Maria Eugênia Celso, Maria Isabel...

A GRAÇA DE MARIA EUGÊNIA

● Maria Eugênia Celso, filha do conde (porque me ufano) de Afonso Celso e neta do visconde de Ouro Prêto, foi uma garôta precoce. A morte de um filho de poucos meses a levou a escrever «Vicentinho», em prosa. Como poetisa («Fantasias e Matutadas», «Alma Vária», «Em Pleno Sonho», «Jeunesse») gozou de certa graciosidade de expressão. Passou de moda.

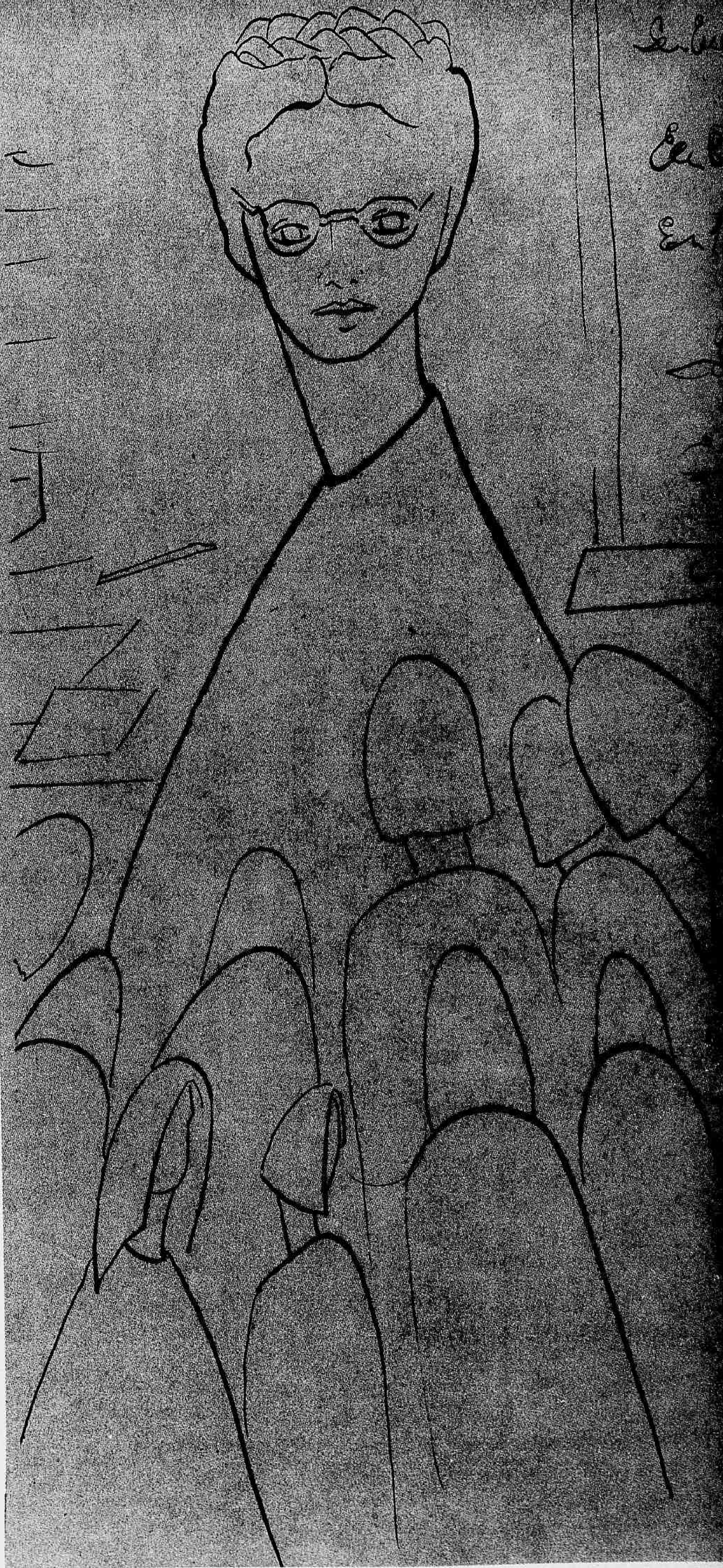
O ARDOR DE GILKA MACHADO

● **Beija-me sempre, e mais, e muito mais!... / na minha bôca esperam outras bôcas / insaciadas e loucas / os beijos deliciosos que me dás!... / Beija-me ainda, ainda mais!...»** Êsse gênero de poesia lúbrica e reticente, precursora do bolero, foi a coqueluche das «melindrosas» de 1922. Era a época da cocaína, das francesas, de Benjamin Costallat... Os versos acima pertencem justamente à iniciadora de um tipo de poesia feminina que foi uma doença infecciosa durante muitos anos: Gilka Machado. A primeira edição de «Mulher Nua» esgotou-se em um mês. Os outros livros tinham também títulos pecaminosos: «Corpo e Alma», «Meu Glorioso Pecado»... Gilka Machado nasceu no Rio, casou-se com o poeta Rodolfo Machado (já falecido) e é mãe da bailarina Eros Volúsia. Está hoje com sessenta anos. Com a mocidade, passou também para ela o comichão poético.



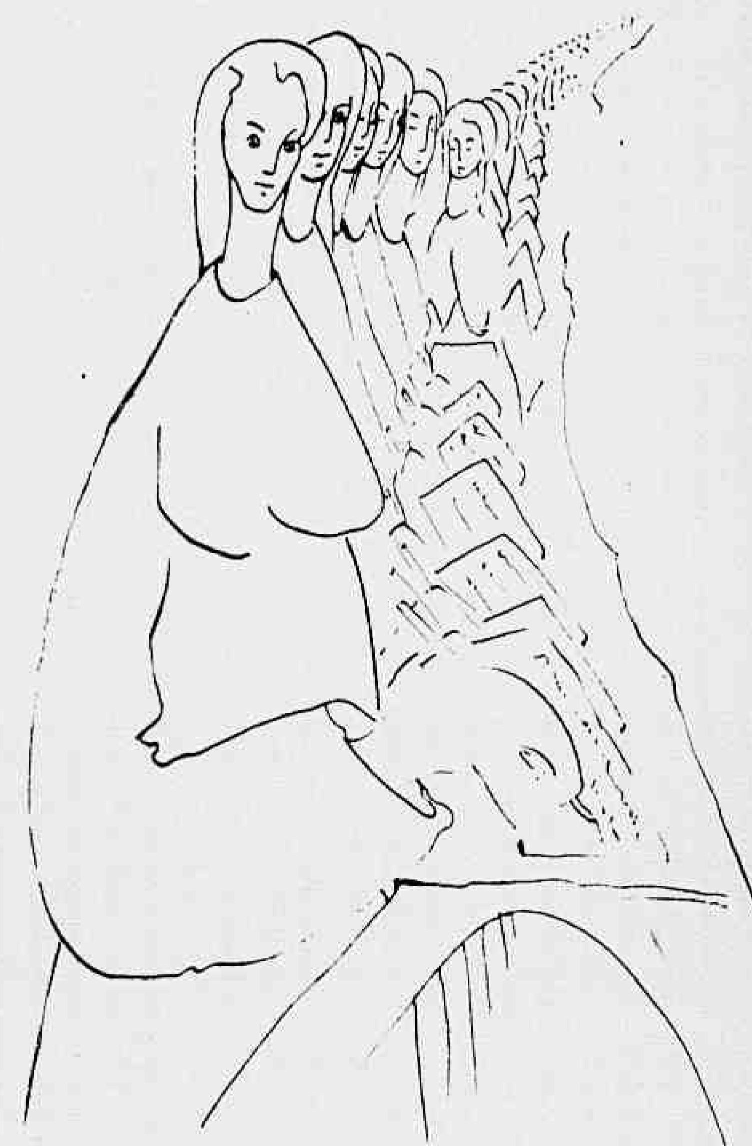
A INOCÊNCIA DE HENRIQUETA

● Henriqueta Lisboa é tímida e quietinha: ninguém a vê nas ruas de Belo Horizonte ou na casa em que os literatos mineiros e outros bichos costumam comer depois de meia-noite um excelente frango ao môlho pardo. Começou com muita influência de Cecília Meireles, conquistando pouco a pouco um espaço particular. O primeiro a descobrir seu talento foi Mário de Andrade, a quem ela ficou prêsa por uma silenciosa e exaltada amizade. Seu primeiro livro — «Fogo Fátuo» — é de 1926. É inspetora do Ensino Secundário e professôra de literatura hispano-americana. Nasceu em Lambari e é irmã do professor José Carlos Lisboa.





AS POETISAS



MARIA DA SAUDADE, A INÉDITA

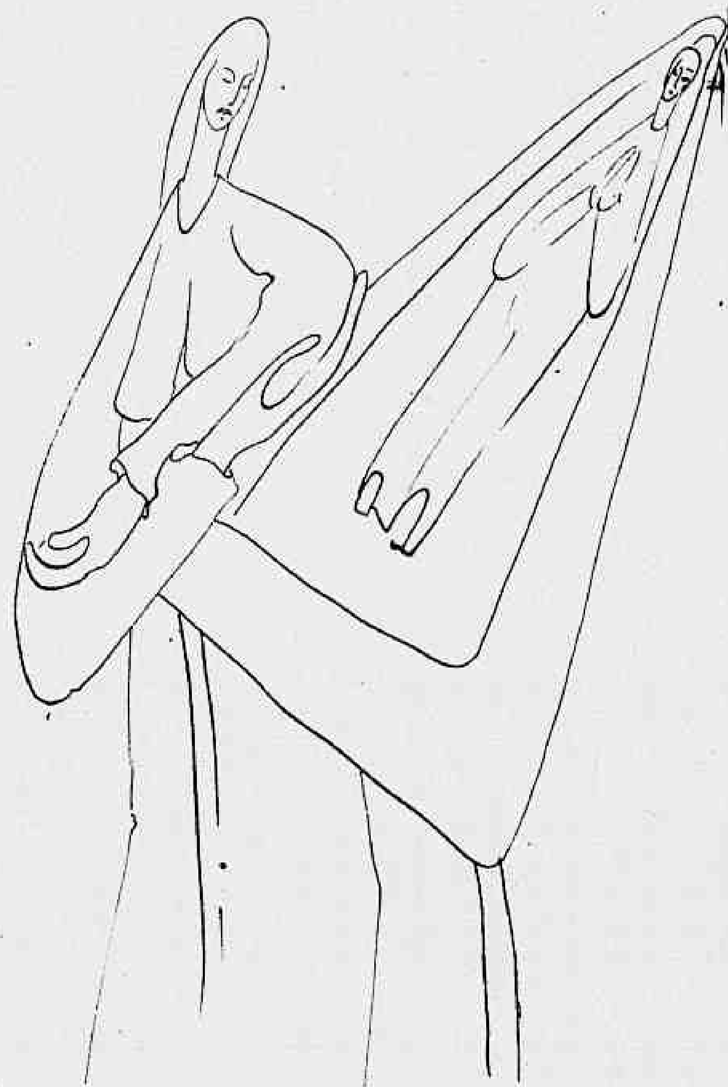
● Maria da Saudade, filha de um grande historiador que já foi também mau poeta — Jaime Cortesão — casou-se com um bom poeta que já foi em verso um historiador irreverente — Murilo Mendes. Com o seu livro inédito de poemas, cuja edição foi há muito prometida pelos **hipocampos**, conquistou as honras e os quinze mil cruzeiros do «Prêmio Fábio Prado». Trata-se de uma personalidade meio difícil, meio teatral, com o dom de dizer coisas desagradáveis às pessoas com as quais não se simpatiza. Culta e boa tradutora do inglês, passou para o português a peça «Murder in the Cathedral», de T. S. Eliot.



ANGÚSTIA DE ADALGISA

● Adalgisa Neri não esconde a idade: nasceu a 29 de outubro de 1905, no Rio, filha de um modesto funcionário. Casou-se aos 15 anos com Ismael Neri, publicando seu primeiro livro três anos depois da morte dêste. Em 1940, casou-se com o sr. Lourival Fontes, fato de que se aproveitaram os bajuladores para exagerar cobiçosamente o valor de sua poesia. Foi embaixatriz do Brasil no México em 1944 e 1945. Há pouco tempo, o sr. Getúlio Vargas a enviou como Ministro Plenipotenciário na posse do presidente do México. Sua poesia não é fácil. Quando quis fazer um livro mais acessível («Cantos da Angústia», em 1948), escreveu seus poemas mais fracos.

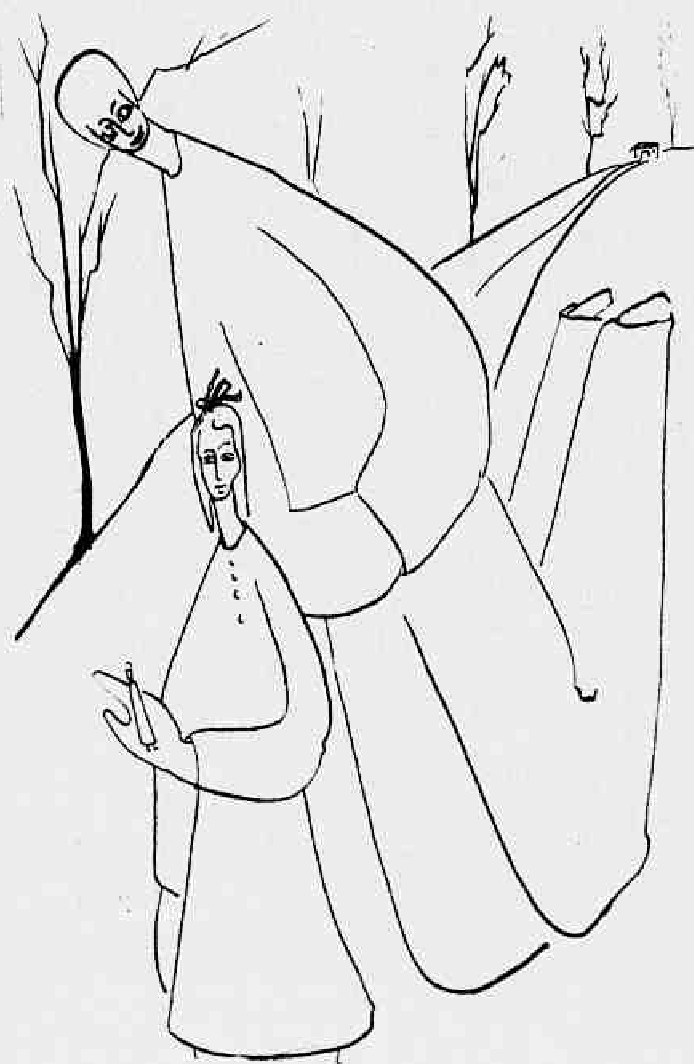
DO BRASIL





A TRISTEZA DE MARIA ISABEL

● Pouca gente conhece Maria Isabel, carioca, que publicou em 1942 um livro de poemas bastante bom («O Dardo de Vidro»). Vinícius de Morais a descreveu assim: «Sua pequena figura, fina e aguda, possui, de primeiro, qualquer coisa malévola e oblíqua. Fìsicamente, seu bicho é a raposa. No entanto, não há ninguém que tenha menos as qualidades negativas que fizeram da matreira personagem de La Fontaine a rainha da fábula. Maria Isabel é uma menina triste, cheia de recalques e anelos, com um grande coração atento às solicitudes do mundo».



EDUARDA JÁ TEM SETE ANOS

● Eduarda Duvivier, a mais jovem poetisa do mundo, está envelhecendo: deve estar beirando os sete anos. Tinha cinco quando Tiago de Melo resolveu editar seus poemas na «Hipocampo Editôra». Suas produções são ditadas a quem estiver mais perto. Seus versos têm a surprêsa espontânea das almas novas, a mesma surprêsa que os velhotes do surrealismo se esbaldam para obter com a escrita automática. Ela nos conta, por exemplo, a história de «O Gigante»: **«Eu ia andando num mato escuro. / Lá longe vi uma luz. / Cheguei, era uma casa. / Bati, era a casa do gigante. / Mas era um gigante tão pequenininho, / Que eu atirei uma bola de gude em cima dêle. / E êle caiu no chão».**

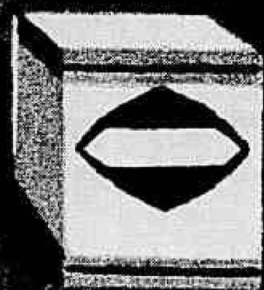
Irradiando mocidade e beleza



PROTEJA

A SUA CÚTIS

COM



ANTISARDINA

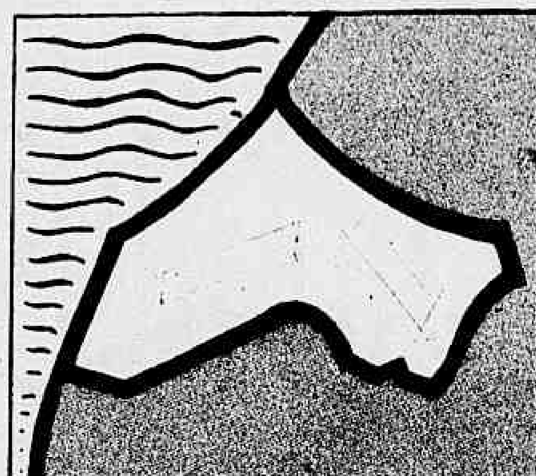
O CREME CIENTÍFICO

ANTISARDINA renova as células da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, nua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTÌFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.



Puxe pelo CÉREBRO





1—O mapa aqui reproduzido é o de um dos Estados do Brasil. Qual é êle:

— Alagoas?
— Minas Gerais?
— Goiás?

2—Em que ano Nova Iguaçu deixou de ser legalmente «Maxambomba»:

— 1892?
— 1916?
— 1901?

3—Quem disse: «A mentira para nada serve»:

— Santo Agostinho?
— Bento XV?
— Talleyrand?

4—Que significa em caldeu o nome de «Gaspar»:

— Homem feio?
— Rei Negro?
— Chefe?

5—O Estado de Sergipe está situado:

— Na Região Leste?
— Na Sul?
— Na Nordeste?

6—O primeiro ponto avistado pela esquadra de Cabral na terra brasileira foi:

— O Cabo de S. Agostinho?
— O Monte Pascoal?
— O Rio Amazonas?

7—Quantos irmãos tinha Pedro Álvares Cabral:

— Cinco?
— Nenhum?
— Dez?

8—Que nome tem a Estrada de Ferro que liga Aracaju à capital da Bahia:

— Leste Brasileira?
— Great Western of Brazil Railway?
— Ou é continuação da Central do Brasil?

9—Em que ponto do território nacional explodiu o primeiro movimento de separação do Brasil das garras de Portugal:

— Pernambuco?
— Bahia?
— S. Paulo?

10—Como se chamava o governador do Rio de Janeiro, que foi condenado a prisão perpétua na Índia:

— Francisco de Távora?
— Francisco de Castro Morais?
— Gomes Freire de Andrade?

11—Quantos quilômetros de comprimento tem a Ilha do Governador:

— Vinte e seis?
— Doze?
— Nove?

12—Em que ilha da Guanabara tinha D. João VI sua residência:

— Paquetá?
— Governador?
— Ilha do Raimundo?

13—De que ano data a lei que separou, no Brasil, a Igreja, do Estado:

— 15 de novembro de 1889?
— 13 de maio de 1888?
— 7 de janeiro de 1890?

14—O prefeito Alaor Prata serviu no govêrno de:

— Washington Luís?
— Artur Bernardes?
— Epitácio Pessoa?



15—Êste edifício é onde funciona:

— O Senado Federal?
— A Câmara dos Deputados?
— A Prefeitura do Distrito Federal?

(Respostas na pág. 38)

CLASSIFICAÇÃO:

Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

Apelo

DALTON TREVISAN

Senhora:

Faz depois de amanhã um mês que está longe de casa. Nos primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, foi bom chegar tarde, na conversa de esquina. Desde a porta um silêncio que, se estranho, era, perdão Senhora, um cheiro de pintura nova. Não foi ausência por uma semana: o seu batão ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite pela primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: o jornal caiu no chão, ninguém guardou na gaveta. Tôda a casa era um quarto vazio, sem o ruído das chinelas na cozinha, a boba conversa na janela com o canário. Para não dar parte de fraco fui, Senhora, beber com os amigos. Uma hora da noite êles se iam e, eu também, vinha para casa, de janelas agora escuras, sem o perdão de sua presença a tôdas as aflições do dia, como uma lúz por baixo da porta.

Falta, não de carinhos, das pequenas brigas por causa do tempêro na salada, que é nosso jeito de querer bem. Vã busca entre as paredes (a vassoura no canto, regador no prego, pó sôbre o espelho) do seu auxílio tão discreto, como um fraco perfume no quarto, de glicínia, por exemplo.

É saudade, Senhora. As suas violetas, na janela, não lhes poupei água e, Senhora, elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Ninguém informa onde está o sacarrolha. Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: as bôcas fechadas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

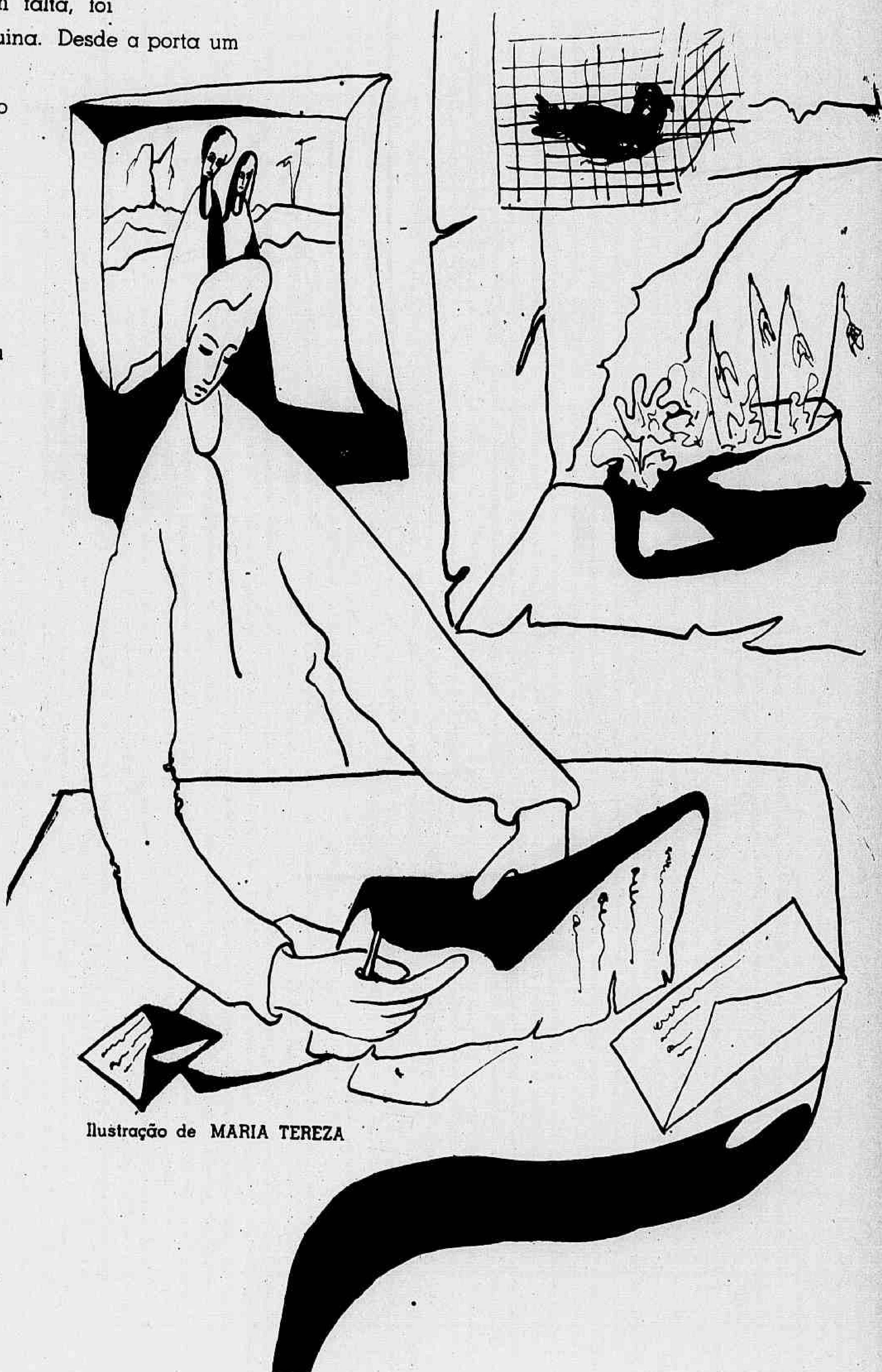


Ilustração de MARIA TEREZA

ENTREVISTA "PING-PONG"

PEDRO BLOCH (CAMPEÃO DE BILHETERIA) REVELA SUAS MÁGICAS: DORMIR

PEDRO BLOCH, o autor de «Mãos de Eurídice» e de outros tantos sucessos teatrais, é dono de uma fama que já ultrapassou as nossas fronteiras. Neste momento tem originais representados em diversos países e em diversos idiomas. Pela primeira vez, depois de um sem número de anos, um autor de comédia acaba de derrotar os autores de revistas, na arrecadação dos direitos autorais. Pedro Bloch foi declarado campeão de 53. Tem, além disso, ao lado de outros autores nacionais, feito aumentar, cada vez mais, a confiança no original brasileiro. Basta dizer que «Irene» alcançou média superior a «As árvores morrem de pé», êxito extraordinário de Dulcina-Odilon. Basta assinalar que, pela primeira vez, uma peça volta para duas temporadas seguidas depois de alcançar quatrocentas representações: E' o que se vai dar com «Dona Xepa», de Pedro Bloch.

★

— Quando nasceu?

— No início da outra grande guerra, em maio de 1914.



— Além de escritor teatral, faz mais alguma coisa?

— Sou cirurgião de ouvidos, nariz e garganta.

— Como é que você tem tempo para ser médico e teatrólogo?

— Como é que certas pessoas têm tempo para não serem nem uma coisa, nem outra? O tempo é aquilo que a gente faz dêle.

— Explique a sua corrida contra o relógio.

— Estou em meu consultório oito horas por dia, opero no hospital, atendo a chamados, e ain adtenho tempo para ir à praia, para ler, estudar...

Qual é o segrêdo disso?

— Durmo muito pouco e êsse muito pouco me satisfaz.

— Confirma então a teoria de que o sono é um hábito?

— No meu caso sim. Ganho uma média de três horas e meia que emprego trabalhando em minhas peças.

— Dormir será, portanto, um hábito desnecessário?

— Perde-se muito tempo dormindo e comendo. Eu como e durmo muito pouco.

— Qual foi a sua maior emoção na sua recente viagem a Europa?

— E' difícil dizer. Tive muitas: — conhecer Júlio Dantas, Barrault, Anouilh, Salacrou, Laurence Olivier, Ingrid Bergman, etc.

— Mas a maior emoção mesmo?

— Foi a recepção e o almôço oferecido pela Sociedade de Autores e Compositores de França, com a presença dos maiores nomes da literatura francesa.

— Você está escrevendo alguma coisa?

— E' o mesmo que perguntar se estou vivendo. Pode ser que rasgue depois, mas escrevo sempre.

— Qual a maneira mais prática de agir na vida?

— Adotando o lema de Axel Munthe: ousar, querer, saber e calar.

— Que mais ambiciona na vida?

— Não lidar com imbecis. Um escritor indubotou na primeira página de seu livro a frase que, recentemente, outro escritor adotou: «Não deixem cair êste livro nas mãos de um imbecil».

— Você ganha muito com o teatro?

— Mais do que mereço e menos do que preciso.

Pedro Bloch revela que ganha três horas e meia por dia deixando de dormir.

E COMER POUCO



VOLTOU COM FEBRE (CRIADORA) DO VELHO CONTINENTE E MAIS CONVICTO DE QUE SE PERDE MUITO TEMPO NA CAMA E NA MESA.

Reportagem de LEVY KLEIMAN



— Qual foi o melhor espetáculo que você viu na Europa?

— «Anthony and Cleopatra», de Shakespeare, com Michael Redgrave, Peggy Ashcroft e Marius Goring.

— E o pior?

— O pior não assisti porque me avisaram a tempo.

— Qual o problema principal do teatro brasileiro?

— O mesmo de todos os outros. As mesmas queixas que fazemos aqui são repetidas em todos os cantos da terra.

— E' verdade que você escreve muito?

— Escrevo muito, mas não escrevo muitas peças de teatro. Quer um exemplo? Depois de «Dona Xepa» passei um ano sem concluir nova peça de teatro.

— Acha que a quantidade prejudica a obra?

— Goldoni escrevia 17 peças num ano. Há gente que escreve muito e bem e há outros que escrevem pouco e mal. Depende de nosso lastro emocional.

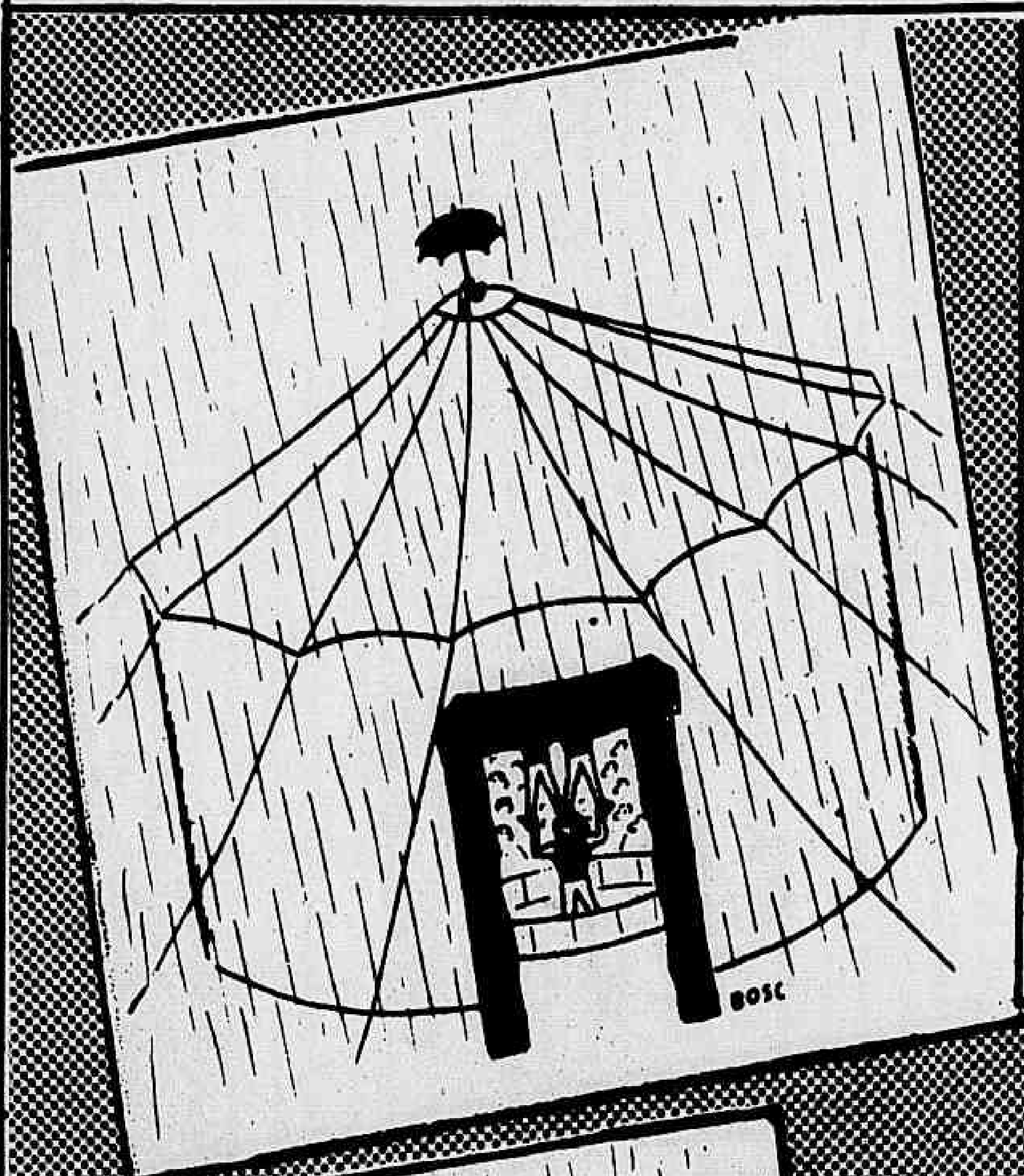
— Quando é que um público aplaude uma peça?

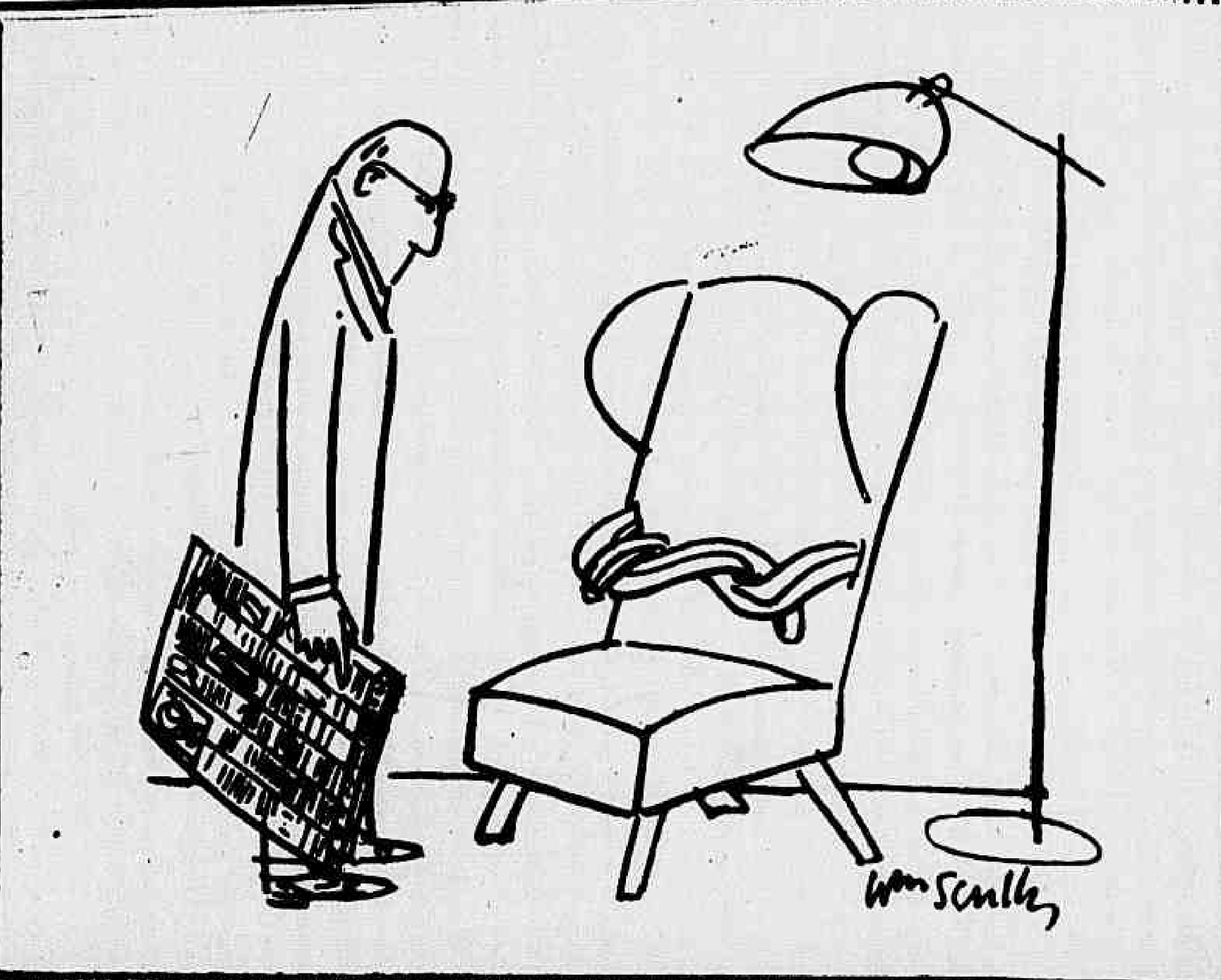
— Quando o autor tem, realmente, algo a dizer ou quando o público se encontra nas personagens no palco.

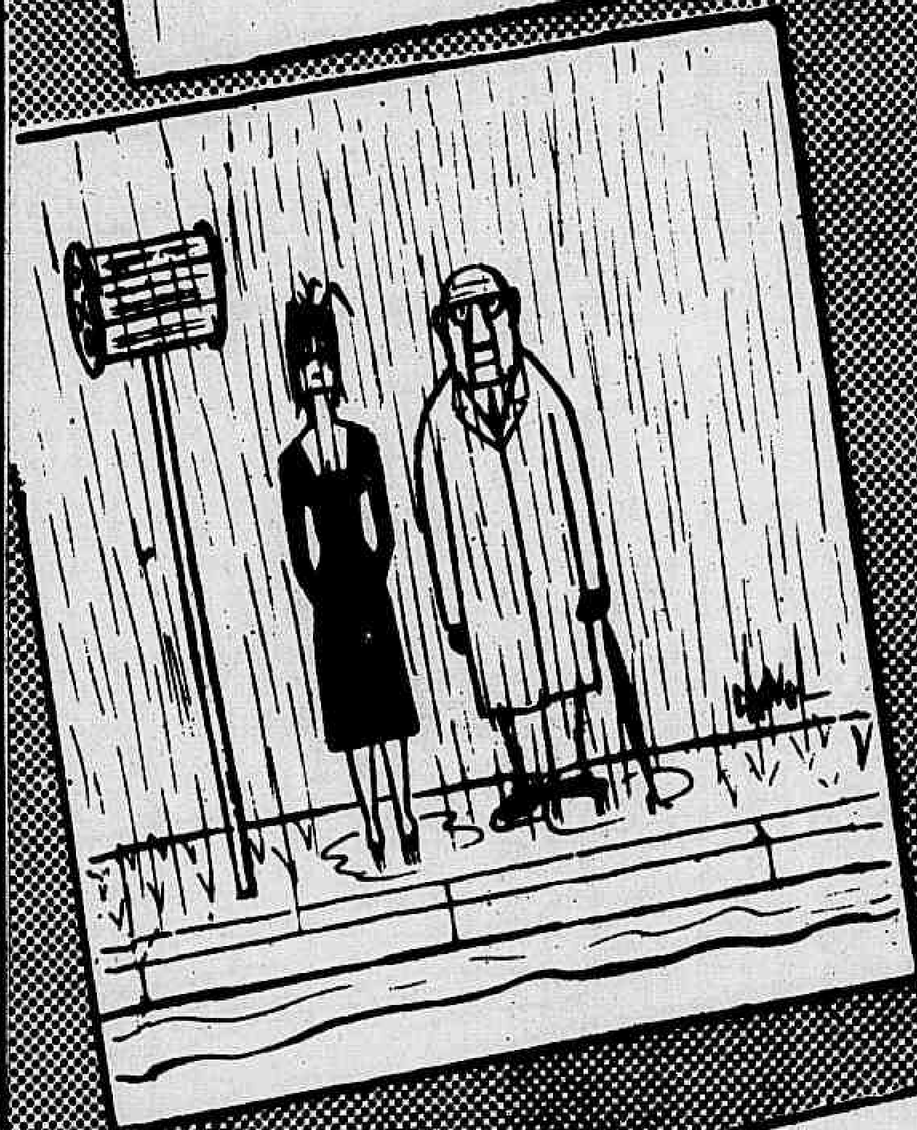
— Que vai fazer?

— Extrair mais algumas amígdalas.

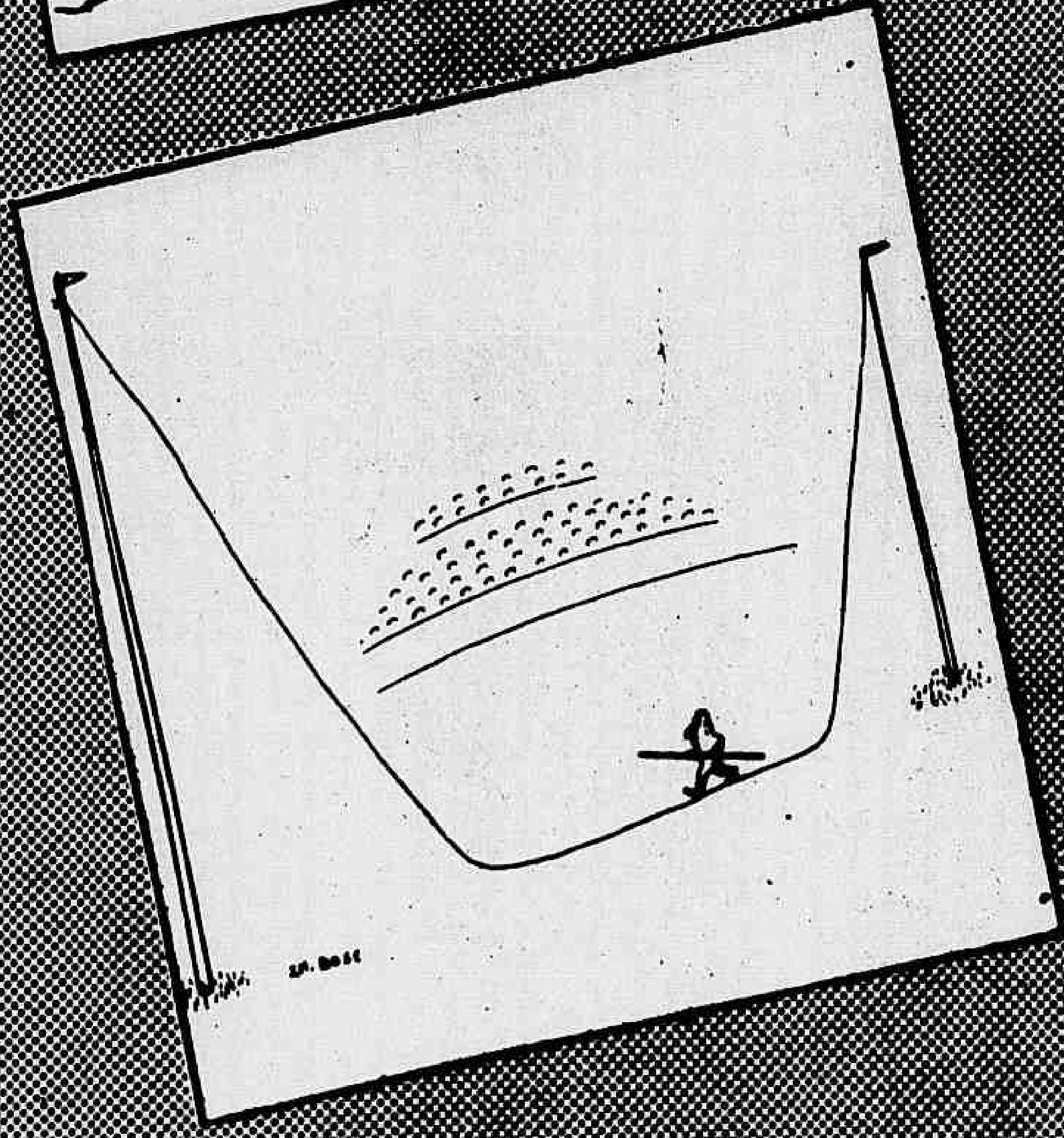
Berrault conversa com Bloch e, de vez em quando, relembra suas pantominas.





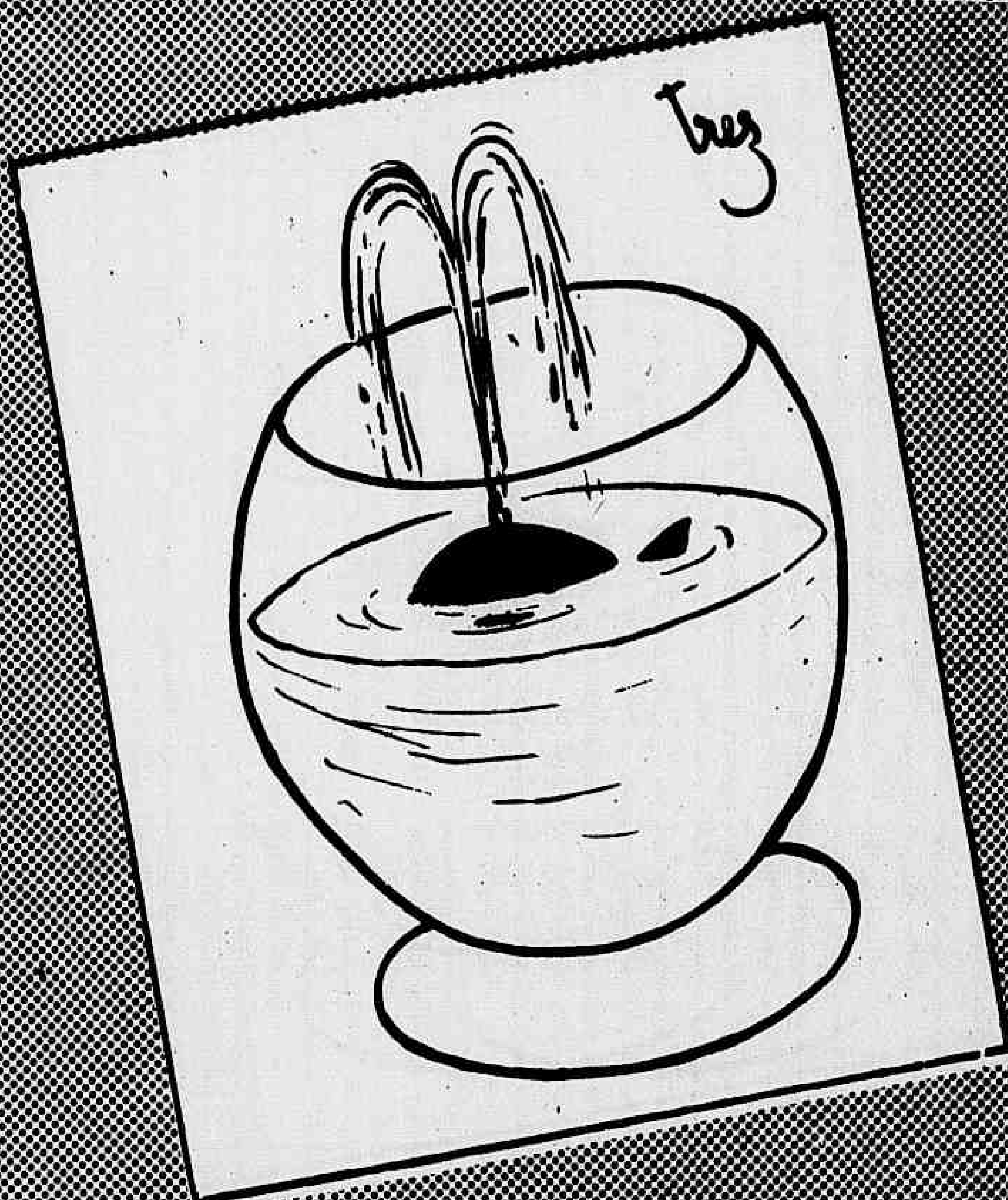


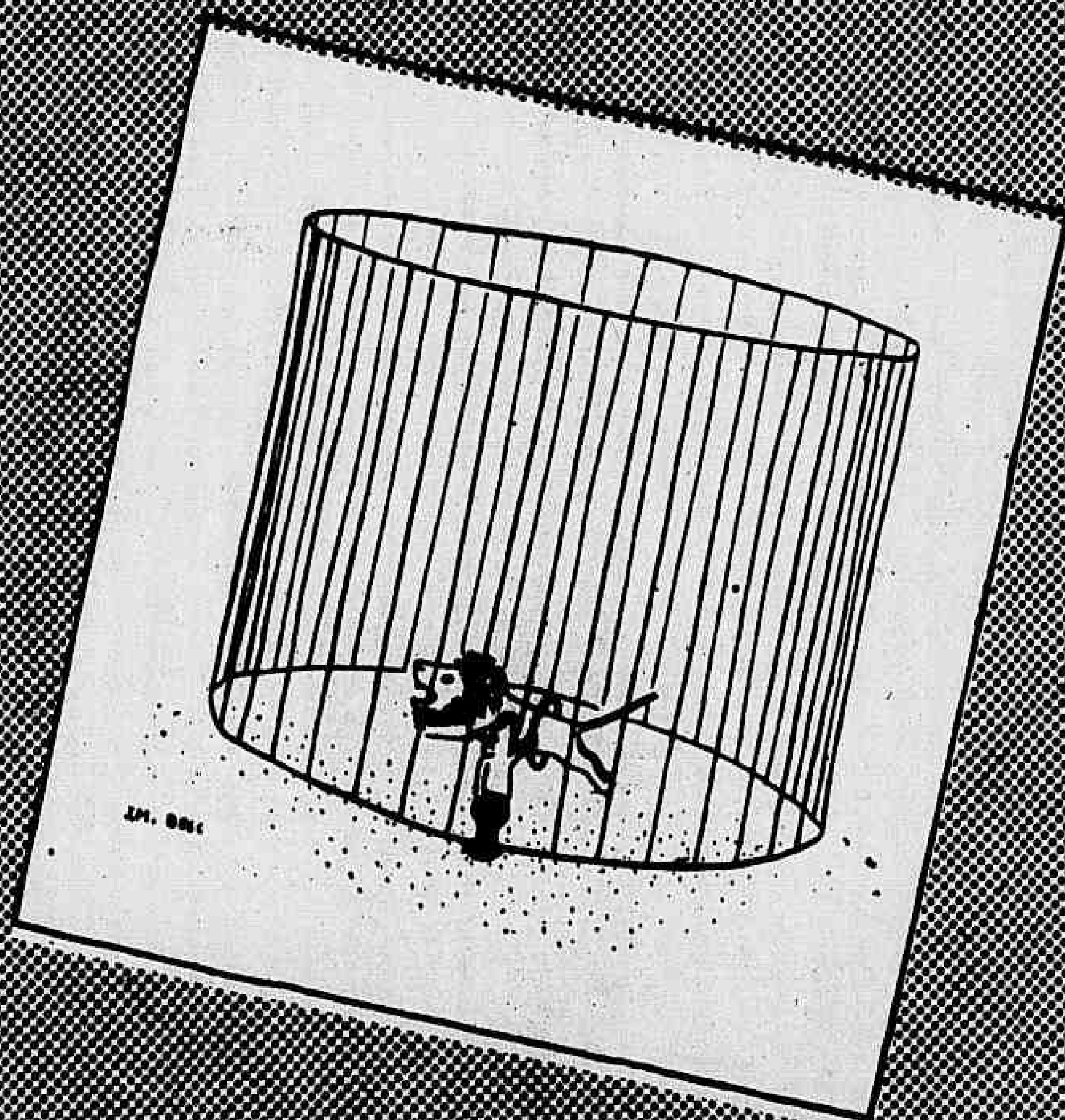


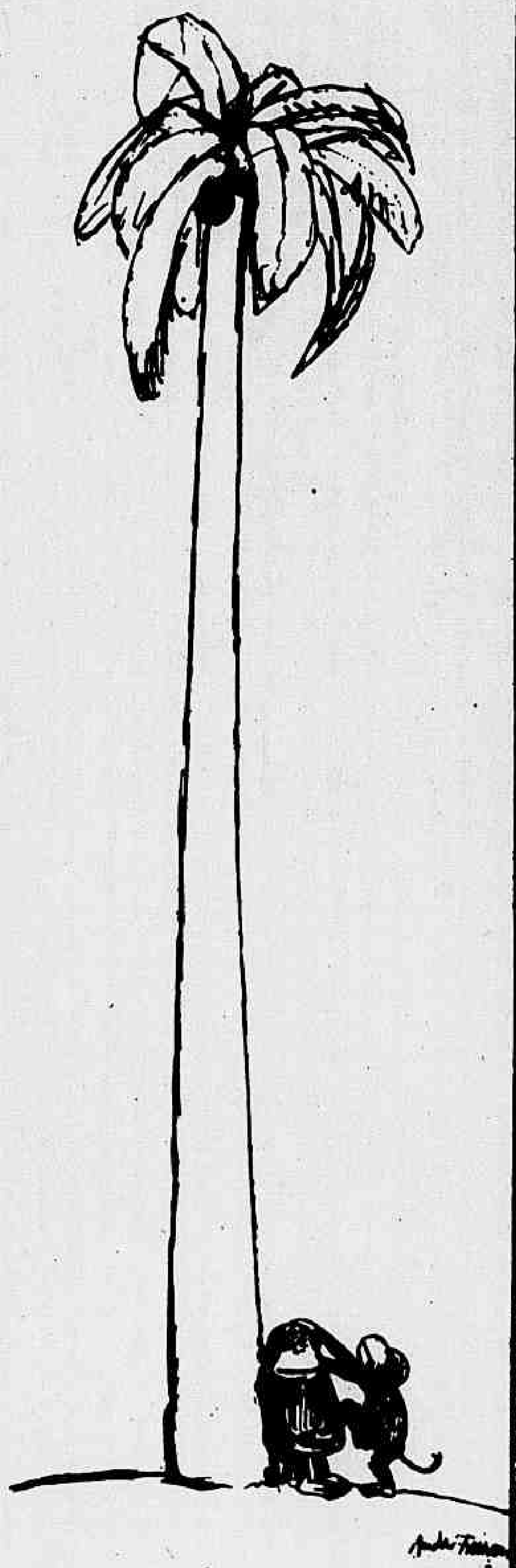


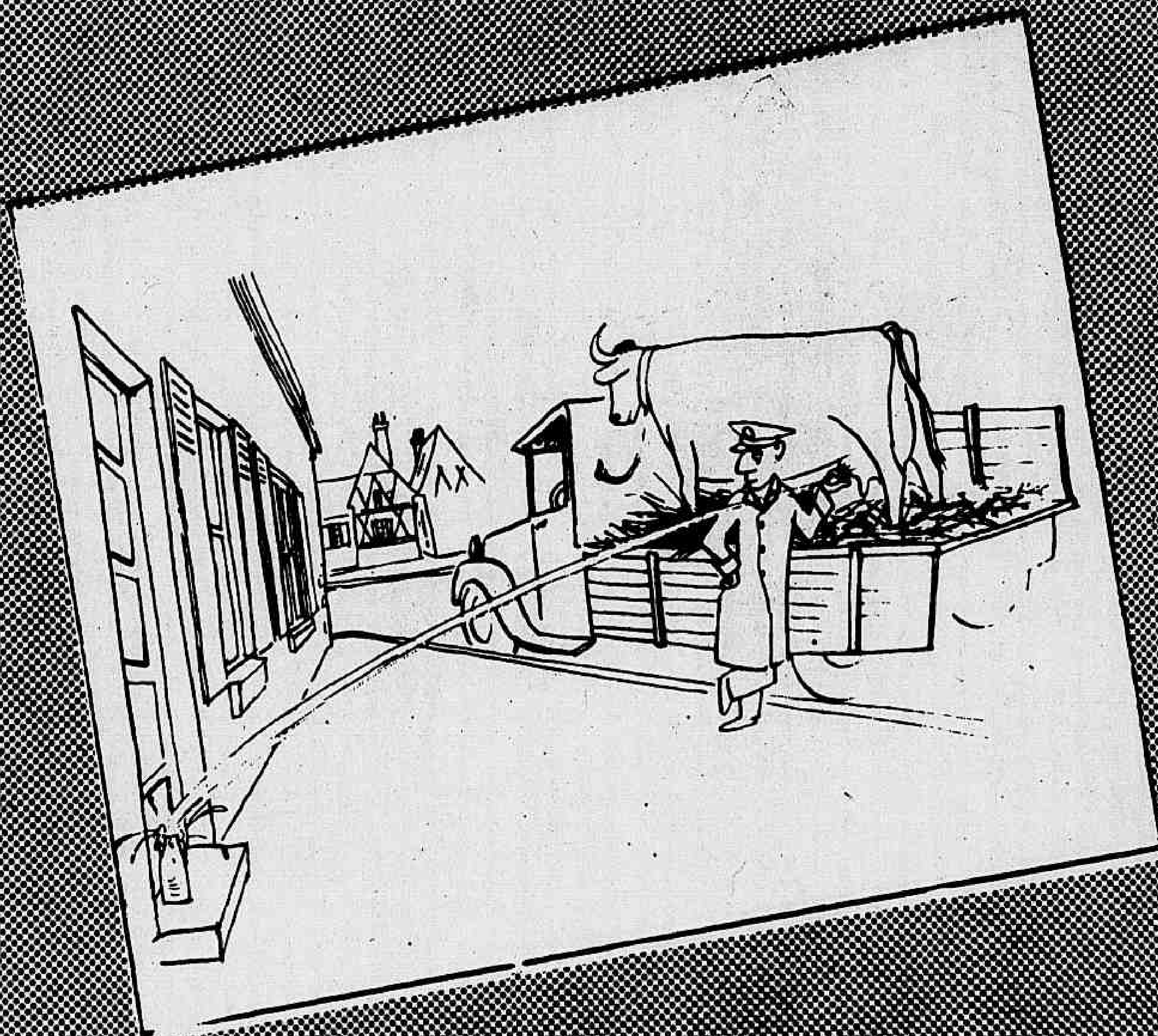


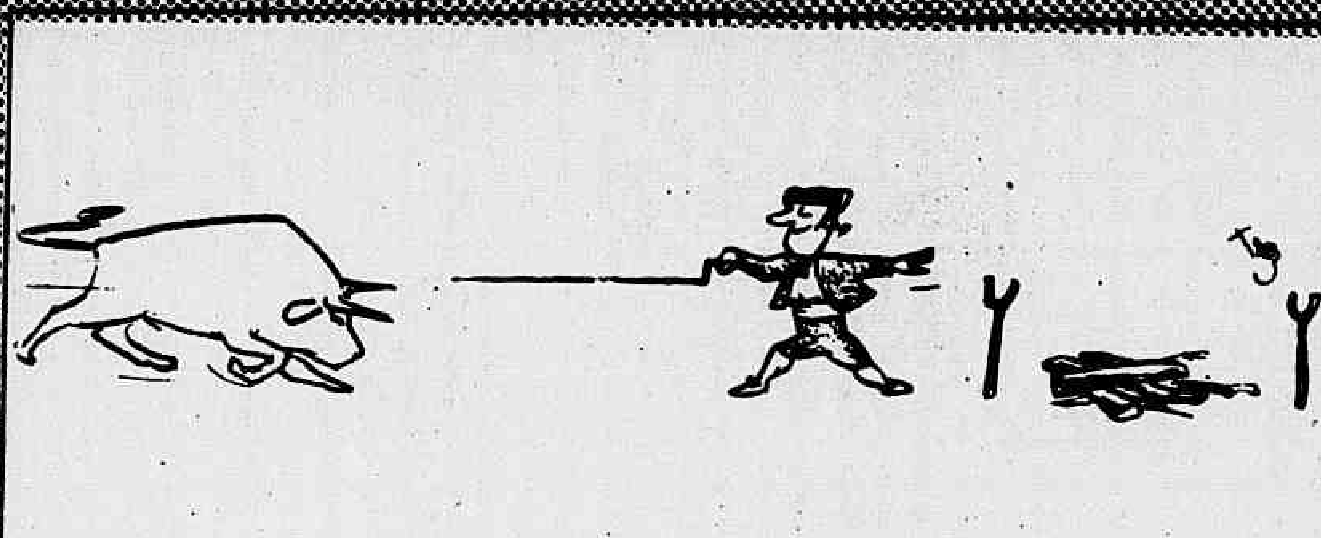
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS



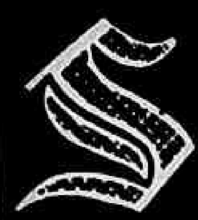








O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS



Semana LITERÁRIA



PIERRE GASCAR, que aparece na foto acima, foi o vencedor do «Concourt» dêste ano, pelo seu livro «Les Bêtes», acompanhado do «Le temps des morts». O flagrante mostra-o em Paris, quando, na NRF, distribuía autógrafos aos admiradores.

UM POEMA POR SEMANA

SER MOÇA E BELA, SER...

Ser moça e bela ser, por que é que lhe não basta?
Por que tudo o que tem de fresco e virgem gasta
E destrói? Por que atrás de uma vaga esperança
Fátua, aérea e fugaz, frenética se lança
A voar, a voar?...
Também a borboleta,
Mal rompe a ninfa, o estôjo abrindo, ávida e inquieta,
As antenas agita, ensaia o vôo, adeja;
O finíssimo pó das asas espaneja;
Pouco habituada à luz, a luz logo a embriaga;
Bóia do sol na morna e rutilante vaga;
Em grandes doses bebe o azul; tonta, espairece
No éter; voa em redor, vai e vem; sobe e desce;
Torna a subir e torna a descer; e ora gira
Contra as correntes do ar, ora, incauta, se atira
Contra o tojo e os sarçais; nas puas lancinantes
Em pedaços faz logo as asas cintilantes;
Da tênue escama de ouro os resquícios mesquinhos
Presos lhe vão ficando à ponta dos espinhos;
Uma porção de si deixa por onde passa,
E, enquanto há vida ainda, esvoaça, esvoaça,
Como um leve papel sôlto à mercê do vento;
Pousa aqui, voa além, até vir o momento
Em que de todo, enfim, se rasga e dilacera...
Ó borboleta, pára! Ó mocidade, espera!

RAIMUNDO CORREIA

FATOS, FITAS E FOTOS



LEDO IVO

● Está no Rio Álvaro Lins. Há exatamente um ano, embarcara êle para Lisboa, onde deveria permanecer dois anos consecutivos, para ali dar um curso de Estudos Brasileiros. No fim de um ano, porém, Álvaro Lins, atacado por uma sinusite, requereu ao Itamarati a sua volta ao Rio pelo menos por dois meses. E cá está, não se sabendo ao certo se volta ou não a Lisboa. O crítico de Eça de Queiroz, que é um encantado pelas terras portuguêsas, foi atacado também, ao fim de seis meses, por uma pungente saudade do Brasil. Tal qual Eça de Queiroz, que, no exílio diplomático, suspirava de amor pela lama do Chiado...

● Já se pergunta, pelas fôlhas, o que é feito da Sociedade Carioca de Escritores. A verdade é que não se sabe o que foi feito dela.

A certa altura, surgiu no Rio, Paulo Duarte, lançando a idéia de se constituir, imediatamente, uma associação de escritores que substituísse a extinta ABDE. Em outubro de 53 deveria reunir-se um congresso de escritores brasileiros, preparatório do mundial, que se reunirá (ou se reuniria) êste ano. Formou-se uma comissão de estatutos (Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos e Carlos Lacerda), fizeram-se várias reuniões, comprou-se um livro de atas e, finalmente, realizaram-se as eleições para a diretoria. Foi feito presidente Jorge de Lima. O autor de «Invenção de Orfeu», até o momento em que caiu doente, tudo fêz para animar e movimentar a SOCE. Mas pràticamente em vão. Amando Fontes, que tinha proposto na Câmara um auxílio de 500 contos para o congresso de escritores (afinal não realizado), acabou se desiludindo e retirou o projeto. Ledo Ivo, o secretório, embarcou para a Europa. Outros embarcaram para locais ignorados. Otto Lara Resende, tesoureiro pôsto na presidência interina, desapareceu da circulação e era fortemente atacado de urticária quando ouvia falar na SOCE. Finalmente, morreu Jorge de Lima, a alma da associação. A SOCE, entre outros abusos, usava o consultório de Jorge, na Cinelândia, para suas escassas reuniões. Agora, sem base física, a Sociedade Carioca de Escritores será, quando muito, uma fotografia na parede e, provàvelmente, nos eficientes arquivos do poeta Drummond.

● Continua franca a luta de bastidores para a eleição do substituto de Miguel Osório de Almeida na Academia Brasileira. Vários medalhões andam agitados e põem em prática os conhecidos recursos da técnica de chegar à Academia. Para isso, é bem ilustrativa a série de artigos que andou recentemente publicando o sr. Osvaldo Orico, um filho de ferreiro que desceu da forja ao «Petit Trianon». O sr. Orico, que se candidatou sucessivamente, até que obteve o fardão, conta com pormenores como se consegue uma cadeira acadêmica. Quem tiver estômago e não fôr dado a náuseas poderá ler êsse «documentário».

No mais, Barbosa Lima Sobrinho foi reeleito para presidir a Academia Brasileira durante êste ano da graça de 1954.

● E' comum, em certas edições provincianas, juntarem os autores, a seu livros e livrecos, tôda sorte de palavras laudatórias que, sôbre a obrinha, emitem os amigos, parentes e correligionários. O livro resulta, assim, uma espécie de bôlo de noiva, com muita visagem, muito glacê e pouca substância, de resto intragável. Êsse velho hábito de certas edições provincianas foi restaurado, agora, por Gilberto Freyre, amante, como se sabe, da região e da tradição. O «magister» Apipucorum» publica (edição José Olympio) «Aventura e Rotina» da seguinte forma: na primeira parte, o que pensa e o que diz Freyre; na segunda parte, o que pensam e dizem de Freyre no Brasil, em Portugal e Algarves. O volume é, alentado e confirma os conhecidos dotes intelectuais do conhecido sociólogo.

● O «Jornal de Letras», em seu número de janeiro corrente, contesta uma afirmação de Mário Pedrosa. Êste crítico de arte afirmou, pelos jornais, que Portinari e Segall não fizeram a menor falta à Bienal de São Paulo. O «Jornal de Letras» discorda e diz: «Ao contrário do que pensa Mário Pedrosa, a ausência de Portinari, Segall e muitas outras figuras exponenciais de nossa pintura **abriram** (sic) um claro impreenchível na Bienal». No mesmo número, o jornal dos irmãos Condé publica um retrospecto sôbre o ano literário de 1953 e várias outras matérias de interêsse.

CINEAC LITERÁRIO



ÁLVARO LINS

★ Ledo Ivo escreveu uma carta a Benedito Coutinho na qual confessa que está próximo da conversão ao catolicismo. Recorda-se, a propósito, que não é a primeira vez que o poeta de «Ode e Elegia» anuncia uma possível guinada para a área da Igreja. Desta vez, porém, os entendidos garantem que Ledo Ivo volta ao aprisco.

★ Por falar em conversão, sabe-se que também Tiago de Melo descobriu o Cristo. E já anunciou a sua fidelidade à Santa Madre Igreja. Tiago, que pertence a uma família protestante, não era batizado e entra no catolicismo depois de professor um ateísmo mois ou menos lírico.

★ João Condé está de viagem marcada para a Europa, por onde se demorará três meses. Antes dêle, porém, partirá Fernando Sabino para uma vilegiatura mais demorada. Sabino pretende fixar-se, por uns tempos, numa cidade italiana. Enquanto isso, anuncia-se a vinda, de Paris, de Vinicius de Morais, a fim de participar do próximo Festival de Cinema, de S. Paulo.

★ Foram, finalmente, entregues os prêmios literários do IV Centenário de São Paulo. João Cabral de Melo Neto (prêmio de poesia) não compareceu para receber os cem mil cruzeiros. Fêz-se representar, enquanto se esquece por Recife, à mensagem do Capibaribe, por sinal o rio que lhe inspirou o poemão laureado.

MORREU VINICIUS MEYER

● No dia 23 de janeiro último, morreu, num desastre de aviação, o escritor mineiro Vinícius Meyer, que, apesar de viver retirado, em pleno interior, era bem conhecido nos meios literários do país. Nasceu na cidade de Pouso Alegre, em 1906, fêz os preparatórios em Campinas e colou grau na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, em 1929. Desde os 17 anos, freqüentou os jornais, sobretudo como cronista e poeta. Em 1934, publicou «Poemas Caboclos», com boa repercussão, apesar de premiado pela Academia Brasileira. Em 1939, arrebatou dois prêmios instituídos pelo «Correio da Manhã», num concurso de contos. Em 1942, com o romance «Rosa dos Ventos», ganhou o prêmio «Salgado Filho», instituído pelo Ministério do Trabalho. Vinícius Meyer deixou, prontos e inéditos, dois livros: um de contos e outro, intitulado «Brasil Querido», escrito para a infância e juventude. Vinícius Meyer era ainda advogado, no sul de Minas, desde 1930. Por sua influência na região, foi indicado como candidato a deputado pela chapa da UDN, de que era suplente. No govêrno Milton Campos, foi diretor da Imprensa Oficial. Últimamente, Vinícius Meyer residia em Belo Horizonte. O desastre que vitimou o contista e poeta mineiro se deu em Poços de Caldas, com um pequeno avião tipo «Bonanza». Com Meyer, único passageiro, morreram os dois tripulantes do aparelho.

ESPELHO DE ESCRITORES

GEIR CAMPOS — No registro civil, Geir Nuffer Campos. Filho de Getúlio Campos e Nair Nuffer Campos, êle dentista, ela professôra primária. Nasceu em São José do Calçado, Espírito Santo, a 28 de fevereiro de 1924. Começou a estudar em casa, tirando casquinhas das aulas que sua mãe dava a alunas particulares. Depois entrou para o Colégio Bittencourt, em Campos, de onde se transferiu na metade do primeiro ano para o Colégio Pedro II, internato, no Campo de São Cristóvão, aqui no Rio. Estudou depois o primeiro ano complementar de Engenharia, passando para o curso de Náutica da Escola de Marinha Mercante, onde estêve dois anos. Passou (um ano) pelo Colégio Plínio Leite, em Niterói e cursou (três anos) a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Seu currículo escolar ainda compreende meio ano de Línguas e Letras Anglo-Germânicas na Faculdade Nacional de Filosofia. Mas de tudo que estudou, o mais importante é mesmo o curso que vive a fazer por conta própria, com uma vontade germânica (não esquecer que Geir é Nuffer, além de Campos). Durante a guerra, viajou todo o litoral brasileiro, do Oiapoque ao Chuí, e estêve em várias cidades da costa atlântica dos Estados Unidos. Dêsse tempo, guardou a grande lição do mar, de que é amigo íntimo. Estêve uma vez na Venezuela, o que tem importância, porque ficou contra a entrega do petróleo brasileiro a emprêsas estrangeiras.

● No capítulo das viagens, tem feito outras (triviais), de trem e de avião. Caiu na vida literária ainda no internato, perpetrando um sonêto que nem o «Grêmio Melo e Sousa» aceitou. De raiva, em vez de desistir, insistiu na literatura. Até hoje, perdeu todos os prêmios a que porventura se candidatou. Em compensação, espera um dia o prêmio da Loteria Federal, que é mais cômodo e mais substancial do que a láurea literária. Tendo passado a bordo um bom perigo, Geir nunca escreveu num navio. Era apenas marinheiro sem literatura. Um dia, Pompeu de Sousa e Prudente de Morais, neto, sugeriram-lhe que escrevesse uma espécie de memórias marinheiras. Foi quando Raimundo de Sousa Dantas publicava o seu «Um começo de vida». Geir pensou em reunir suas reminiscências com o título de «Um meio de vida». E não passou do título, que continua aguardando o texto. Além de pilôto mercante (e bom, segundo os testemunhos técnicos), Geir foi corretor de imóveis (mau), funcionário duma emprêsa americana de navegação (demitido por haver sindicalizado uma turma de colegas), correspondente e faturista duma fábrica de formicida (nunca pensou em suicidar-se), estêve estabelecido como vagabundo por uns meses (os melhores tempos de sua vida), foi funcionário do IBGE, professor de ginásio durante dois anos e, hoje, trabalha com Augusto Frederico Schmidt, o industrial, não o poeta. Um dia, Paulo Mendes Campos e Pompeu de Sousa leram uma coleção de poemas inéditos de Geir e acharam que o rapaz pagava a pena. De cem, publicaram dois no «Diário Carioca». Imediatamente, o seu nome despertou interêsse, começou a aparecer nos suplementos. Muita gente, a princípio, pensou que se tratasse de um pseudônimo. Depois, viu-se que o homem existia mesmo, com seu jeito doce, sereno e pertinaz. Começou a publicar em junho de 1950, o que, provàvelmente, o situa fora da geração de 45. Em 1951, reunindo-se a outro recém-chegado, Tiago de Melo, fundou a «Editôra Hipocampo», de quase saudosa memória. Na «Hipocampo», saiu o seu «Arquipélago». No ano passado, publicou uma «Coroa de Sonêtos» (Geir sabe como ninguém a técnica do verso) e a sua tradução dos «Poemas de Rainer Maria Rilke» (José Olympio), com que confirmou os seus conhecimentos malabarísticos do verso e do alemão.

● Por encomenda do Instituto Nacional do Livro, começou a fazer um «Dicionário de Poética e Artes Afins», publicado em fragmentos pelo «Correio da Manhã». Pretende acabar o «Dicionário» êste ano, se houver pachorra e verba, principalmente verba. E nos «Cadernos Cultura», de José Simeão Leal, vai publicar «O Vestíbulo», uma coletânea de contos muito bem escritos e algo alucinados. Agora, está tratando de levar avante um projeto editorial, «Fôlhas Vivas», com literatura alegre, otimista, sem lamúrias, sem chôro nem vela, sem resignação e espera dum outro mundo. Acha que precisamos urgentemente conquistar êste mundo mesmo e adaptá-lo à necessidade humana de alegria. Projeta um drama que ainda não começou, com Santos Dumont de permeio, e vai traduzir sonêtos de Shakespeare e publicá-los com dedicatória para a professôra Melissa Hull (seu «Prêmio Nobel de Amizade»). Está ainda completando um estudo sôbre Augusto dos Anjos e espera concluir «Ícaro», um poema muitas vêzes iniciado e abandonado, exaltando o amor à terra, ao chão em que se vive e se morre. Geir foi «turriseburnista», hoje crê que o artista tem responsabilidade social e que deve tomá-la a sério. Ama as coisas, as plantas, os bichos. Gosta de chuva, de capinzal e de areia. Acha formidável deitar-se na praia, à noite, longe do barulho e do movimento, mas não recusa, para isso, as boas companhias. Mora em Niterói, nunca sofre de falta dágua, mas padece terrìvelmente de tentação. Todavia, é ateu militante. Graças a Deus, com certeza. — H.P.

A VOLTA DA PRIMEIRA NOITADA

ANTONIO MARIA

EU sei que isso não são horas de chegar — começou a dizer, com a voz meio de chôro, com a testa suada, o rosto muito pálido e um hálito forte de conhaque — mas, foi preciso ficar até tarde, porque o pessoal da Companhia fazia questão que eu ficasse. Aliás, falamos muito em você e eu até fiquei de fazer uma feijoada, aqui, qualquer domingo dêsses. Não houve nada, nem se pode dizer que se fêz pròpriamente uma farra. Jantamos no Bar Recreio, depois mostraram vontade de ir a uma «boite». Eu até quis telefonar para você... liguei, liguei... e o telefone dava sempre sinal de ocupado. Se eu soubesse que era assim, para ficar até tarde, eu teria disfarçado, arranjaria uma desculpa qualquer e viria embora de qualquer maneira. Mas, sabe como é, êles insistem, êles seguram a gente pelo paletó. Eu, de tarde, tinha comprado aquêle anel, que você achou bonito. Trouxe. Está lá no automóvel. Bom, é verdade, o automóvel está no mecânico, desde quarta-feira. Eu deixei no escritório. Pedi a dona Lúcia para guardar na minha mesa. As coisas não andam tão boas como a gente pensa, não.

O presidente da Companhia teve uma conversa demorada comigo e achou que todos nós devemos dar o máximo, chegar até o sacrifício, porque senão teremos que enfrentar um período de crise muito extenso e — quem sabe? — talvez a Companhia seja obrigada a fechar. Isto, para mim, seria uma desgraça. Pelo amor de Deus, não pense que eu estou mentindo! Eu não sei inventar histórias. Tudo isto que estou contando é a pura verdade. E você sabe que eu jamais mentiria para você, nem seria capaz de enganar você, nem existe nenhuma outra mulher que me faça querer menos bem a você. Estive, ontem, com o seu irmão. Êle contou que a Matilde está esperando criança. Ah, é verdade, êles estiveram aqui ante-ontem. Não sei. Parece que eu comi qualquer coisa que não me fêz bem. A cabeça dói, as pontas dos dedos estão dormentes. É como se houvesse formigas, andando por dentro de minhas unhas. Essas coisas que a gente come por aí nunca são como as de casa. Mas, responda, por favor: você acha que eu seria tão ruim, a ponto de enganar você com essas mulheres que andam por aí e ainda por cima chegar em casa mentindo, inventando histórias?

● Responda, Maria, por favor! Eu odeio sentir que estou maltratando você em alguma coisa. É horrível fazer os outros sofrer... principalmente, quando os outros é você, a única mulher a quem eu, realmente, amo e por quem seria capaz de morrer. Você duvida que eu seja capaz de morrer por sua causa? Se você duvidar, eu morro aqui mesmo, em cima dêste tapête. Você quer que eu chore? Diga. Não, filha, a mulher por quem sinto atração de homem ainda é você. Nenhuma tem essas mãos de dedos que se vão afinando até às pontas; nenhuma tem o seu colo; nenhuma tem o cheiro de sua carne. Eu confesso, Maria, é necessário confessar; eu bebi um pouco, mas, em nossa mesa, só havia homens. Engraçado, as espôsas nunca acreditam que um homem seja capaz de perder uma noite inteira, conversando, em volta de uma mesa, homem com homem! Vocês pensam logo que havia uma mulher de sobrancelhas arqueadas, fumando em piteira, cheirando a Número 10, de Balanciaga. Ah, eu ia esquecendo! Parece que aquêle seu bilhete de loteria, que eu levei para conferir, tem qualquer coisa. Eu não sei se são 10 contos ou se são apenas 5, mas o rapaz lá do escritório ficou de ver, hoje. Por que você não diz alguma coisa? Por que você fica assim parada, com êsse jeito tão desolado? Por que você, ao menos, não olha para mim? Custava você me olhar? Por acaso o meu jeito é de quem está mentindo? Se, de fato, o que eu fiz foi muito ruim, você diz. Se fôr preciso, se fôr coisa que você não me queira mais, eu vou para um hotel, fico lá, sòzinho; de vez em quando, você mandaria as crianças para me ver; ou, se você deixasse, eu viria aqui aos domingos, traria presentes, bombons. Eu, a mim, não quero bem nenhum e sei que não mereço nada. Mas, é necessário que você e os nossos filhos não penem, se eu fôr, irremediàvelmente, um desgraçado. Mas, era preciso que você dissesse alguma coisa, uma frase qualquer, um nome feio. Por que você não me chama, por exemplo, de **calhorda**? Não, **calhorda** não quer dizer nada... Você me chamaria de **cínico**, está bem?

— Vá deitar e, quando você acordar, a gente conversa... — disse Maria levantando os olhos do chão pela primeira vez, com uma vontade imensa de perdoar João Lopes de Castro Simas, ali mesmo, num beijo que só merece quem é homem assim: frágil, bom sujeito e, acima de tudo, amante.

Desenho de Darel



NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

Por MICHEL DUCHEMIN

MAS, se houvesse um observador escondido dentro do guarda-roupa, notaria logo que o meu cantar começava a ser um tanto forçado porque eu já repetira a busca e sacudira enèrgicamente a valise que parecia vasia de todo e nada, nada de lâminas. E, o tal observador escondido no guarda-roupa se existisse poderia ouvir em lugar de cantos o desabafo em têrmos um tanto «não-censurados» e que eu vinha acumulando há dias. Pois é, e nada de encontrar o meu pacote de lâminas novas! Êste era apenas o comêço, era o primeiro esquecimento importante. E sentei na cama com ar abatido e desconsolado. Comecei a contar nos dedos: restava-me ainda passar quatorze dias venturosos naquela magnífica Iugoslávia e contando apenas com uma lâmina usada, de boa qualidade, mas qual é a lâmina, por melhor que seja, que resiste a quatorze dias de trabalho consecutivo?

E então com exagerado cuidado fiz a barba com a preciosa lâmina assim como o viajante perdido no deserto bebe o último gole dágua e se debruça sôbre a própria espada à espera da morte.

Depois de barbear-me limpei a lâmina com gestos delicados que me lembraram a atitude dos cientistas ao guardar nas ampolas quantidades mínimas de preciosos soros. Lembrei também um amigo meu, muito econômico e muito minucioso, que costuma usar a mesma lâmina uma infinidade de vêzes tendo em mente a preocupação constante de contar quantas vêzes usou cada lado. Um outro amigo meu pretendendo tirar o máximo proveito da mesma lâmina costumava afiá-la no parapeito de pedra da janela. Então eu, segurando cuidadosamente a lâmina como se fôsse uma dose minúscula e preciosa de «radium», cheguei à janela e escolhi no parapeito a parte da pedra que, pela aparência mais ou menos regular, se prestaria àquele fim, mas não o fiz imediatamente por achar prematuro usar um recurso que seria valioso mais tarde.

Bateram à porta.

— Pode entrar . . . Ô! Bom dia, Colette.

Colette lança um olhar eloqüente a todo o ambiente e sôbre as coisas em desordem e sôbre as paredes vasias, tudo lembra a cela de um frade.

— Você não foi muito favorecido (diz aquela boa alma).

Eu concordo suspirando discretamente como o homem que sabe aceitar a cruz que tem de carregar.

— Vim perguntar se você tem alguma roupa para lavar, vou lavar algumas blusas hoje . . .

— Ô! Mais é muita gentileza sua!

E lhe entrego a camisa que caíra na lama em Rijeka. Pergunto então se por acaso ela não tem alguma lâmina de barbear.

— Lâminas de barbear? (pergunta Colette arregalando os olhos de espanto).

Explico então a minha situação precária por causa daquele esquecimento e justifico a pergunta um tanto embaraçado dizendo que sei que algumas moças usam as lâminas para raspar as pernas.

Aguardo a resposta e ela um tanto atrapalhada com a minha suposição garante firmemente que não precisa nem nunca precisou raspar as pernas.

— Mas . . . (pergunta então Colette) será que por acaso você não tem um estojo de costura de emergência?

— Mas claro que tenho (respondo num tom firme, assim como um cavalheiro a quem perguntam se tem documentos de identidade).

— Bem, será que você poderia nos emprestar? (pergunta ela então corando). Acabamos de verificar que nenhuma entre nós tem um estojinho de costura para emergência . . . é que ficamos contando umas com as outras, julgando que seria uma tolice tôdas trazermos . . . seriam nove estojos . . . não acha?

Respondi num tom um tanto paternal que mais ridículo era o fato de nove moças viajarem sem que uma ao menos lembrasse de trazer algo tão útil. Ainda bem que tiveram a sorte de estar na companhia de um rapaz tão previdente como eu.

— Pois muito bem, e se você quiser vir até o nosso quarto nós o receberemos com muito prazer.

Desço então ao andar nobre do hotel. No amplo quarto ouço as vozes cantantes de Françoise, Nicole, Denise e Gisèle que me acolhem alegremente; tudo ali já está milagrosamente arrumado, apenas alguns vestidos sôbre a cama num colorido alegre. As cortinas meio descidas, um barco entra no pôrto e os marinheiros cantam uma canção típica do mar e do país.

— Michel tem um estojinho de costura (grita Colette triunfante).

Uma algazarra geral acolhe a revelação.

Sinto que aquela homenagem unânime é para mim.

Trata-se do vestido prêto de Gisèle de onde caíra um dos botões dourados que o ornamentavam.

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

● O jovem arquiteto Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará com nove moças. Partem e êle se vê às voltas com Catherine, Denise, Nicole, Colette e mais outras que embarcam nas estações seguintes. Em Rijeka o guia que os espera é também uma moça. Ficam hospedados numa casa de estudantes. Vão à praia, depois comem num restaurante socialista e voltam de trem subterrâneo para a casa de estudantes onde Michel não consegue descansar pois seus companheiros de quarto são barulhentos. À noite vão a uma «boite» e no dia seguinte embarcam num vaporzinho superlotado e ansiosos pelo pôrto e temendo um naufrágio chegam finalmente ao «fjord» de Sibenik. Desembarcam e descobrem que a guia não reservara hotel mas depois de longa conversa entre aquela e um iugoslavo que a esperava conseguem hospedagem para todos. Depois que todos se acomodam a guia informa que está programado um passeio às cataratas de Krka. Michel protesta, preferia ver a cidade mas um sorriso o vence. Aprontam-se e vão para a porta esperar o carro que não vem. Michel sente esperanças de visitar a cidade mas então fica resolvido que irão ver o museu da cidade. Protestando a meia voz o grupo se submete mas aos poucos as pequenas vão desertando e esperam na porta enquanto o pobre Michel ouve resignado a interminável torrente de explicações do encarregado. Ao sair encontra as pequenas sentadas à sombra saboreando deliciosos cachos de uvas geladas.

Ponho a caixinha de costura na mão de Gisèle que me agradece emocionada mas que segura o estojo como se êste fôsse um animal estranho e ela me parece tão desajeitada como se fôsse um esquimau a quem se desse uma régua de cálculo.

— Muito obrigada, Michel.

E Gisèle se volta para as companheiras que parecem tôdas muito empenhadas em tarefas de grande importância. Françoise passa o vestido para lá e para cá na trave roliça que enfeita o pé da cama. Colette tendo na mão a tal garrafa de água de Colônia enche uma porção de pequenos frascos surgidos não sei de onde. Denise deitada repousa enquanto conta com os olhos as tábuas do teto. Nicole cuida das unhas.

— Será que alguma de vocês podia . . . (começa Gisèle hesitante).

— Será que você não sabe cozer um botão!!!

— O que!!! (pergunto eu horrorizado).

— Bem, não é exatamente que eu não saiba (responde Gisèle corando embaraçada) é que para dizer a verdade detesto fazê-lo e mamãe sempre tão eficiente e sabendo disso . . .

Françoise conta então que tem uma empregada tão boa que faz esta tarefa monótona para ela. Quanto a Nicole afirma que sua costureira se incumbe disso para ela.

— Se vocês quiserem (digo eu abrindo os braços resignado ante tão espantosa revelação). posso prender o botão para vocês.

Gisèle fica imensamente agradecida e eu me instalo junto à janela para cumprir esta tarefa inédita que me arranjaram mas conto então, inventando, para aquelas jovens os instantes que eu na minha vida de celibatário tenho passado remendando minhas meias, prendendo botões nas camisas . . . Afinal, concordam tôdas, isto não depõe contra mim pois o duque de Windsor sabe fazer lindos «echarpes» de croché e o rei Gustavo da Suécia gostava de bordar tapêtes.

Senti a voz embargada de emoção ante aquelas evocações de proezas nobres. E cheguei à conclusão de que poderia argumentar com Léna que uma mulher oficial de marinha nada é comparada a um homem que sabe prender um botão.

Léna nos informa que uma excursão está planejada às cascatas de Krka para o dia seguinte.

— E a visita à cidade? (pergunto). Quando daremos uma volta pela cidade?

— Na parte da tarde depois da excursão e antes de tomarmos o navio.

Sinto ao meu redor um pequeno grupo mal satisfeito. Invade-me uma decisão inabalável de não me deixar levar. As tais cascatas de Krka não me parecem tão importantes. As pequenas aprovam a minha decisão enérgica. Sinto que preciso agir, fortalecer meu prestígio, solidificá-lo. As mulheres gostam dos homens que sabem se impor.

Aproximo-me de Léna e falo:

— Léna, (digo com firmeza) decidimos não ir às cascatas de Krka.

— Será que estão assim tão fatigados?

— Não, mas . . .

— O carro já está contratado.

— Sim, mas talvez pudéssemos . . .

— Michel, você parece tão nervoso . . . tenho certeza de que as cataratas o acalmarão. São de uma beleza indiscritível.

E ela sorriu mostrando os dentes brancos e certos. Nada posso fazer contra esta barreira feminina radiosa. Sinto o meu prestígio abalado, aquêle final me lembra uma capitulação em batalha.

No dia seguinte estamos todos sentados no muro do hotel esperando um carro fretado para nós e que não chega.

Olho com esperanças a cidade a nossos pés e que não tive ainda tempo de visitar e me vêm à mente palavras de amigos: «Se você quiser ver realmente alguma cidade não deve ir em viagem organizada».

Aqui parece que todos se guiam pelo mais vagaroso. Depois de vinte minutos de espera Léna vem nos avisar que o carro está enguiçado.

— Vamos então visitar o museu (anuncia ela decidida).

— Não poderíamos ir ver a cidade agora que o sol ainda não está no alto e reservar a sombra do museu para a hora mais quente? (pergunto tìmidamente com olhar implorativo).

— O encarregado do museu nos espera (responde Léna com voz segura e decidida).

E seu olhar sem pena pousa em mim. Onde estará a jovem sorridente que dançou um tango nos meus braços? Não obstante continuo a olhá-la como a um ídolo.

Nicole cochicha a meu lado que acha a atitude de Léna muito pouco polida para comigo. E a onda de revolta e descontentamento cresce.

— Não temos intenção nenhuma de visitar museu agora e não admitimos que ela trate você desta maneira, Michel, vamos!

(Continua no próximo número)



O CARNAVAL DAS CRIANÇAS



NÃO dê a seu filhinho uma fantasia de carnaval que seja uma tortura. Os trajes carnavalescos para a infância devem ser como os que Ramon, desenhista exclusivo desta revista, mostra nestas páginas: leves, simples e baratos.



ESCOLHA SUA FANTASIA



O Carnaval dêste ano promete ser bem quente. Não só por causa do calor como pela vitória do Flamengo. Os foliões começam a improvisar mentalmente suas fantasias e os figurinistas começam a desenhar seus primeiros esboços. Todos êles calcados em motivos padronizados acrescidos de algumas novas sugestões. Bem de acôrdo com a época. Cresce o movimento nas casas de moda, as vitrinas começam a exibir tecidos multicoloridos que cobrirão pequena parte do corpo dos foliões. 1954 veio decidido a ser um dos melhores carnavais de todos os tempos. São os prognósticos de sempre.

SEIS SUGESTÕES DE RAMON EXCLUSIVAS PARA A "REVISTA DA SEMANA"



RAMON é um figurinista de bom gôsto e, sobretudo, muito observador. Diante do papel em branco êle hesitou alguns segundos. E o seu pincel começou a deslizar. Traço firme, elegante, dominado pela simplicidade, misturou tintas, e suas criações começaram a surgir: Cigana, Chinesa, Tenório, Interplanetária, Flamengo e Pierrete. Seis sugestões de fácil realização e de grande efeito.



Week-end na Cozinha

O PEIXE ESPADA É UMA ÓTIMA IGUARIA

Aqui vão algumas maneiras de como prepará-lo, e que servirão também para outros peixes de tamanho médio. — TIA DULCE.

O peixe espada é relativamente grande e se desenvolve nos mares tropicais. Muitas vêzes chega a pesar 300 quilos. Com um nariz comprido e duro, prolongando-se em forma de espada, êle possui uma verdadeira arma. Sua côr é rosada. Nunca exita em atacar uma baleia com sua espada e não é nada raro que um bando dêsses peixes confunda um navio com uma baleia, atacando-o em conjunto.

A espada é tão resistente e êles podem usá-la com tal fôrça que conseguem atravessar o pedaço de madeira mais duro, dessas que se usam na construção de navios.

Para se libertar, o peixe tem que quebrar a espada. No museu de história natural de Londres, encontra-se um pedaço dessa madeira dura, contendo nada menos que três espadas de peixe enterradas.

O peixe espada é também muito gostoso para se comer. Desde muito tempo é considerado como um petisco especial pelos apreciadores da boa mesa. Sua carne é de fácil preparação e de sabor delicado. Uma das maneiras clássicas é **assado** — aliás em tôdas essas receitas pode-se usar também filé de qualquer peixe de tamanho médio.

Ligue o forno e deixe esquentar durante uns 10 minutos. Unte cada pedaço de filé com manteiga e coloque numa assadeira, levando ao forno para tostar. Deixe de 3 a 4 minutos de cada lado e regue constantemente com o môlho que vai caindo na assadeira, durante todo o tempo que estiver cozinhando. Sirva-os com caldo de limão e um môlho bem gostoso, à base de manteiga.

Se você quer fazer algo de mais requintado, experimente então prepará-lo **à moda italiana**, de acôrdo com a seguinte receita:

Esquente um quarto de xícara de azeite de oliva numa frigideira pesada e que tenha tampa. Junte uma cebola de tamanho médio, picada, uma cenoura ralada, e um quarto de xícara de pimentões verdes picados. Refogue tudo isso durante uns 5 minutos e depois acrescente quatro colheres de sopa de farinha de trigo.

Adicione, em seguida, 200 gramas de môlho de tomate, seguido por meia xícara de vinho branco e meia xícara de caldo de carne. Deixe cozinhar, mexendo sem parar, até que o môlho ferva e comece a engrossar. Tempere com meia colher de chá de açúcar, uma pitada de tomilho, outra de manjerona e outra de alho socado, sal e pimenta a gôsto.

Colqoue finalmente o peixe, cêrca de 700 gramas, numa assadeira e regue bem com êste môlho. Salpique por cima queijo Parmezão ralado e leve para assar em forno moderado, cêrca de 25 minutos.

★

O peixe espada é de grande versatilidade. Êle pode ainda ser preparado **frito**, e é como muitas pessoas o preferem.

Corte um pêso de meio quilo dêsse peixe em tirinhas de meio centímetro de largura. Bata um ôvo com duas colheres de sopa de leite. Pas-

se cada tirinha nessa mistura e, em seguida, na farinha de rôsca. Frite na gordura quente, tendo o cuidado de virar de todos os lados para ficar bem tostadinho. Deixe escorrer bem a gordura, tempere com sal e sirva com um môlho de pepinos.

Você não sabe como preparar o **môlho de pepinos?** Então chegue mais para cá e ponha outro cubo de gêlo no seu copo de refresco.

Misture um quarto de xícara de maionese com meia xícara de pepinos bem picadinhos, um quarto de colher de chá de cebola ralada, um quarto de colher de chá de vinagre, um quarto de colher de chá de sementes de aipo, sal e pimenta a gôsto. Mexa bem e depois deixe esfriar. Que môlho!

★

Já que chegamos a êsse ponto, acompanhemos o peixe até o quintal da casa para uma festa ao ar livre. Pois o peixe espada pode perfeitamente ser preparado dêsse modo mais rústico. Deixe-o durante várias horas dentro de seu môlho favorito para pique-niques e vire-o várias vêzes durante êsse tempo. Guarde em seguida o môlho para com êle regar generosamente a carne enquanto estiver cozinhando na grelha, do lado de fora da casa.

★

Diversas pessoas que andaram espiando por sôbre meus ombros (tal é a ansiedade dos leitores por essas receitas), querem agora saber se não conheço mais algum môlho bom para servir com peixe. E' claro que conheço; existe, por exemplo, um **môlho de maionese com «sherry»** que não pode ser comparado a nada que vocês já tenham provado.

Misture uma xícara de maionese com um quarto de xícara de «sherry», duas colheres de sopa de «pickles»; duas colheres de sopa de alcaparra, uma colher de sopa de cebola picada, uma colher de sopa de salsa picada, e uma pitada de sal. Coloque todos êsses ingredientes em banho-maria, e esquente, mexendo o tempo todo.

★

Outro môlho também especial é o **môlho de mostarda e salsa.** Experimente: derreta duas colheres de sopa de manteiga e misture com duas colheres de sopa de farinha de trigo e uma colher de mostarda em pó. Acrescente uma xícara de leite e meia colher de chá de sal. Cozinhe até ficar bem cremoso. Adicione, então, duas colheres de sopa de caldo de limão e uma colher de sopa de salsa. Que tal?

Mas alguma pergunta a respeito?

Sugestão para o lar

O verão traz consigo a época das férias tão sonhadas o ano todo. E' então que você tem mais tempo para pensar na construção ou na reforma de sua casa de campo lá bem no alto da serra, num lugar tão fresquinho que até uma lareira é benvinda em certas noites.

A sugestão de hoje é encantadora — moderna, simples e ampla — para um «living» confortável que, certamente, é o aposento principal da casa da serra.

A lareira é embutida numa parede revestida de compensado, à qual uma máscara em madeira escura dá um tom exótico.

Uma poltrona modernista e uma cadeira de braços, com estofamento verde, são armadas com madeira negra, da mesma qualidade daquela que foi utilizada para a mesinha de centro, com tampo em forma de bandeja irregular.

Um tapête de fibra, em losangos, completa esta decoração de Bloomingdales. O tapête não seria necessário se o pavimento fôsse em cerâmica com quadros em vermelho e branco, ou em verde e branco. — **NIKE.**



Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 13 E 19 DE FEVEREIRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Pequenas modificações vão ser operadas na ambiência astral da próxima semana, em relação à semana anterior. O leitor continuará, pois, no gôzo de uma situação propícia aos seus negócios e aos seus empreendimentos.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Sòmente no dia 18, na parte da tarde, haverá desfavorabilidade em relação ao planêta que lhe governa o destino. Tome suas precauções, em tal dia, evitando, sôbre tudo, as viagens aéreas e contatos diretos com o outro sexo. Há perigo de escândalo e de acidente.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Serão inúteis as diligências que fizer no sentido da recuperação de alguma coisa, de amôres perdidos ou de amizades interrompidas. Não obstante a semana será favorável aos negócios profissionais e à vida conjugal. Os melhores dias serão 14 e 17.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Sua tendência na próxima semana será para os excessos. Quererá aparecer, vencer, brilhar, sobrepor-se a todos e a tudo. Uma grande desilusão coroará todos os esforços, pois não haverá clima para a realização dos seus propósitos, injustos, aliás.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Os dias 15, 17 e 19 serão muito bons para o leitor. Nesses dias poderá fazer os pedidos em projeto, as solicitações já mentalizadas. Terá 99 probabilidades, contra uma, para ser imediatamente atendido. No trabalho e no lar tudo andará.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não se estenda muito, nos seus negócios, na semana que se inicia. O ambiente lhe contrariará a projeção, diminuindo-lhe a figura. Contente-se com o que já conseguiu, pelo menos até a mudança do atual ambiente astral. Os piores dias, no seu caso, serão 13, 16 e 18.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Poderá impor o seu ponto de vista nos casos em que fôr parte interessada. A situação está para o leitor. Os astros vão lhe oferecer excelente oportunidade para atingir os objetivos à vista. As promessas serão realizadas com tôda presteza.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — O meio ambiente será de harmonia e lhe facilitará as pretenções. Seja moderado e modesto nos seus desejos, pois a situação não comportará excessos ou grandezas.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O momento será propício às viagens por mar ou pelo ar e às propostas sentimentais. Os negócios não terão o andamento desejado, podendo, porém, chegar a conclusões as mais satisfatórias.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Preste tôda a atenção aos sonhos que tiver nos dias 13 e 17 e principalmente no dia 19. Êles lhe revelarão uma página futura da sua vida sentimental. Se não souber interpretá-los, peça a alguém que o faça.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Não haverá perigo de insucesso na próxima semana. Pode empreender, vender, comprar, assumir compromissos verbais ou por escrito e tomar empréstimos. Tudo será resolvido a contento.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Sòmente o dia 18 não lhe será favorável. No mencionado dia não faça nem receba, se possível, visitas, pois estará sujeito a desentendimentos fortes com perda de boas e velhas amizades.

OS NOMES DA SEMANA

Fevereiro,	13	—	Eudálio	—	Euda
"	14	—	Sérvulo	—	Djanira
"	15	—	Setembrino	—	Alba
"	16	—	Paulino	—	Silvana
"	17	—	Vitório	—	Elisabete
"	18	—	Fausto	—	Elsa
"	19	—	Mauro	—	Marina

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				(SIGNO DO:)
Fevereiro,	13	—	24º - 15' - 31"	(Aquário)
"	14	—	25º - 16' - 7"	(")
"	15	—	26º - 16' - 42"	(")
"	16	—	27º - 17' - 16"	(")
"	17	—	28º - 17' - 48"	(")
"	18	—	29º - 18' - 18"	(")
"	19	—	00º - 18' - 46"	(Peixes)

GRANDE CONCURSO

ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

CONCURSO DE NATAL

CONFORME o resultado da extração da Loteria Federal de Natal de 1953, verificada na quarta-feira, 23 de dezembro, estão premiados os ÁLBUNS que contiverem os seguintes números:

23.763 — 1º prêmio, um aparelho TV, 25 mil cruzeiros.

63.463 — 2º prêmio, terreno no valor de 20 mil cruzeiros.

63.189 — 3º prêmio, uma máquina de escrever, 6 mil cruzeiros.

89.547 — 4º prêmio, uma máquina de costura, 5 mil cruzeiros.

3.763 — Todos os ÁLBUNS terminados com êsse milhar dão direito a um prêmio de utilidade doméstica do valor de Cr$ 1.000,00, cada um.

763 — Todos os ÁLBUNS terminados com essa centena dão direito a um prêmio de utilidade doméstica no valor de Cr$ 200,00, cada um.

Aproximação do 1º prêmio, crescentes e decrescentes, dão direito a dois prêmios (bicicletas motorizadas).

Aproximações na mesma ordem, do 2º prêmio, dão direito a dois prêmios (enceradeiras elétricas).

Aproximações na mesma ordem, do 3º prêmio, dão direito a dois prêmios (liqüidificadores).

Aproximações na mesma ordem, do 4º prêmio, dão direito a dois serviços de café.

● Os portadores dos ÁLBUNS podem conferir a relação acima, tomando por base os prêmios da Loteria Federal, na seguinte ordem: 1º — 19.223; 2º — 39.763; 3º — 19.463; 4º — 11.189; e 5º — 15.547. Fazendo-se as combinações conforme explicação no ÁLBUM, encontrarão os números sorteados em nosso Concurso. Todos os contemplados podem apresentar-se no escritório da «BRAZÍLIA», rua Visconde de Inhaúma, 134, 4º andar, nesta cidade, ou dirigir-se à mesma, no caso de residência fora do Rio, que serão prontamente atendidos.

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

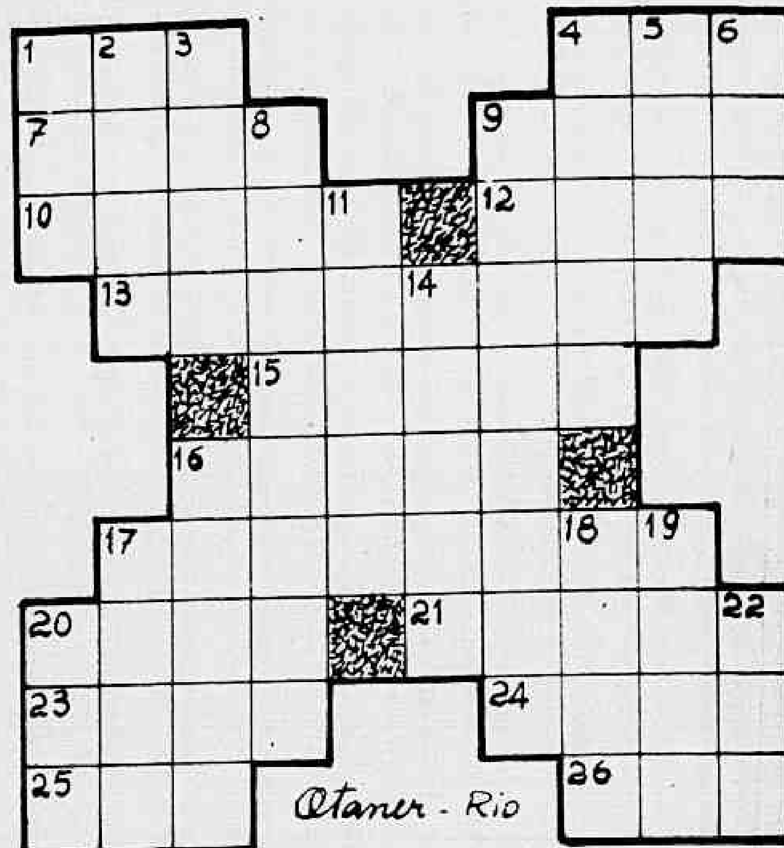
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Palavras CRUZADAS

PROBLEMA Nº 2

PARA VETERANOS



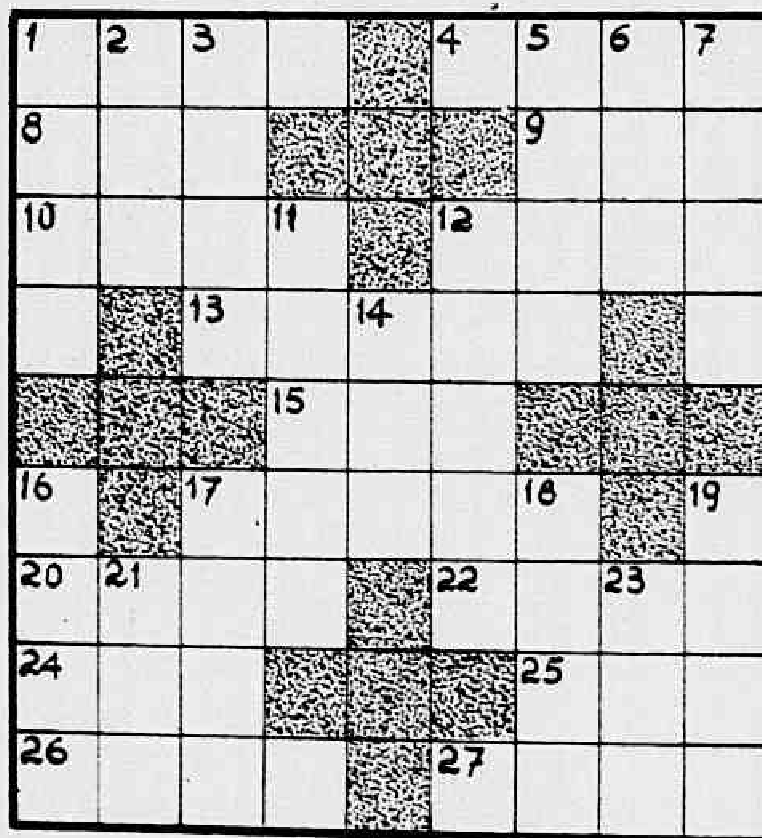
HORIZONTAIS: — 1. Cachaça de mau gôsto — 4. Cinzas — 7. A Noite, na mitologia escandinava — 9. Nome das lagartas da família dos Coclidídeos — 10. Surra, tosa — 12. Vento de leste — 13. Parte decimal dos logarítimos — 15. Enodoado, sujo — 16. Aquilo que concorre para um resultado — 17. Povoado de árvores — 20. Embarcadouro — 21. Lugar onde os que a êle se recolhem ficam isentos da execução das leis — 23. Arredores — 24. Suplicar — 25. Após — 26. Uma das partes da dobradiça.

VERTICAIS: — 1. Prefixo grego que traz a idéia de posição fronteira — 2. Penetram vencendo obstáculos — 3. Aziaga — 4. Conto, história — 5. Ambiente psicológico de um acontecimento exterior — 6. Atilho — 8. Ensaios — 9. Dado à capoeiragem — 11. Assobio agudo e forte — 14. Ignora — 16. Pessoa cruel e sanguinária (pl.) — 17. Parte grossa do poste que fica enterrada no solo — 18. Gordura — 19. Remoinhos — 20. Cidade da França, no departamento de Hautes-Alpes — 22. Presentemente.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Estado do Brasil — 4. Querer bem — 8. Reza — 9. Aranha amazônica — 10. Capital da Itália — 12. Mau cheiro (pl.) — 13. Aguardente extraída do arroz fermentado — 15. Espécie de maçã vermelha — 17. Fragância — 20. Cantiga — 22. Terra arroteada e própria para cultura — 24. Oceano — 25. Pássaro, também chamado sangue-de-boi — 26. Membros de ave — 27. Móvel de sala de jantar.

VERTICAIS: — 1. Colocará — 2. Argola — 3. Ramada — 5. Padiola — 6. Governanta — 7. Ato de rir — 11. Tolo — 12. Em lugar mais alto — 14. Constelação austral — 16. Móvel de quarto de dormir — 17. Toma ar; refresca-se — 18. Ofício — 19. O mesmo que aléia — 21. Título abissínio — 23. Gritos de dor.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 1

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — **amam — dará — raras — as — sei — pá — sal — mar — bom — par — boa — lar — or — ror — ri — corar — atai — sara.**

VERTICAIS: — **aras — ar — mas — dai — as — atar — rei — sabor — parar — loa — mal — bola — pôr — rica — rói — ras — cá — Ra.**

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — noivai — mordente — Rã — aedo — ni — Ens — mó — Atm — Agar — Amri — tage — Daet — ara — ab — iva — Sá — atol — Ir — maracajá — mororó.

VERTICAIS: — nó — ora — idem — vêdo — ano — it — mangaram — entrevia — reatas — imitar — saga — amai — re — ad — atar — bocó — aro — lar — am — Jó.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

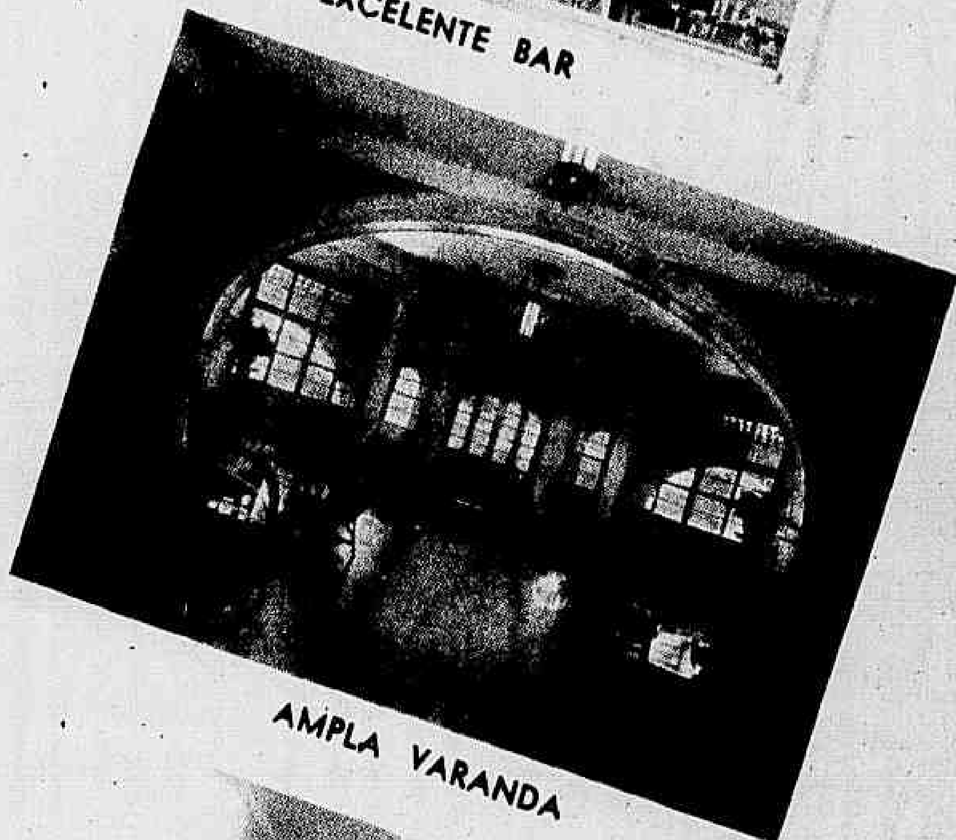
★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



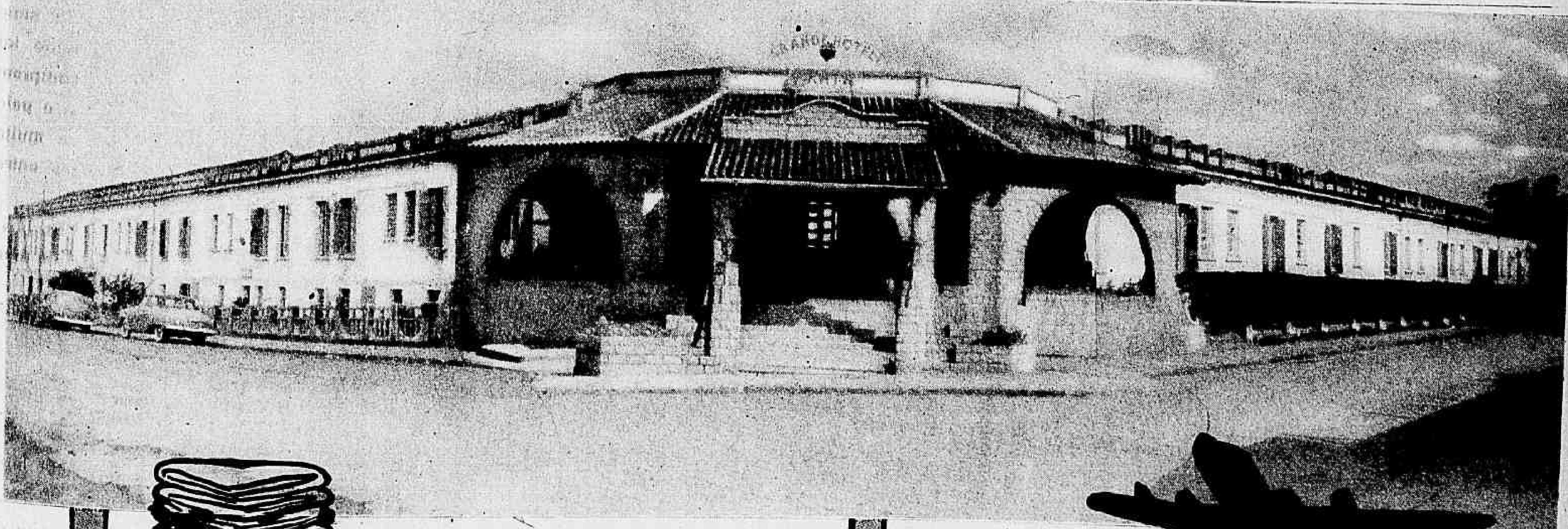
EXCELENTE BAR

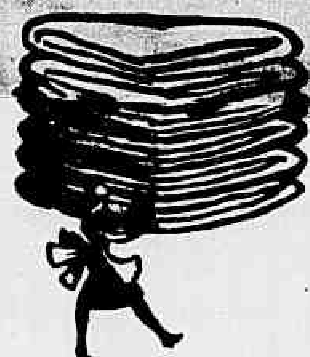


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

RESPOSTAS AO TESTE DA PÁGINA 18

1 — Alagoas; 2 — 1916 — 3 — Talleyrand; 4 — Chefe; 5 — Região Leste; 6 — O Monte Pascoal; 7 — Dez; 8 — Leste Brasileira; 9 — Em São Paulo (1641); 10 — Francisco de Castro Morais; 11 — Doze; 12 — Paquetá; 13 — 7 de janeiro de 1890; 14 — Artur Bernardes; 15 — O Senado Federal.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.......................

ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



NAS BÔAS CASAS DO RAMO

HOTEL WINDSOR

Sob nova administração

★

Elegante Bar — Luxuosos e Confortáveis Apartamentos

★

R. GUAIANAZES, 10

(esquina rua dos Timbiras)

Tel.: 34-4195 (rêde interna)

Teleg.: «WINDSORHOTEL» SÃO PAULO — BRASIL

CONVERSA DE MULHER

● PARA COMEÇAR... AO CABELEREIRO

Depois de esperar durante sete anos o visto que a deixasse ir encontrar o marido, a senhora Clara Hall conseguiu finalmente sair da Rússia. Chegando a Londres, sua primeira visita foi para o cabelereiro. Explica:

— Não é que não tenhamos na Rússia bons cabelereiros, mas as filas são tão grandes! Aqui, basta marcar hora pelo telefone.

● COMO NUM CONTO DE FADAS

A senhora Catarina Crisafo, de Gênova, conseguiu reencontrar o filho que julgava ter perdido quando ainda com quatro meses de idade... O menino, naquela época, estava com a ama, que tinha um bebê da mesma idade. Morreu o filho da ama, e esta fêz crer que fôra o de Catarina. Isso se deu em 1926. Agora, depois de passados quase 28 anos, no leito de morte, e dominada pelo remorso, a ama confessou o segrêdo que guardara durante tanto tempo, e o rapaz conseguiu reencontrar sua verdadeira família... Tudo como num conto maravilhoso!

● A PRINCESA LADRA

Roubar não é apenas uma ocupação a que se dedicam pessoas pertencentes à burguesia... Haja visto o escândalo que atualmente irrompeu na sociedade de Nápoles, por ter sido apanhada em roubo de jóias e pratarias a princesa Maria Guiness de Mignano — uma das herdeiras de um dos mais belos títulos da antiga nobreza napolitana. Hospedava-se ela nos mais ricos solares e castelos. **Agia** nas caladas da noite, quando os anfitriões dormiam. Foi prêsa graças à denúncia de um criado, que estranhou o pêso de suas malas...

● AS SAIAS DA RAINHA

Depois de parecer ter-se encerrado, a guerra das saias, volta ao noticiário dos jornais. Os costureiros norte-americanos andam comparando as últimas fotos da Rainha Elizabeth, atualmente em viagem pelo seu reino, e parecem ter chegado à conclusão de que as saias da rainha estão uma polegada mais curta. Pretende — divulgando tal fato — que as freguesas comprem saias um pouco mais curtas e pelo mesmo preço. A rainha tem muito prestigio nos Estados Unidos entre as mulheres.

Uma polegada aqui, outra lá... é uma boa economia de tecido, pensam os fabricantes...

● O CONTO DA VIÚVA

Aconteceu uma aventura um tanto ou quanto amarga ao senhor Jerry Finks, nos Estados Unidos.

Cançado de uma vida inteira de solidão, casou-se com uma viúva de quarenta anos. Depois de três semanas de vida conjugal a mulher sumiu, levando consigo um cofrezinho com alguns milhares de dólares. O senhor Fink, compreendendo que fôra ludibriado em sua boa fé, começou uma ação de divórcio. Mas, fôra enganado muito mais do que pensava. A viúva se casa com papéis falsos, de forma que a verdadeira espôsa (a das certidões) era uma anã, 20 anos mais velha do que êle...

L.J.

UM POUCO DE Beleza



PARA CORRIGIR A PAPADA

Um dos defeitos que mais denunciam uma idade que você não tem é a papada — êsse pouco estético acúmulo de banhas sob o queixo. Existe, no entanto, um exercício que, se praticado com persistência, durante algum tempo, corrigirá a papada ainda em formação e evitará que ela surja, se se tem tendência para isso.

Sente-se numa cadeira de espaldar reto. Amarre um lenço, passando por debaixo do queixo, e incline a cabeça para trás, até olhar o teto. Depois, sempre com o lenço amarrado, mastigue com fôrça, abrindo a bôca o mais que puder. Se o exercício fôr bem executado, você deve sentir um esfôrço definido na parte de baixo do queixo, quando fechar a bôca. Comece êsse exercício fazendo-o três vêzes pela manhã e à noite. Para prevenir papadas, existe também um outro método ótimo: cubra um pouco de gêlo com algodão, e amarre sob o queixo com um lenço. Fique assim até o gêlo derreter todo, mantendo-se bem erecta. — JÚLIA DE MILO.

DESCANSO

O repouso é indispensável para sua beleza, já que o cansaço é inimigo da mesma. Rugas, pele sem vida e ressecada, cabelo fosco e quebradiço... tudo isso pode ser sinal de que você não dá a seu corpo o descanso de que êle necessita. Se tem dificuldade em dormir à noite, experimente fazer isso: escove os cabelos, para que os músculos da cabeça e pescoço sintam-se menos tensos; depois tome um banho morno, e, a seguir, um copo de leite.

Deite-se na cama preguiçosamente, procure repousar o corpo e aguarde calmamente que chegue o dia seguinte...

SUA PELE

A côr de sua pele, mais ou menos corada, pode indicar o seu estado de saúde. Quando a alimentação é apropriada a pele se apresenta com certo esplendor, saudável. No entanto, pode-se ajudar a pele a adquirir uma tonalidade bonita, estimulando a circulação. Para as peles normais e sêcas recomendam-se as loções suaves. Para as peles flácidas, um adstringente a base de óleo.

SEUS CABELOS

★ Se seus cabelos são secos, faça uma massagem com óleo quente, na véspera de lavá-los.

★ Se são oleosos, aconselha-se uma loção adstringente, entre os xampus.

★ Se tiverem as pontas ressecadas, use um pouquinho de brilhantina nas mesmas.



VAI COMEÇAR O FESTIVAL DE CINEMA



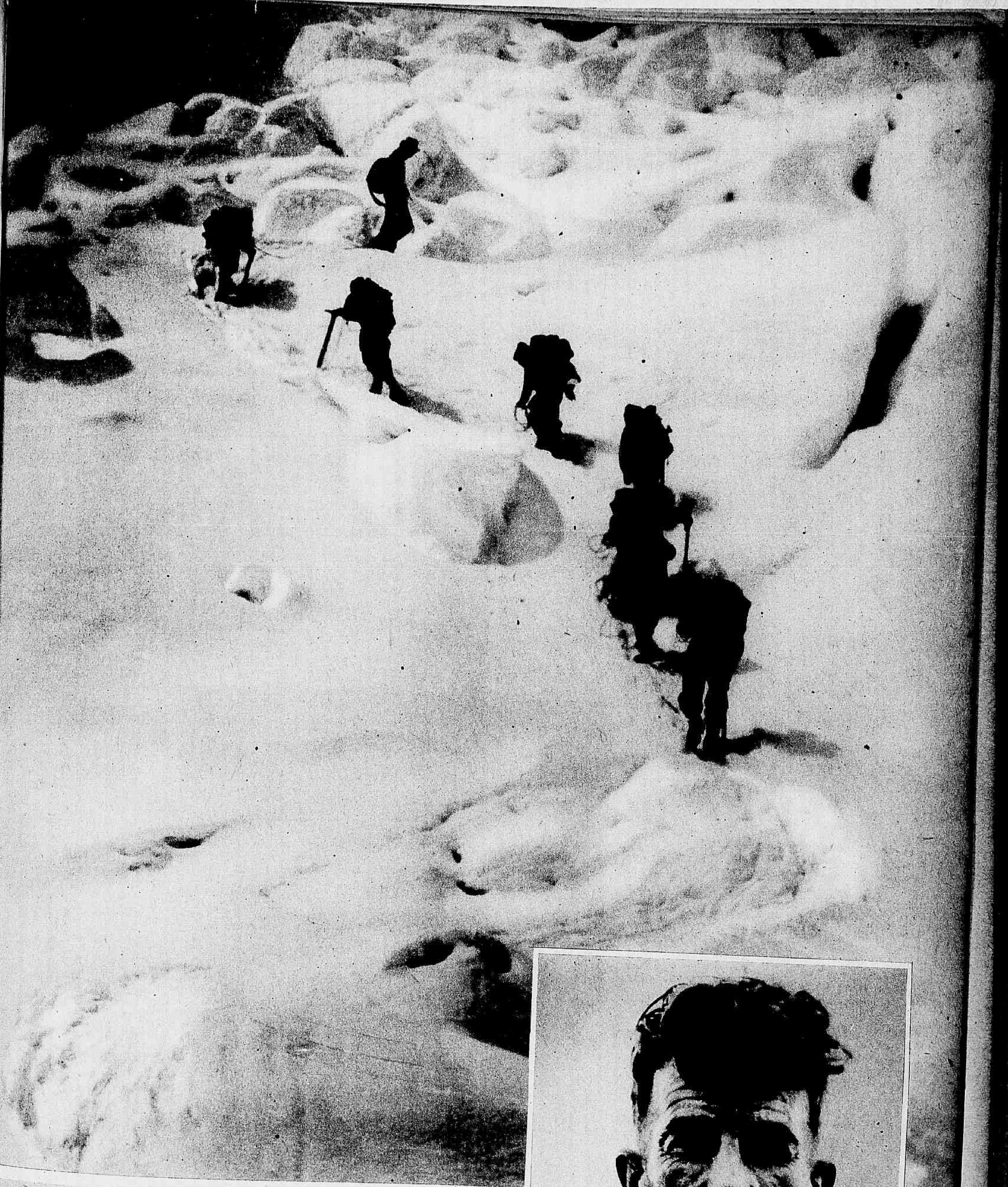
Audrey Hepburn e Gregory Peck são «A Princesa e o Plebeu» do título brasileiro de «Roman Holiday» (Paramount), já exibido no Festival de Veneza.

FILMES DE 23 PAÍSES (INCLUSIVE ÍNDIA E JAPÃO) ★ PRINCIPAIS ATRAÇÕES: CINEMASCOPE, 3-D E «JÚLIO CÉSAR» ★ RETROSPECTIVA DE 50 ANOS DE CINEMA.

Reportagem de ELY AZERÊDO

CHEGARAM ao fim os longos meses de preparativos e negociações diplomáticas. Abrem-se as portas do Primeiro Festival Internacional de Cinema do Brasil, atraindo a São Paulo artistas e cineastas de 22 países (além do Brasil): Alemanha, Áustria, Espanha, Inglaterra, França, Índia, Portugal, Suécia, Dinamarca, Holanda, Suíça, Japão, Estados Unidos, Canadá, Argentina, México, Venezuela, Uruguai, Peru, Chile e Iugoslávia. Não se cogitou de convidar a Rússia e os países de sua esfera de influência. (No último Festival de Veneza, a Rússia quebrou um isolamento que datava de antes da guerra, comparecendo com a Tchecoslováquia, a Polônia e a Hungria).

Até a ONU está presente, através da UNESCO, que apresenta parte de seu Museu de Cinema em grandes painéis fotográficos. Paralelamente às sessões oficiais, realizam-se os Festivais do Cinema Educativo e Científico (com a colaboração do famoso Jean Painlevé) e do Cinema Infantil (com o apoio do «Club Cendrillon»); as «Jornadas Nacionais» (uma de cada país representado) para exibição não-oficial de filmes inéditos no Brasil; a Retrospectiva do Cinema Brasileiro, em colaboração com o Museu de Arte Moderna de São Paulo; e a Retrospectiva do Cinema Internacional («Grandes Momentos do Cinema»), com filmes cedidos por cinematecas de Paris, Londres, Bruxelas, Milão, Rochester (EE.UU.), Amsterdam, Praga, e pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo.





«A Conquista do Everest», considerado um dos «dez melhores» de 1953 pela crítica americana, representará sòzinho o cinema inglês no Festival de São Paulo. A expedição foi a oitava a escalar o Everest e a quinta que teve como objetivo o pico da montanha. Sua emocionante aventura, registrada em filme, foi considerada mais excitante que qualquer obra de ficção pelos críticos norte-americanos. Na fotografia ao lado, vemos Edmund Hillary (agora Sir), que alcançou o pico com o «Sherpa» Tensing. — (United Artists).

VAI COMEÇAR O FESTIVAL DE CINEMA

DEFICIÊNCIAS

Com o atraso na instalação do Cinemascope no Cinema Palácio (Rio), a primeira exibição do novo sistema no Brasil será feita no Festival com o filme «Como casar com um milionário». Para os americanos e grande parte dos europeus, o Cinemascope já não é novidade.

Segundo o regulamento do Festival, só «em casos excepcionais, justificados pelo alto nível técnico ou artístico da obra, e a juízo da Comissão Executiva, ou por acôrdo entre esta e os países participantes, será permitida a exibição de películas já exibidas fora do Brasil, bem como as já apresentadas em outros Festivais». A princípio, êsse parágrafo foi esquecido: quase todos os filmes anunciados haviam sido amplamente exibidos no estrangeiro. Exemplos: «Tereza Raquin», de Carné, «Os Orgulhosos», de Yves Allégret, etc. Depois, êsses filmes foram transferidos das sessões oficiais para as «Jornadas Nacionais». Tinha-se a impressão de que o Regulamento seria observado à risca.

Entretanto, o programa definitivo inclui inúmeros filmes entre os «casos excepcionais» citados acima: «1º de Abril do Ano 2.000» (Austria), o americano «Roman Holliday» (A Princesa e o Plebeu) e «Pássaros Aquáticos» (da série «Maravilhas da Natureza», de Disney), já foram vistos em festivais europeus; o inglês «A Conquista do Everest», já passou pelos Estados Unidos; «Como casar com um milionário» já foi à Europa, e os outros filmes de Hollywood são conhecidos (pelo menos) nos EE.UU.

PROGRAMA DEFINITIVO

Até a hora em que escrevíamos essa reportagem, ainda não eram conhecidos os filmes brasileiros (a grande lacuna do Festival), os suecos (dois), e um dos três prometidos pela Itália.

Batalha de resultado inglório foi a movida pela Comissão Executiva para obter o apoio da Inglaterra. Os produtores inglêses consideram que a criação de novos festivais desvaloriza os já tradicionais de Veneza e Cannes. E não deram o braço a torcer: o único filme inglês — «A Conquista do Everest» — não é produção de stúdio. E' um documentário de longa metragem sôbre a ascenção ao ponto culminante da Terra, no «Teto do Mundo». Em vez de «astros» e «estrêlas», virá apenas um membro da expedição. O filme foi considerado um dos dez melhores de 1953 pela associação dos críticos americanos. Sendo impossível levar na expedição uma câmara de tecnicolor (pesadíssima), «A Conquista do Everest» foi filmado com câmara comum e copiado em tecnicolor.

Os filmes oficialmente inscritos no Festival, são:

INGLATERRA — «A Conquista do Everest».

ALEMANHA — «O Vendedor de Pássaros», de Artur Maria Rabenalt, com Ilse Werner; «Coração que dança», de Wolfgang Liebeneiner, com Paul Horbiger; e «Enquanto estás comigo», de Harold Braun.

AUSTRIA — «1º de Abril do Ano 2.000», de Wolfgand Liebeneiner, com Hilde Krahl. E' uma fantasia; o mais famoso filme austríaco do após-guerra».

ESPANHA — «Condenados», com Aurora Bautista.

FRANÇA — «Juliette», de Marc Allégret, com Dany Robin (que faz parte da delegação) e Jean Marais; «O Amor de uma Mulher», de Jean Grémillon, com Micheline Presle, Massimo Girotti e Gaby Morlay; «O Curandeiro», de Yves Ciampi, com Jean Marais e Danielle Delorme; e (o mais importante), «O Trigo que Cresce» (Le Blé en Herbe), de Claude Autant-Lara. Versão do romance de Colette: história de um adolescente (Pierre Michel Beck, o «Rebento Selvagem»), iniciado no amor pela sedutora Dama de Branco (Edwiges Feuillères).

ITÁLIA — «Pão, Amor e Fantasia», de Luigi Comencini, com Vittorio de Sica e Gina Lollobrigida; e «Musoduro», de Giuseppe Bennati, com Cosetta Greco, Marina Vlady e Fausto Tozzi.

PORTUGAL — «O Cêrro dos Enforcados».

ARGENTINA — «Dias de Ódio» e «Maria Madalena». Êste, é uma versão «modernizada» da história de Maria Madalena (Laura Hidalgo), filmada em grande parte (cêrca de 50%) em cenários naturais da Bahia.

MÉXICO — «A Mentira», «Atiro-me em teus braços» e «A Louca».

VENEZUELA — «Luz no Páramo».

JAPÃO — «Águias do Pacífico» e «Acima das Nuvens» (sôbre temas de guerra).

ESTADOS UNIDOS — «Hondo», elogiadíssimo «western» em 3-D, dirigido por John Farrow, com John Wayne e Geraldine Page (Warner); «A História de Glenn Miller», de Anthony Mann, com James Stewart e June Allyson (Universal); «Júlio César», de Joseph L. Mankiewicz (Metro); «Como casar com um milionário», de Jean Negulesco, com Marilyn Monroe, Betty Grable e





«Júlio César», com Louis Calhern (César) e Edmund O'Brien (Brutus). «Filme extremamente fiel a Shakespeare», diz a crítica. (Metro).

Lauren Bacall (o segundo filme em Cinemascope, Fox); e «Roman Hollyday» (A Princesa e o Plebeu), de William Wyler, com Gregory Peck e Audrey Hepburn.

«Júlio César» será apresentado em tela panorâmica. E' uma versão fidelíssima do texto de Shakespeare e tem um grande elenco: Marlon Brando (Marco Antônio), James Mason (Brutus), John Gielgud (Cassio), Louis Calhern (César), Edmond O'Brien (Casca), Greer Garson (Calpurnia, espôsa de César) e Deborah Kerr (Porcia, espôsa de Brutus).

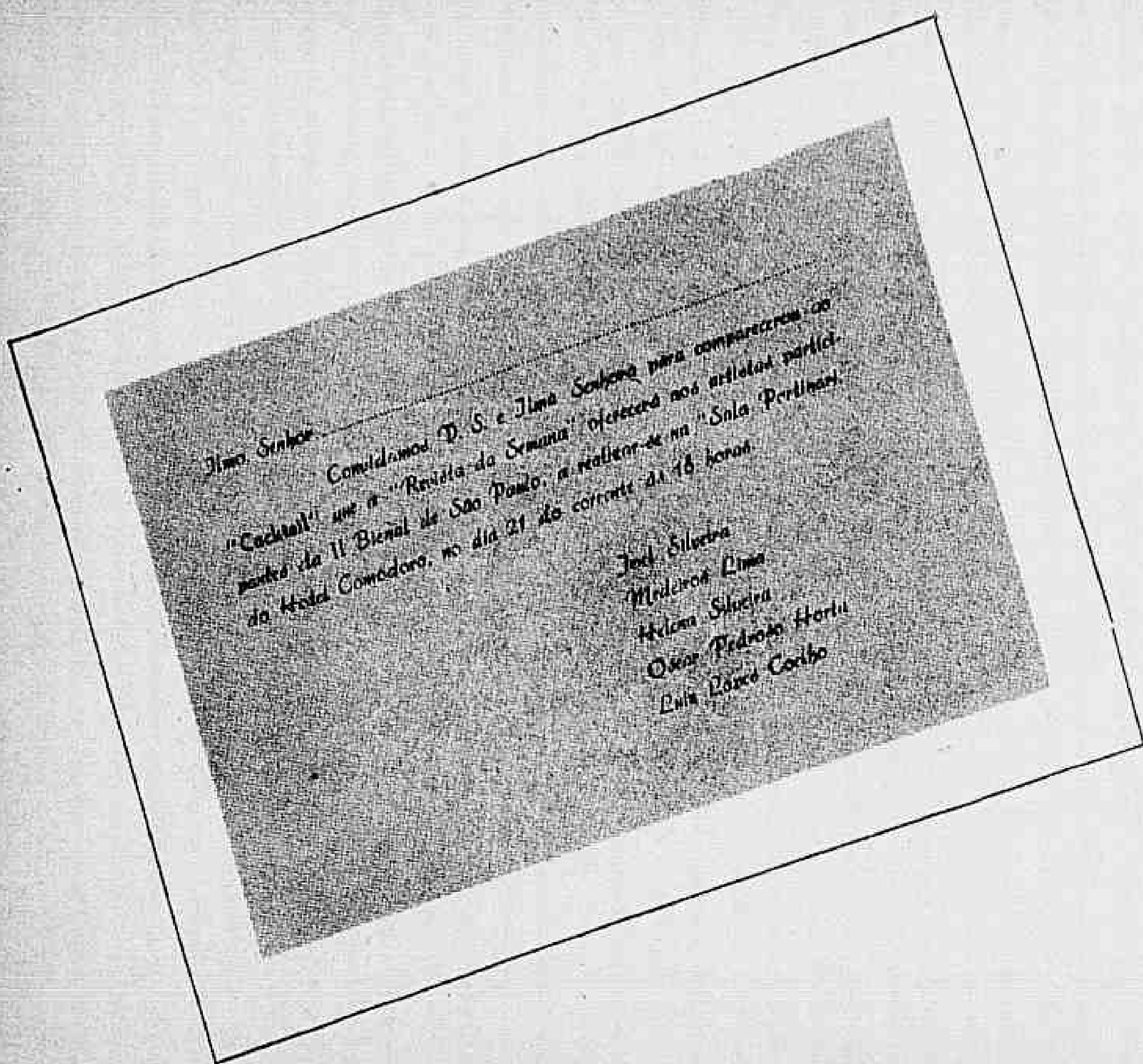
CURTA METRAGEM

Dinamarca, Holanda, Suíça, Canadá, Uruguai, Peru, Chile, Índia e Iugoslávia apresentarão apenas filmes de curta metragem. À primeira vista, chamam nossa atenção os seguintes títulos: «Pássaros Aquáticos», de Disney, premiado com um «Oscar»; «Blackout» (Canadá), do famoso autor de filmes experimentais Norman MacLaren; e o filme do italiano Enrico Gras sôbre a arquitetura incaica de «Machu-Picchu», que representa o Peru.

CINEMA DE ONTEM

A Retrospectiva do Cinema Internacional («Grandes Momentos do Cinema») apresentará, entre outros, os seguintes «clássicos»: dez filmes de Georges Méliès, o primeiro realizador de filmes fantásticos; onze de Max Linder o cômico francês que tanto influenciou Carlitos; «Cabiria», de Piero Fosco, a mais famosa «reconstrução histórica» do silencioso italiano; «O Nascimento de uma Nação», de Griffith; «O Tesouro de Arno», do sueco Stiller; «O Gabinete do Doutor Caligari», de Wiene; «Nosferatu, o Vampiro», de Murnau; «A Viagem Imaginária», de René Clair; «O Encouraçado Potenkim» e «Os Dez Dias que Abalaram o Mundo» («Outubro»), de Einstein; «Napoleão», de Abel Gance, filme precursor dos atuais processos de tela-gigante; «Amanhecer», de Murnau; «O Vento», de Sjostrom; e «A Terra», de Dovjenko.

Marylin Monroe (na foto), Betty Grable e Lauren Bacall dão proveitosas lições de «Como casar com um milionário» na segunda producão em Cinemascope filmada pela Fox. A primeira apresentação pública de Cinemascope no Brasil é uma das atrações do Festival de S. Paulo.



Ilma. Senhor..........
Convidamos V. S. e Ilma. Senhora para comparecerem ao "Cocktail" que a "Revista da Semana" oferecerá aos artistas participantes da II Bienal de São Paulo, a realizar-se na "Sala Portinari" do Hotel Comodoro, no dia 21 do corrente às 18 horas.

José Silveira
Medeiros Lima
Helena Silveira
Oscar Pedroso Horta
Luis Lopes Coelho

"REVISTA DA SEMANA" HOMENAGEIA (EM S. PAULO) OS ARTISTAS DA II BIENAL

Foi um autêntico sucesso a nossa festa, que contou com a presença de políticos, intelectuais, artistas e (principalmente) mulheres bonitas.





Flávio de Carvalho, em companhia de Dulce Carneiro, explica ao crítico Bandeira o caráter de sua pintura.

Um "cock-tail" amen e b

FOI uma festa alegre, simpática, amena, apartidária e — segundo os jornais paulistas — das mais simpáticas já havidas na «Sala Portinari» do Hotel Comodoro. REVISTA DA SEMANA homenageava os artistas da II Bienal — e o motivo, tão justo, atraiu para o hotel de Maurício Fernandes o que de melhor São Paulo possui em matéria de política, letras, indústria, artes, etc. Ficou-se lá das 18 às 22 horas, bebeu-se uísque legítimo, provou-se de um «buffet» sem maiores excentricidades, mas honesto e saboroso. E não houve discursos, substituídos, màgicamente, pela conversa dos grupos ou simplesmente pelo matisgar ou pelo bebericar. Os artistas foram abraçados e cumprimentados; filmou-se, fotografou-se, repórteres tomavam notas. E tudo acabou como havia começado: de maneira alegre e amena, numa atmosfera rigorosamente apartidária.

Gregorio Gregorian e Vedova, pintor italiano premiado na II Bienal palestram animadamente.



O abstracionista Antônio Bandeira (prêmio Fiat) e as srtas. Maria Helena Morganti, Vilela Bueno e Lalucha Fonseca.

e brilhante, na magnífica Sala Portinari do majestoso Comodoro



Tarsila do Amaral (pintora) e o pernambucano Lula Cardoso Aires também expositor na II Bienal de São Paulo.



Oscar Pedroso Horta (diretor da «Última Hora» de São Paulo, o cronista Cornélio Procópio e a elegantíssima Dana Mendonça.



Di Cavalcanti (o premiadíssimo) em companhia da senhorita Maria Helena Morganti, da sociedade paulista.



O escritor Fernando Sabino, a srta. Coqui de Monfort e o ator paulista Maurício Barroso, conversam.



A escritora Dinah Silveira de Queiroz, sra. Dinah Coelho, sra. Aliete Borges Vieira e o jornalista José Tavares de Miranda.



A cronista Helena Silveira, a pintora Wega e Joel Silveira, redator-chefe da REVISTA DA SEMANA.

E os jornais, já no dia seguinte, abriam colunas para saudar,

MUITA gente estêve presente ao «cock-tail» que REVISTA DA SEMANA ofereceu, dia 14 último, na «Sala Portinari» do Hotel Comodoro, aos artistas da II Bienal. Não conseguimos anotar os nomes de todos que estiveram presentes. Mas anotamos os seguintes:

Oscar Pedroso d'Horta, Luís Coelho e senhora (êstes três também donos da festa), mme. Prestes Maia, srs. Cornélio Procópio (o cronista Jerry), sr. e sra. Fernando Veloso, srta. Carmelinha Cardoso, sr. Paulo Quadros, Geraldo de Barros, Almeida Sales, Jean Sermaize, sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, sra. Tarsila do Amaral, pintores Di Cavalcanti, Aldemir Martins, Arnaldo Pedroso d'Horta, Antônio Bandeira, Flávio de Carvalho, sras. Dana Mendonça, Iara Bernete, sra. Helena Silveira (outra dona da festa), poeta Jamil Almansur Haddad, sra. Dulce Carneiro,



Lívio Abramo (prêmio de gravura), srta. Aliete Borges Vieira, sra. Dinha Coelho Francisco Matarazzo Sobrinho (o festeiro do IV Centenário) sr. e sra. Raul Bope.



O casal Fernando Veloso em companhia de Luís Coelho, um dos mais famosos anfitriões de São Paulo.



A sra. Maria Penteado Camargo, a sra. Lula Cardoso Aires e sua bonita sobrinha, e a linda senhorita Carola Penteado.



O deputado Licurgo Leite (de Minas), Luís Coelho, um dos donos da noite, e o jornalista Medeiros Lima.

com simpatia, a nossa iniciativa. Agradecemos comovidos

a cronista Leila Morise, jornalista Fernando Sabino, srta. «Coockie» Monforte, o ator Maurício Barroso, o «astro» Anselmo Duarte, a escritora Dinah Silveira de Queiroz, sra. Aliete Borgres Vieira, poeta José Tavares de Miranda, sr. Fábio Barbosa, sr. Gregório Gregorian, o pintor Vedova (um dos laureados), a pintora Germana de Angelis, srta. R. de Angelis, srta. Vilela Bueno, sra. Lalucha Fonseca, o editor José de Barros Martins, a sra. Maria Penteado Camargo, sr. Lula Cardoso Aires, srta. Carola Penteado, o pintor Lívio Abramo, srta. Aliete Borges Vieira, sr. e sra. Raul Bopp (a presença do grande poeta foi uma das surprêsas da festa), sr. Paulo Rossi, o cronista Antônio Maria (que chegou no segundo tempo), a srta. Maria Helena Morganti, o poeta Antônio Rangel Bandeira, o deputado Licurgo Leite, o dr. João Leite, o jornalista Darwin Brandão, o jornalista Hélio Abreu, o jornalista Jack Pires, e outros.



O escritor Fernando Sabino, Oscar Pedroso Horta, o editor Barros Martins e o jornalista Joel Silveira



ISTO ainda não é o carnaval, apenas uma farra preparatória. Daí pode-se julgar as alturas a que chegarão os três dias de Momo.

O CARNAVAL JÁ COMEÇOU

Os foliões mais impacientes já botaram até fantasia, e reina nos bailes pré-carnavalescos uma atmosfera de têrça-feira gorda ★ Santa Rosa enfeitará a cidade como ela nunca foi enfeitada ★ Quanto aos preços, também serão novos...

Reportagem de WILSON MACHADO **Fotos de ARNALDO VIEIRA e EDUARD SCHULTZE**





BALÕES, sorrisos e espáduas a mostra, antecipando a brincadeira. Mas o casal (em primeiro plano) parece resistir à tentação.

A movimentação carnavalesca tomou conta da cidade: Invadiu os bairros da zona sul, merguhou no subúrbio, como uma epidemia relâmpago. O cancioneiro de Momo ocupou as estações de rádio e se espalhou pelas ondas hertzianas. Sintonisamos nosso aparelho, corremos o dial através das emissoras — são as marchinhas e os sambas dominando outras programações. As casas de discos ligam espalhafatosos altofalantes anunciando a venda dos maiores sucessos do momento. As melodias andam de bôca em bôca. O transeunte mais entusiasmado vai pela rua trauteando o samba e a mulatinha inqueta ensaia na via pública um passo de frevo. Tudo o mais vai caindo no segundo plano. Os problemas da sucessão, o salário mínimo, os inquéritos públicos, e outros «shows» do mesmo gênero, vão cedendo lugar à atração carnavalesca.

O carnaval de 1954 está sendo fabricado febrilmente. Enquanto milhares de foliões treinam as gargantas e as pernas e confeccionam seus enxovais coloridos, duas oficinas trabalham intensamente preparando a decoração que enfeitará a cidade.

O PROJETO VITORIOSO

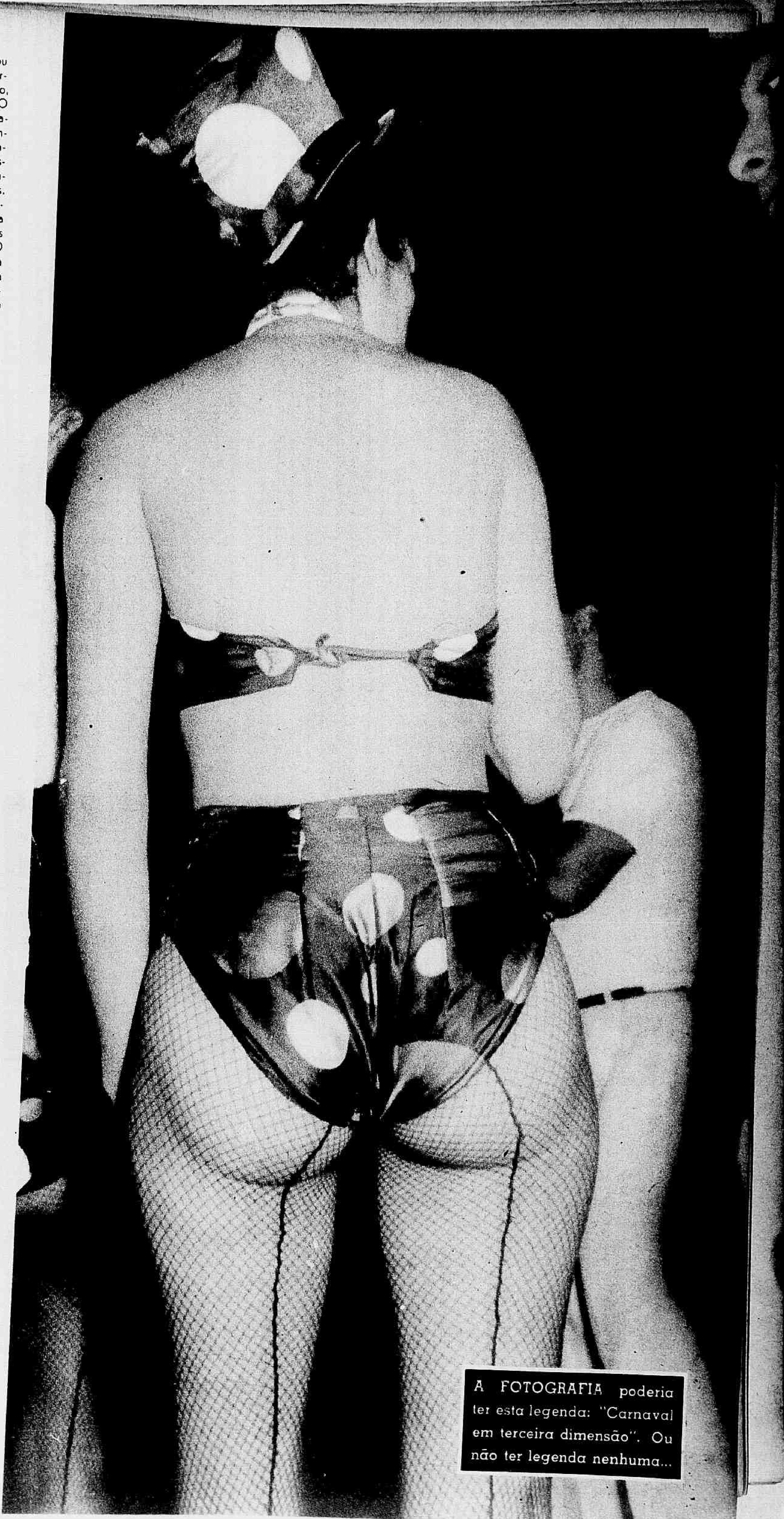
Essa decoração foi produto dum renhido concurso lançado pelo Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura. Os vencedores são dois nomes conhecidos: os pintores Santa Rosa (Paraíba) e Léo da Silveira (Paraná).

Hoje, ambos se encontram em plena faina dirigindo uma equipe de duas centenas de operários, em dois barracões armados para êsse fim. Um, em Bonsucesso, outro no «boulevard» 28 de Setembro. Estivemos observando as atividades neste último. O barracão é enorme e a atividade ruidosa lá dentro. O projeto Santa Rosa promete uma renovação completa no sistema de ornamentação que tem sido feito nos anos anteriores. «Aqui trabalhamos vinte e quatro horas por dia, o trabalho é imenso e temos que dar tudo pronto antes do carnaval», disse-nos um dos responsáveis pelo trabalho.

Toneladas de tábuas está consumindo a confecção dos painéis. Sòmente as tábuas, segundo êles, levarão cêrca de 700 mil cruzeiros, dos três milhões que a Prefeitura entregou aos encarregados da decoração da cidade. Esta é a quantia destinada a fantasiar o Rio de Janeiro para os foliões e os turistas que desembarcarão nestas plagas. Segundo os croquis que folheamos, arcos imensos cobrirão a Avenida Rio Branco. Um motivo intitulado «Tabuleiro da Baiana» será erguido na Praça Onze e uma imensa árvore giratória será «plantada» na Cinelândia no lugar do antigo pinheirinho. «Não nos prendemos a um tema exclusivo», explicou Santa Rosa, «preferimos fazer uma ornamentação de inspiração puramente carnavalesca, livre, colorida e movimentada, como o próprio Carnaval. Salientamos sobretudo, o jôgo de côres e luzes e o movimento das figuras decorativas». E assim é. Um novo estilo, «funcional e popular» como diriam os entendidos, vai ornamentar o carnaval de 54. O compromisso de Santa Rosa e Léo da Silveira é sério e êles terão de fazer os três milhões da Prefeitura resultar num espetáculo à altura da propaganda que vem-se fazendo para êsto ano.

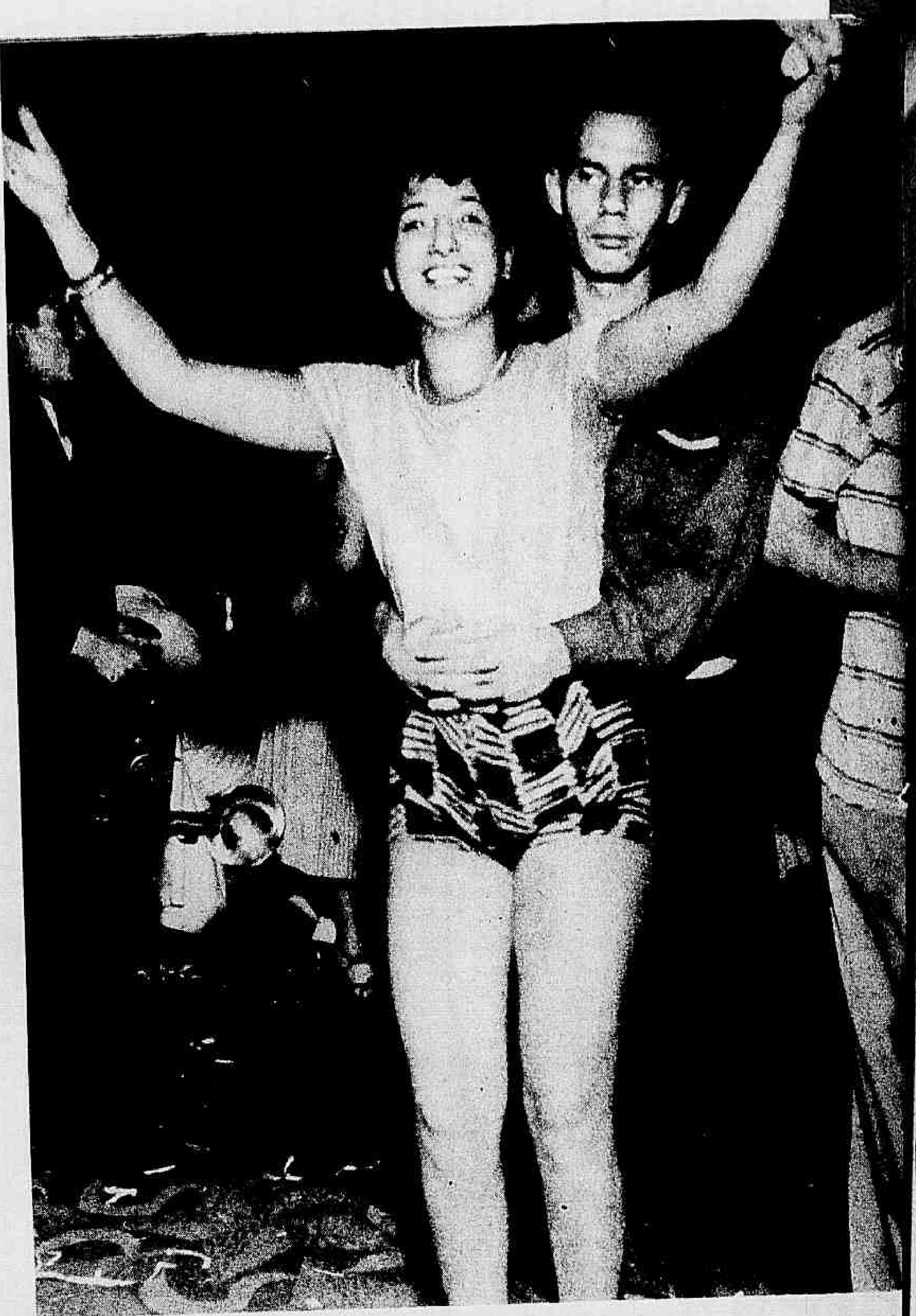
E OS TURISTAS ESTÃO CHEGANDO...

O Departamento de Turismo, que de alguns anos para cá está de dono e fêsteiro da festa momesca, se confessa impossibilitado de arranjar acomodação para o número de turistas que



A FOTOGRAFIA poderia ter esta legenda: "Carnaval em terceira dimensão". Ou não ter legenda nenhuma...





NA

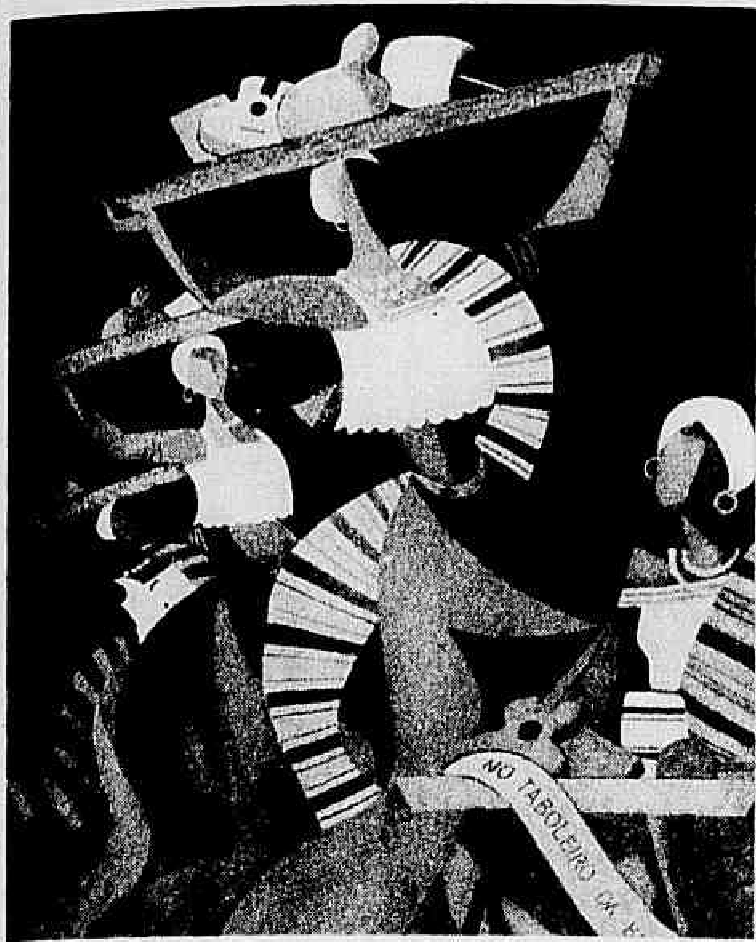
prete
dias
cas j
dos.
feita
mais
paca
na s
dent
ao D
mais
turist
Rio
tadís





TODO DOMINGO ESTOURA O
CARNAVAL NO QUITANDINHA

SANTA ROSA JÁ PINTOU A NOVA FANTASIA DA CIDADE PARA O [illegible]







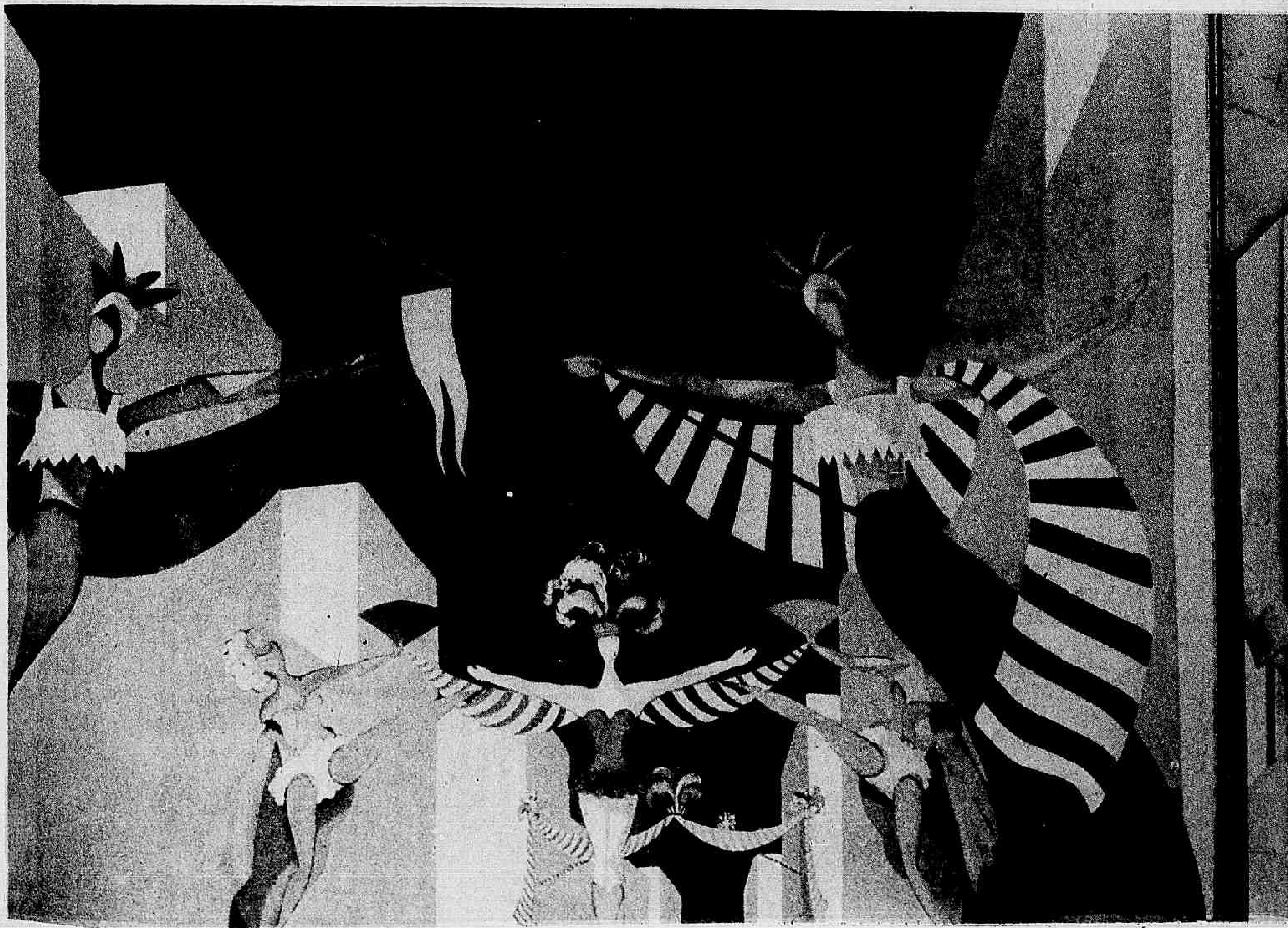
NA FOTO da esquerda um tema de baianas. À direita o frevo numa bela expressão. Ao centro, Santa Rosa, responsável pela fantasia nova da cidade.

pretendem apreciar de perto os três dias de «vale tudo». Os hotéis cariocas já se encontram totalmente ocupados. Centenas de reservas se encontram feitas com larga antecedência. Não há mais vaga nos estabelecimentos de Copacabana e dos outros bairros da zona sul. Avalanches de pedidos procedentes de vários países têm chegado ao Departamento de Turismo que nada mais pode fazer. Apenas uns dez mil turistas poderão dispor de leitos no Rio de Janeiro dentro da nossa limitadíssima capacidade hoteleira. Se mais estabelecimentos tivéssemos mais visitantes teríamos. Cêrca de 50 mil turistas europeus, americanos e sul-americanos aqui estariam durante os três dias de Carnaval, se a cidade pudesse recebê-los. Entretanto, entra ano, passa ano, sem nenhuma solução para prejuízo da nossa indústria turística que tem nos festejos de Momo uma das maiores atrações.

... E O CARNAVAL JÁ COMEÇOU

E enquanto se prepara a fantasia da cidade a festa pràticamente já começou. Os bailes se sucedem nos clubes da cidade, os morros estão em polvorosa e os blocos já desfilam em ensaios preparatórios. A Quinta da Boa Vista é invadida cada sábado e domingo por milhares de foliões, com fantasia ou sem fantasia, armados de tamborins e outros instrumentos. A cantora Ângela Maria, a «princesa do Rádio», já elegeu os seus sucessos para os três dias monumentais: «Aquêle amor» e «Pedaço de pão», enquanto Dircinha Batista apresentará sua gravação: «A mulher que é mulher».

Em resumo, aí temos a cidade já dominada pelas brigadas do gordo monarca que antecipou a brincadeira aliás, com a vitória do Flamengo, que levou milhares e milhares de cariocas a um intempestivo arroubo esportivo-carnavalesco. Estamos assim, totalmente sob o signo da brincadeira. Não é demais, portanto, a gente repetir o que nos disse o sambista Zé Praxedes outro dia numa mesa de café: «A situação está difícil, precisamos de um govêrno forte. Todo o poder ao Rei Momo, Primeiro e Único».



OUTRA monumental (20 mts. de altura) fantasia com tema de bailarinas que enfeitará o carnaval de 1954.



AFONSO ARINOS

CASTELLO

AFONSO Arinos mantém na Câmara dos Deputados dessa terceira República populista e getulista um estilo humano que, se pudesse ser classificado, o chamaríamos de Segundo Império. À primeira vista, isso poderia parecer que o apontamos como uma espécie extravagante de reacionário, o que em absoluto não corresponde à verdade. Êle é Segundo Império autêntico, um deputado liberal, de inclinação republicana, abolicionista, informado com avanço das idéias progressistas da sua época.

Mas o que dá da sua pessoa a impressão de recuo no tempo é que êle se move dentro de um código de honra e de inteligência completamente inatuais. Em primeiro lugar, êle é um deputado culto, de letras humanísticas, de formação filosófica e jurídica, de bom trato com as letras e a poesia, que foram de resto durante a mocidade sua aspiração principal, seu aconchego e sua vida. Disso resulta que, além de haver-se assenhoreado de um padrão superior de conduta intelectual, Afonso Arinos reage, nas conversas, nas discussões, com uma isenção científica e um espírito de ironia que, à generalidade dos seus pares, ou passam, uma e outra, desapercebidas ou são tomadas como traduzindo uma tal ou qual ingenuidade política, o que não deixa também de ser verdadeiro.

A essa marca intelectual, Afonso Arinos, em segundo lugar, acrescenta, já aí por uma certa dificuldade em distinguir os planos, o veso de aplicar a coisas e a fatos políticos padrões de julgamento e recursos de expressão que êle aprendeu nas rodas literárias. Lembro-me, por exemplo, da facilidade com que, sem intenção de ofender, Arinos classifica quase de público amigos queridos na política como «energumenos», coisa que, para espanto dêle, causa às vítimas a maior indignação.

Finalmente, a educação requintada, acúmulo de três ou quatro gerações ilustres, alia-se à cultura e à terminologia literária para torná-lo,

nesta Câmara de hoje, um bicho realmente raro, só intelegível literalmente por uma meia dúzia...

É evidente que Afonso Arinos não se destinou originàriamente à política. Se nela ingressou terá sido antes como uma espécie de suplente de Virgílio, o político por excelência da tual geração dos Melo Franco. A morte prematura do irmão lançou-o na bôca da liderança e de uma carreira que, se as coisas melhorarem no país, será das mais brilhantes. Já que chegou à vida pública é inútil negar que a vocação de Afonso Arinos, no seu «metier» de circunstâncias, é uma pasta. Duas ou três delas lhe ficam muito bem. A da Justiça, por exemplo. O Itamarati, nem se fala. É positivamente o seu sonho. E dizer-se que êle a recusou há poucos meses, que a teria agora, hoje, se quisesse! Os homens que fazem qualquer restrição à conduta oposicionista do líder da UDN parece que não possuem padrões exatos para medir atitudes como esta que dificilmente ocorreria com a imensa maioria dos políticos neste momento inegàvelmente subversivo.

Os seus pecados políticos têm decorrido quase todos das suas virtudes, e decepciona quando promete um discurso de oposição e faz um discurso de análise, é que o historiador o traiu e secou a paixão oposicionista. Se visita o gabinete do ministro Osvaldo Aranha, comprometendo pùblicamente a posição do seu partido, é pela educação, que o faz de certo modo solidário a um velho amigo do seu pai e do seu irmão, em quem confia como os outros confiaram.

Essa fidelidade a Aranha, que não é pecado só dêle, mas de tôda a cúpola da UDN, a começar do brigadeiro Eduardo Gomes, vai ao ponto de aceitar como válidas as próprias violações da lei feitas pelo ministro da Fazenda sob pretexto salvador.

Os seus discursos provocaram alguns equívocos épicos entre êle e a opinião pública. Lembro-me de uma noite em que o procuramos depois de um discurso cuja repercussão fôra a mais desastrosa para a oposição. Ao nos receber em sua casa, Afonso Arinos tomou-se de surprêsa e irritação com o efeito das suas palavras, pois estava de saída para uma recepção, de cabeça tranqüila, certo de que havia deitado uma pá de cal sôbre o govêrno de Getúlio Vargas.



Sereno de expressão, tranqüilo, Afonso Arinos em certos momentos parece ter presente no íntimo, a modelar-lhe as palavras, a sensação de filho mais novo que ainda não se aparcebeu de que sua juventude vai a cada dia tornando-se relativa a êsse esquema interior invisível e que perante os outros êle é, agora, verdadeiramente o Afonso Arinos e o Melo Franco, o varão representativo e conspícuo, a quem vai-se tornando cada dia mais difícil perambular pelo cais do cena com o poeta Vinícius de Morais e jantar altas horas com o seu caro cronista Rubem Braga.

Êle ou alguém por êle determinou outro rumo aos acontecimentos, que não é um roteiro lírico. Poderá levá-lo a uma glória fulminante, a cujo esplendor faltará, porém, o brilho das estrêlas que lhe iluminaram a adolescência e a nocidade.

★

AFONSO ARINOS — É heráldico demais para ser um líder, dizem dêle.

a SEMANA em REVISTA

ACONTECEU EM SÃO PAULO

ANCHIETA E NÓBREGA

LUIS MARTINS

O paulistano médio toma a sua média e resolve-se a enfrentar o dia. Sente-se perfeitamente integrado na atmosfera trepidamente da sua cidade, no seu terno de tropical beige, na sua classe social. Paulistano cem por cento. Está farto de saber que São Paulo é "a cidade que mais cresce do mundo", mas não deixa de sentir um secreto prazer quando, no lotação, ao ler o jornal da manhã, verifica que os jornalistas não se esqueceram de proclamar mais uma vez essa indiscutível verdade. Entretanto, finge para si mesmo uma displicência de bom tom, e intimamente alça os ombros, ante a evidência meridiana dos fatos. Ora, que novidade! Na segunda página, fala-se na Bienal, "mais importante que a de Veneza". Ahn! A máscara do paulistano de pedra, mas no fundo não pode escapar a um "frisson" involuntário de orgulho. Está habituado a essa atmosfera de grandezas, numa terra em que tudo é maior — o maior parque industrial da América Latina, os maiores arranha-céus do Brasil, o maior futebol do mundo — e, familiarizado com essa valorização quantitativa das coisas, das instituições e dos próprios homens, tem uma certa tendência a tudo medir em têrmos absolutos e superlativos. No momento, preocupa-se em saber quem foi maior: Nóbrega ou Anchieta? Com a mesma preocupação acurada com que se perde em longas reflexões, procurando decidir se Garcez é maior do que Jânio Quadros, se Jolly Jocker é maior do que Cyro, ou se o São Paulo é maior do que o Corintians.

● Dir-se-á que a discussão travada em tôrno dos dos famosos jesuitas, com a finalidade de se estabelecer definitivamente quem fundou São Paulo, é uma questão puramente acadêmica, que interessa apenas aos historiadores e aos eruditos, sem qualquer ressonância no espírito do paulistano médio, que espera o ônibus na fila, registra seus lucros e perdas no escritório, e sofre cortes diários de energia elétrica em casa. Ledo engano. A polêmica começa a se espalhar pelo âmbito público, apaixonando partidários de uma e outra corrente, adeptos de Nóbrega e torcedores de Anchieta, embora muito pouca gente perca o tempo lendo detalhadamente os longos arrazoados dos historiadores que pugnam em favor de um ou de outro. Fica tudo mais ou menos na esfera do palpite e da opção sentimental.

● Essa dúvida sôbre a exata personalidade do fundador de São Paulo mexe com o amor próprio do paulistano, que ama apaixonadamente a sua cidad[e] e não pode admitir que a sua paternidade perma[n]eça nessa sombra equívoca que amargura a vid[a] de muita gente, filha de pois incógnitos... Nóbreg[a] apoia-se no depoimento da maioria dos documentos históricos, mas Anchieta tem a lenda e a tradição por si — e por conseguinte a simpatia do povo. Até prova definitiva em contrário, Anchieta é maior do que Nóbrega.

Aliás, essas preocupações são necessárias, porque servem de diversão, numa terra que comemora pròdigamente o seu IV Centenário com congressos culturais, mas não se lembra de reservar para o povo pròpriamente dito, uma parte das verbas destinadas às comemorações. Como solenidade de sabor popular, houve no dia 25 uma imponente parada militar e cívica, além de algumas bandas de música tocando em coretos; foi, sem dúvida alguma, um belo espetáculo, mas que, apesar de tudo, não justificou essa longa espera de quatro séculos... para a realização de uma parada.

Depois disso, o que aconteceu está no poema de Carlos Drummond de Andrade: "a festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou"... até o V Centenário, quando certamente já se saberá direitinho quem fundou São Paulo: se foi Nóbrega, como querem os historiadores, ou se foi Anchieta, como teima a tradição.



Ieda Eunice e Maria Rosalina esperavam na gare da Central o último trem para o subúrbio. Mas o trem não chegava e o calor subia, subia, subia... Elas então resolveram descer, descer, descer... as roupas, exibindo a simplicidade de Eva antes de aparecer a cobra de Luz del Fuego e... se despiram. Outros passageiros que também esperavam o elétrico a abanar-se furiosamente, vendo aquêle espetáculo absolutamente gratuito, aproximaram-se das duas mulheres. Loucas? Débeis mentais? Nada disso. Calorentas e impacientes. Os guardas intervieram e as duas calorentas filhas de Eva foram levadas para a Delegacia de Costumes e Diversões, onde foram autuadas por ofensas ao pudor. Êste flagrante dá uma idéia da «diversão» de nossos «costumes».

COISAS E GRAÇAS DE SÃO PAULO

CARLOS MARIA DE ARAÚJO

RONDA — A polícia exorcizou certas casas em certo bairro da cidade. Revoltas, gritos e arranhões no rosto dos policiais. Depois, o xadrez. Quem não arranhou, anda rondando por aí...

TRIANGULO — Diz-se que chegarão a qualquer momento o virtuose Porfirio Rubirosa e a senhora Barbara Hutton. Casaram, o que aliás um e outro têm feito contra diversos, com uma insistência digna de aplausos. Se de fato vierem (Barbara caiu no banheiro e quebrou a perna) o triângulo estará formado com a chegada de Zsa Zsa Gabor que ainda há dias se queixou daquele herói porque não só não casara com ela, como prometera em privado, mas ainda a esbofeteara em público. E aos costumes disse nada. Zsa Zsa Gabor no entanto está na fila. Sua hora chegará e Deus é grande (Rubem Braga). Tudo isto por causa do Festival do Cinema na tua cidade, ó José Anchieta S. J.!

NATAÇAO — Aconteceu a festa dc Paulinho de Carvalho, na vila Helena, que tem acácias, um mordomo húngaro e uma piscina azul. Tônia Carrero e Ilka Soares vieram com roupas 1900. Lindas! Muito mais tarde, Adoniran Barbosa e outros despiram-se a caíram nágua. Outros ainda (não digo, não digo e não digo) caíram no uísque. Alguém assoviou aquela valsa de Orestes vendo a topografia de Maria Dilnah. Ninguém viu chegar Mauricinho Barroso e suas barbichas nem tão pouco a cunhada Inezita. Todos viram, porém, Araci de Almeida saltar de dentro de um caminhão de aluguel, queixando-se muito do preço do frete.

ONDE O CÉU AZUL É MAIS AZUL — No Esplanada e no bar do Comodoro todo mundo se encontra. Também todos conhecem o Incógnito (o que parece um disparate). No Michel e no Nick gasta-se mais ou menos. O bom é ainda o Clubinho dos Artistas onde está a KiKi (1900) e um piano, e por onde circula o «monsieur» Banderrá que é o Bandeira do Ceará e da pintura abstrata, antes de embicar para Roma onde vai beber 1 milhão de liras. Cuidado: eu escrevi **lira** e não **libras**.

«THE TOURIST TRADE» — Para os turistas americanos, uma metalurgia fêz cunhar um delírio de moedas comemorativas do Quarto Centenário. O pior é que as moedas ficaram iguais às de 1 dólar. Excesso de zêlo...

«SIC TRANSIT» — Diz a filha de Júlio Ribeiro que seu pai foi o idealizador da bandeira paulista. Mas o homem da «Gramática» e de «A Carne» tem o monumento funerário (uma coluna muito alta com umas coisas em latim) se esboroando.

«QUATROCENTAS VELAS» — Dinah Silveira de Queiroz acendeu as quatrocentas velas espetadas no bôlo que ela ofereceu aos amigos na noite de 24 de janeiro. Uma enorme bandeira paulista foi passeada na pelouse da casa onde a festa aconteceu. Em dado momento Luís Coelho deu o braço a um eufórico, ensaiou com êle um «pas-de-deux» e entregou-o ao chofer de um taxi.

RODAPÉ — Já não estamos no tempo dos romanos, e, que estivéssemos, nunca êste colunista mereceria que lhe acrescentassem ao nome (Carlos Maria) o título de Augusto, como aconteceu nas últimas R. S. Araújo... e nada mais.

CINEMA


KIRK DOUGLAS

ALGUNS dos filmes que veremos em 54 nos descontòrtáveis (com raríssimas excessões) cinemas desta cidade: «The charge of Feather River» (Investida de bárbaros) — direção de Gordon Douglas, com Guy Madison, Frank Lovejoy, Helen Westcost e Dick Weston. (Warner); «Act of Love», direção do russo Anatole Litvak, com Kirk Douglas, que está em tôdas, e a francesa Dany Robin. (United); «Wicked Woman», direção e produção de Clarence Greene e Russell House, com a «estrêla» de «Eco do Pecado», Beverly Michael e mais Everlyn Scott e Percy Helton. «Three sailors and a girl» (Três marinheiros e uma garôta), direção de Roy DelRuth, com Jane Powell, Gene Nelson, Gordon McRae e Robert E. Leonard. (Metro).

O CINEMA REX, que de uns tempos para cá se notabilizara por apresentar os excelentes filmes classe B, da Metro, e pela exibição de uns tantos filmes inglêses que os «severianos» insistem em boicotar, fechou. Fechou tardíssimo, mas fechou. Segundo consta, a intenção dos «severianos» era transformá-lo no primeiro cinema brasileiro adaptado para a terceira dimensão, mas como a terceira dimensão, pelo menos no momento, não é uma técnica comercialmente boa de ser explorada, os americanos não parecem interessados em continuar a produzir filmes em 3-D. Assim o Rex teria fechado à-toa. Isto é, teria fechado à-tôa se não fôsse um dos mais imundos cinemas do Rio, verdadeira lata de lixo da Cinelândia. Espera-se, portanto, que os «severianos», mostrando um mínimo interêsse pelo público que lhes paga, tratem de fazer uma limpeza em regra na velha sala de espetáculos.

O DIRETOR Watson Macedo, responsável por alguns dos piores filmes nacionais, se é que existe filme nacional pior, já está trabalhando o próximo abacaxi. Vai chamar-se «O petróleo é nosso» e tem no principal papel feminino Adelaide Chiozzo, que canta mal, mas em compensação representa pior ainda. No elenco um novo canastrão chamado John Herbert e a gordíssima Violeta Ferraz.

A FALTA de honestidade dos exibidores com relação aos filmes reprisados continua e provàvelmente continuará até que a Delegacia de Costumes e Diversões tome uma medida. Ainda na semana passada, uma fita de Cantinflas foi exibida em uma dezena de cinemas do circuito do Pathé sem que nenhum dêles anunciasse na entrada que tratava-se de um filme antigo, exibido no Rio há uns cinco anos. Não, os exibidores calam, fingem até que se trata de uma nova fita e esbulham aquêles que não se dão ao trabalho de apelar para a memória na hora de entrar num cinema.

TEATRO


LAURA SUAREZ

UMA nova companhia de revistas no Carlos Gomes, emprêsada por Siwa que há coisa de um ano saiu do Rio como simples corista de «boites» e agora volta como empresária e vedeta. «Eu quero me rebolar» chama-se o espetáculo e está assinado pelos prolixos J. Maia e Max Nunes. No elenco, além de Siwa, o indefectível Grande Otelo, Pedro Dias e o Trio de Ouro com as Pastoras de Jupira, fazendo no palco mais ou menos as mesmas coisas que faz na pista de danças do «Night & Day».

OS ARTISTAS UNIDOS, dirigidos por Morineau, depois de uma temporada cheia de complicações com a censura, em Belo Horizonte, estão em Niterói, no Teatro Municipal, com a peça «A cegonha se diverte». A seguir serão apresentados todos os outros sucessos do elenco, tais como «Mulheres feias», «Jezebel», «A mulher sem alma», «Daqui não saio», etc. Morineau, Laura Suarez, Fernanda Montenegro, Farancisco Dantas, Cilo Costa, Lígia Nunes, Antônio Victor, Maria Paula, René Bell e Noberto Norton são os componentes do elenco.

SÒMENTE até março ficará no Teatro Dulcina a peça de William Archibauld — «Os inocentes». Mesmo com o sucesso incontestável do espetáculo, onde atuam Dulcina, Conchita de Morais e os garotos Birunga e Terezinha, a medida será tomada, devido ao compromisso assumido por Dulcina e Odilon que, nos primeiros dias de março, deverão estrear em S. Paulo, no Teatro Santana, com a peça de Raimundo Magalhães Jr. — «O Imperador Galante».

O TEATRO JARDEL, para a temporada pré-carnavalesca, em vez de mudar o cartaz, resolveu continuar apresentando a revista «Marreta o bombo», transformando-a porém em revista carnavalesca. Além de Evilázio Marçal e Glária May, que continuam comandando o elenco, alguns cantores e nomes do rádio foram convidados para tomar parte, inclusive a excelente sambista Araci Côrtes, há muito afastada do palco se excetuarmos aquela sua rápida aparição na revista «A Casa da Viúva Costa», que dourou pouco no cartaz.

ISSO DE ESCOLHA dos melhores disso, os melhores daquilo, a revelação do ano ou a melhor da temporada, só dá em besteira. Os críticos teatrais se reúnem para deliberar quais devem ser os premiados mas, raramente, conseguem impor seus pontos de vista. E isso explica-se: é que a associação a que pertencem é a mesma daqueles que um dia foram críticos teatrais ou que nunca foram e só Deus sabe porque são sócios. Resultado: êsses elementos estranhos ao «metier» fazem cabala, dão votos absurdos e, no fim, a lista de premiados é um verdadeiro disparate. E lá vem o sr. Paulo Babão como o melhor autor nacional, o Odilon como melhor ator ou a filha do cômico Oscarito eleita a maior revelação teatral de um ano em que surgiram Tereza Austregésilo, Beatriz Consuelo, Rosamaria Murtinho e Selme Silva.

CHAMPANHOTA

PETER


ALI KHAN

● E da noite de 53 para o dia de 54 São Paulo tornou-se o eixo social (presença do príncipe Ali Khan e vitória de El Aragonez), político (voltou tudo à estaca zero) e artístico (II Bienal) de todo o Brasil. Para lá foram cronistas políticos, sociais, esportivos, culturais, enfim, os olhos do mundo ficaram voltados para a capital bandeirante. É raro alguém que não tenha comprado um livrinho ou folheado um folheto, ou lido mesmo alguma coisa mais sólida sôbre o desenvolvimento e a história daquele grande Estado. São Paulo virou notícia.

FRANÇOIS DUPRÉ PARA A VENEZÚELA

● François Dupré, um dos maiores criadores de cavalos e dono da mais importante cadeia de hotéis do mundo (Jorge V e Plaza Athenèe, entre outros), depois de assistir às corridas paulistas do IV Centenário e ser alvo de várias manifestações de simpatia partiu para a Venezuela. O sr. Dupré está passeando.

FERNANDO FERREIRA DÁ A BOLA

● Naquela tarde, o apartamento de Fernando Ferreira parecia que ia estourar de tanta gente a beber «whiskey». Ouviram música, beberam, contaram casos e foram terminar a noite no «Vogue». Isto é, terminar a noite e um pedaço da manhã. A rainha da noite foi Helene, com camisa do time de Fernando, mandada de Cannes pelo sr. Manuel Muller.

COUNTRY CLUB

● Está sendo muito comentado o grito de carnaval do Country Club. Animadíssimo, tendo vários artistas como animadores, inclusive Black Out, Jorge Veiga e o mágico Bené, foi um verdadeiro desfile mascarado do nosso «Café society». Na mesa do presidente do Clube, as sras. Vicente Galiez, Lucita Crespi, o Nh Fornari, embaixador italiano e o sr. e sra. Ermelindo Matarazzo. O grupo mais animado foi o do sr. Sérgio Chemont de Brito e sra. Hilde Caravaglia, todos de presidiários. Havia alguém fantasiado de homem do século passado, com cartola e tudo que, graças à maquilagem, não pôde ser identificado. Havia ainda o animadíssimo grupo do irmão (Maria Eugênia e Vitório) Romaneli, com o industrial e sra. Giógio Pimpineli, srtas. Terezinha Simões Soares, Hedy Gualberto de Oliveira e srs. Elígio (Ciccio) Carimati e Luís Carlos Tedim. A festa foi de arromba.

OS ARTISTAS VÊM AÍ

● Para receber os artistas de tôdas as partes dêste planêta, foi escolhida uma Comissão de Recepção. Trata-se do sr. Ibrahim Sued, Gilda Rubichez, Vera Mendes Pimentel, Fernando Ferreira, Jacinto de Thormes, Hélio Ciprini, Cláudio Silveira, Válter Quadros, Lourdes Lessa, Murilo Godin, e Carlos de Laet. Muito bem escolhidos os nomes. Estão de parabéns os artistas que virão ao Rio, depois de comparecer ao Festival Cinematográfico de São Paulo.


SILVANA PAMPANINI

JACK PELICKS VAI À EUROPA

● Enquanto o sr. Jack Pelicks embarca para a Europa para ver de perto as novas modas para a sua «Canadá de Luxo», chegam pelo «Conte Grande», navio italiano de primeira grandeza, os primeiros artistas europeus para o Festival Internacional de Cinema. Trabalho para a Comissão de Recepção. Trabalho gostoso, por sinal.

JANTA-SE NO LEBLON

● Transcorreu de parabéns o esportivo e elegante jantar do sr. Ulisses Rodrigues na sua nova casa no Leblon. Muita gente presente e, entre elas, naturalmente, a srta. Anna Rosa Lemos Lessa.

MAIS UMA CIGARRA

● O meu velho (25 anos) colega e amigo César Mesquita casou-se com Clarita Ramos, filha do escritor Graciliano Ramos. Foi um casamento cem por cento «Correio da Manhã», pois o sr. Paulo Filho foi o padrinho do noivo. No próximo verão talvez haja mais uma cigarra.

Semana POLÍTICA

CONCURRÊNCIA DAS ELEIÇÕES

C. C. B.

Os técnicos em manipular o eleitorado alegavam, em 1950, que nenhuma solução de acôrdo poderia ser firmada entre os partidos para disputa da presidência da República em virtude da coincidência do pleito federal com os pleitos municipais e estaduais. Sendo òbviamente a disputa municipal aquela em que mais se empenham as células do partido, será em função dela que as outras duas terão de se orientar. Os entendimentos de cúpola poderiam chegar a construções como essa: UDN-PSD disputam no município, aliados, a prefeitura, enquanto no plano estadual PSD-PTB têm candidato comum ao govêrno e no plano federal UDN-PTB se juntaram em tôrno de uma mesma candidatura. Isso para ser conciliado num dia só é o que se chama o impossível em matéria eleitoral, tudo indicando que os interêsses mais vivos, que são os da disputa do poder local, haverão de se impor sôbre os demais.

É provàvelmente a êsse fator que se deve atribuir o fato de terem os chefes eleitorais do PSD, visando antes de mais nada à sua própria vitória municipal ou pessoal, aberto mão do seu candidato à presidência da República (Cristiano) para votar naquele que era mais fàcilmente aceito pelos eleitores. A própria UDN chegou em vários municípios a distribuir cédulas de Getúlio para conquistar para os seus candidatos a prefeito a simpatia do eleitorado.

Foi alegando a confusão que a coincidência de eleições iria provocar que Israel Pinheiro, secretário geral do PSD, propunha então um escalonamento das eleições, de maneira a impedir que duas delas se processassem ao mesmo tempo e os problemas específicos de uma anulassem os de outra. Em 1955, entretanto, vamos ter uma eleição presidencial inteiramente liberta da companhia de disputas municipais. Os deputados e senadores, os prefeitos e vereadores, onze governadores de Estado estarão eleitos, devendo o pleito concentrar-se exclusivamente em tôrno do presidente da República. É verdade que em 9 Estados haverá eleições para governador, mas a coincidência sendo apenas para a escolha de dois chefes supremos — o do Estado e o da República — não haverá maiores complicações, muito embora, é óbvio, a campanha dos candidatos estaduais tenha de subordinar à sua filiação na sucessão presidencial.

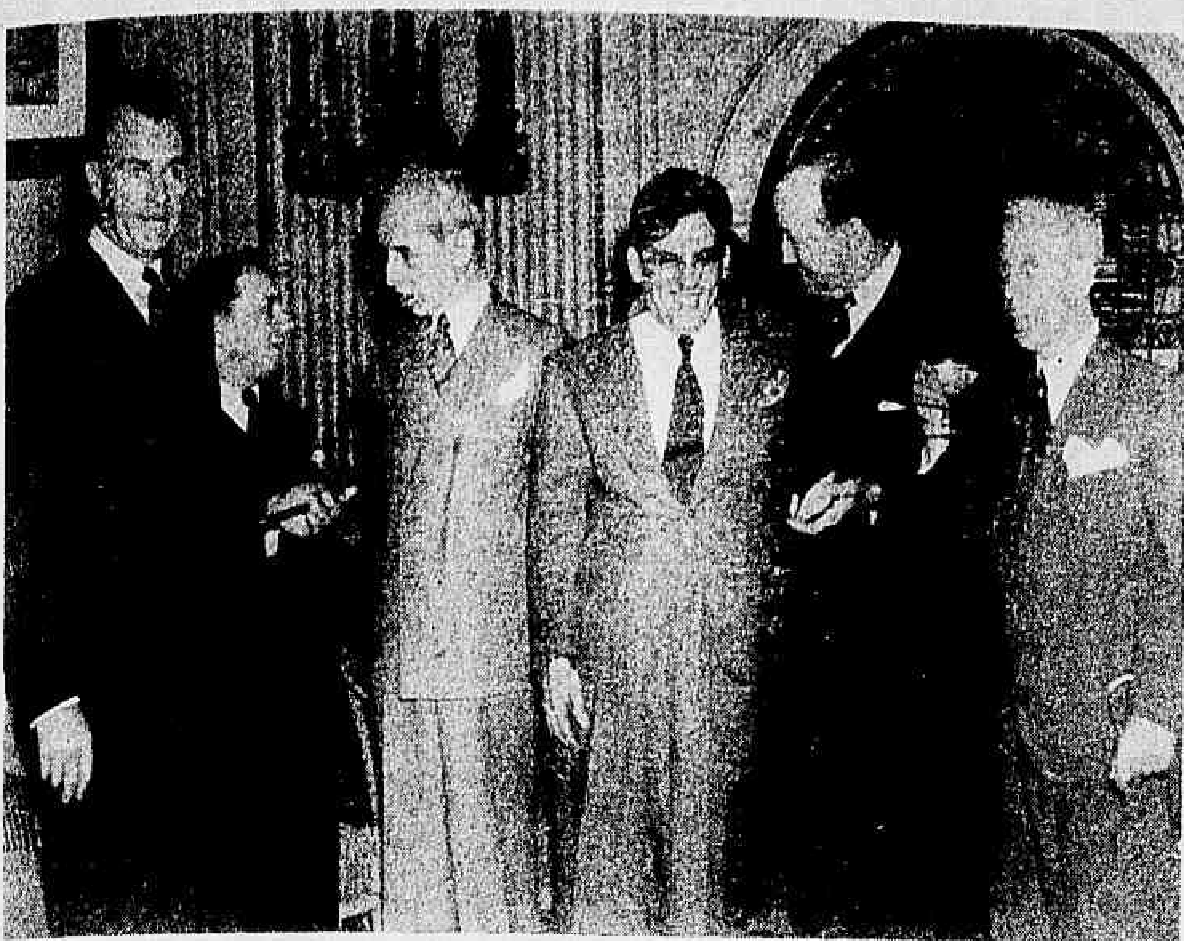
O fato que cumpre ressaltar é que em 1955 o presidente da República será escolhido pelo eleitorado independentemente de injunções pessoais. O povo estará em condições de escolher com mais isenção e melhor. E os partidos terão oportunidade de se entender no terreno exclusivo do interêsse nacional, pois a posição que adotarem não poderá prejudicar os correligionários, direta ou indiretamente. Há portanto uma esperança. Existem condições excepcionais para um acôrdo elevado dos partidos para fazer o sucessor de Getúlio Vargas.

Perfil político



JOÃO GUILHERME LAMEIRA BITTENCOURT — Quem o vê na Câmara, acredita estar diante de um homem cuja carreira política foi plácida e serena. Não é nada disso. O Lameira — como é conhecido em Belém do Pará — teve vida agitada desde os tempos remotos de estudante. No período do govêrno Bernardes, encabeçou a greve estudantil de protesto contra a prisão de Bruno Lôbo; fundou depois um jornaleco chamado "Vida Acadêmica" e foi prêso durante uma passeata de reação ainda contra o govêrno do velho Bernardes. Sua primeira função pública foi a Promotoria da capital. Exerceu depois vários cargos de destaque: procurador interino da República, chefe da Assistência Judiciária, procurador geral (demitido), vereador em 36 pelo Partido Liberal do major Barata e advogado e professor de 37 a 43. Neste período seu escritório de advocacia funcionou por assim dizer clandestinamente como núcleo reacionário do partido chefiado pelo major Barata. Foi depois secretário geral do Estado e Interventor em 1943.

O fato de incontestável altitude na sua vida política foi marcado pelo acontecimento de 29 de outubro de 1945: quando voava do Pará ao Rio, para assumir a Interventoria do Estado, o Exército tirou Getúlio do Catete. No período constitucional foi eleito na chapa do PSD e reeleito finalmente na presente legislatura. O deputado paraense participou dos movimentos revolucionários de 30 e 32. Mas, a fidelidade política ao seu partido e ao major Barata tem sido a característica da sua vida pública: há 24 anos que Lameira acompanha Barata em tôda linha. No plano federal é 100% fiel ao PSD. Tanto que, certa vez apresentou uma emenda à Constituição prevendo a perda do mandato para os deputados acusados de traição partidária. Lameira Bittencourt tem hoje apenas 45 anos de idade e não é otimista nem pessimista quanto ao futuro do Brasil. Neste instante em que todos falam de esquema, acôrdo político e frente única, o político de Belém sorri e observa que todos os acordos são possíveis e praticáveis desde que se ponham as cartas na mesa e se revelem as condições da paz política. Êle se acha inscrito no concurso para a cadeira de Direito Penal da Faculdade do Pará. Se seu eleitorado roer a corda em 55, o professor defenderá a tese apresentada para a cátedra daquela cadeira: Da Eutanásia.



CANDINHO BANQUETEADO

A foto, dipiana, é de julho de 1941. Vêem-se, nela, figuras importantes, como o ex-embaixador Jefferson Caffery, o ex-embaixador Afrânio de Melo Franco, o dr. Herbert Moses, o pintor Cândido Portinari, etc. Mas a legenda dizia apenas isto: «Flagrante colhido durante o banquete oferecido pelo dr. Lourival Fontes ao pintor Cândido Portinari, no Jóquei Clube. Estiveram presentes a sra. Adalgiza Nery Fontes, escritores e altas autoridades».

DICIONÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

VETO — Pedra que o chefe do Executivo botá no caminho da obra legislativa, precisamente quando lhe faltam apenas dois dedos para conquistar o Everest. Então, depois de tanto suor e tantas lágrimas, o Presidente da República, bem almoçado, de Gregório a tiracolo e charuto à bôca, dá um solene piparote em tôda aquela trabalheira. Em nome dos altos (um metro e noventa) interêsses nacionais, rebaixo o pomposo projeto de lei a espirro de projeto. Dá uma gargalhada, veta e vai à sesta. Não sem comentar antes, num tom de gôzo indisfarçável: «Engraçado... Convenhamos que no Estado Novo êles (não eu) privavam-se de perder tanto tempo...»

ITU — Lugar onde o sr. Getúlio Vargas repousa, antes e depois de cada golpe. Durante, repousa mesmo no Catete.

CONSELHO NACIONAL DE ECONOMIA — Os conselheiros se reunem, gravebundos. O primeiro assunto em pauta é a vitória do Flamengo sôbre o Vasco e a sua influência na conjuntura financeira do país. Os conselheiros vêm de várias origens: uns do «Vogue», outros do «Casablanca», por isso divergem. Depois passam a discutir o problema do carvão nacional. Emitem-se trinta e cinco pareceres que, impressos em tecnicolor, dão um grosso volume abrilhantado com alguns nus artísticos. O volume vai ao Presidente da República, o que deve ser aconselhado pelo Conselho. O Presidente envia-o ao secretário, que por sua vez o envia ao seu secretário, que por sua vez o remete ao secretário do seu secretário. O DASP também dá o seu palpite, concluindo que o livro deveria ter 987 páginas e não 988: não estamos em tempo de extravagâncias, há que economizar para o bem do povo e felicidade geral da nação. Finalmente, tudo convenientemente examinado e estudado, volta o volume ao Presidente da República para receber o «arquive-se». E quando o carvão nacional tem notícia do que ali se disse a seu respeito, queima-se de raiva e fica vermelho de vergonha.

ALIANÇA POPULAR CONTRA O ROUBO E O GOLPE — O país vai saber, desta vez, quem está contra e quem está a favor do roubo e do golpe. Quem estiver contra é candidato a deputado na chapa da A.P. contra o Roubo e o Golpe. Quem se candidatar pelo PSD, pelo PSP e por outros partidos estranhos à Aliança é a favor do roubo e do golpe. Evidente.

INTEGRALISMO — Fascismo em ritmo de baião. Letra e música do sr. Plínio Salgado, sem dúvida um dos grandes compositores dos carnavais passados. Hoje um tanto superado, desde que a CEXIM proibiu a importação do verde.

UM NOME, UMA NOTÍCIA

● ARTUR SANTOS vai disputar uma cadeira de senador no Paraná. Embora a UDN não seja ali o maior partido, Artur Santos vai concorrer sem aliança partidária, fazendo assim não apenas um teste pessoal como Partidário. O atual presidente da UDN foi, aliás, o deputado mais votado no Paraná no último pleito.



JANIO QUADROS

● BAGUEIRA LEAL está sendo acusado de haver se infiltrado, em menos de um ano, na direção da UDN do Espírito Santo, a tal ponto que alijou de lá e das próprias fileiras partidárias os fundadores do partido. «Aproveitou-se êle de um momento de angústia financeira», disse o udenista Benjamin de Barros.

● LUÍS VIANA FILHO, muito discreto, é dos políticos mais ativos nos bastidores do situacionismo baiano. Tôda vez que há confusão, Luís Viana some da Câmara e vai direto para o Palácio da Aclamação. Por sinal que tem sumido muito, pois o governador é francamente da confusão.

● BENEDITO VALADARES tem se manifestado na intimidade receioso quanto aos propósitos do presidente da República, a cujo convívio, aliás, não foi ainda admitido. Um pessedista mineiro a propósito confidenciou: «Se o Benedito se aproximar do Getúlio, aí sim vai haver golpe».

● NEIVA MOREIRA aceitou o desafio do senador Vitorino Freire, que, falando aos jornais, disse que tudo poderia acontecer agora no Maranhão menos a eleição de Neiva para a Câmara dos Deputados. O jornal de Neiva transcreveu em manchete a declaração e promete decepcionar integralmente o senador.

● JANIO QUADROS já teve vários casos com os jornais de São Paulo. No dia da sua posse, aliás, seu discurso respondia pessoalmente a crítica de um repórter. Agora, acousou êle todos os jornais de São Paulo de truncarem suas declarações e de darem noticiário impreciso. Os jornais repeliram a acusação.

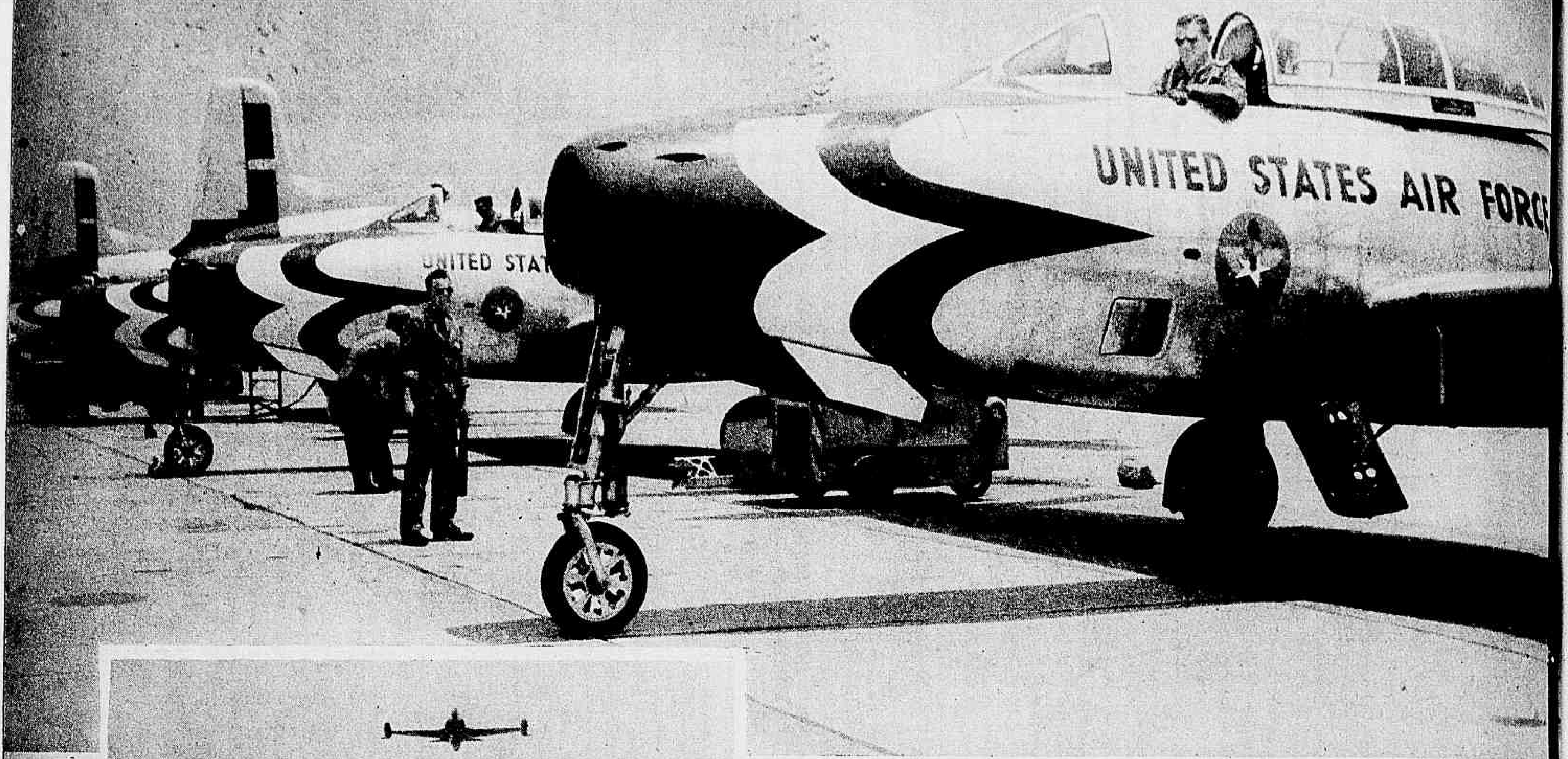
● JOSÉ ATALIBA LEONEL, interrogado sôbre se o deputado Cunha Bueno tinha realmente prestígio eleitoral para candidatar-se a governador de São Paulo, conforme pleiteiam êle e seus correligionários do PSD, respondeu: «aposto que êle se reelegerá deputado federal.



PLINIO SALGADO



ARTUR SANTOS





ÚLTIMO FLASH

Os habitantes da Ilha do Governado especialmente os que residem nas ime diações do aeroporto do Galeão, tive ram oportunidade de admirar um do mais sensacionais espetáculos aeronáuticos do mundo moderno: evolu ções de uma esquadrilha de «Sabres» USA a jacto, já famosos nos céu da Coréia. Segundo noticiou a imprensa, iam êsses aparelhos mais ve lozes que o som, fazer demonstrações nos céus do Rio, despertand curiosidade, não apenas no povo, como entre os nossos aeronautas civ e militares. O Galeão se encheu de uma mul o ávida de novidad aérea, e, ao atingirem os «Thunderjacts», em vertiginosas evoluções, ve locidade superior a 330 metros por segundo, ou seja a cêrca de 1.20 quilômetros por hora, deu-se o esperado fenômeno do «estrondo sonoro», quando os aparelhos, desviando-se do plano de vôo, deixaram que a ondas sonoras se despegassem dos mesmos e se dirigissem para o solo. Tomou parte no empolgante espetáculo o major Charles Yeager, que foi o primeiro aviador a ultrapassar a velocidade do som.



Quando São Paulo festeja seu 4º centenario

O Decano dos jornais paulistas

CORREIO PAULISTANO

comemora
100 anos
de atividade
ininterrupta

*1 Século
de tradição
a serviço
do Brasil*



Garantindo um apreciável volume de negócios, porque circula num meio de alto poder aquisitivo

Um armista...

...é aquêle que distingue, entre os artísticos brazões de uma coleção heráldica, o de mais sugestiva significação e bom gôsto. E é êsse dom de discernir o melhor que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ